



NAGASÁQUI E DEJIMA
MARCAS DE URBANISMO PORTUGUÊS

長崎と出島
ポルトガル人の都市計画の痕跡

João Pedro Vieira da Costa Ferreira

Docente Acompanhante: Manuel Montenegro de
Figueiredo Moreira da Silva
Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada
à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,
2013

O presente trabalho está escrito conforme a Reforma Or-
tográfica de 1973

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o apoio que me deram ao longo de todos estes anos.

À Chika, pelo calor e força que me transmitiu e pelas inúmeras horas dispendidas a estudar comigo.

À avó Daditas, por desde cedo me ter ensinado a estudar e me ter dado as ferramentas para pensar.

Aos meus amigos pelas infindáveis brincadeiras e pelas noites passadas a pé tornadas mais agradáveis.

Ao arquitecto Manuel Montenegro, por me ter ajudado a quebrar o que eu achava serem os meus limites.

Aos Departamentos de Restauro de Dejima e de Planeamento Urbano da Câmara Municipal de Nagasáqui pelas informações e materiais cedidos.

ABSTRACT

Português

O presente trabalho tem como objectivo analisar a influência da presença portuguesa no traçado urbano de Nagasáqui e Dejima.

Para se usar como contraponto, foram estudados os modelos urbanos utilizados no Japão até à chegada dos portugueses ao país, nomeadamente as cidades do Japão Imperial que seguem um traçado ortogonal, e as cidades feudais, que se desenvolvem irregularmente mas, espelham sua a hierarquia social e as necessidades defensivas da cidade.

Demonstrou-se também necessária a compreensão das características das implantações urbanas portuguesas no Oriente, em muito semelhantes às do norte de África. Para melhor aprofundar estas características e as relações entre os seus edifícios públicos, militares e religiosos, foram seleccionados dois casos de estudo, Macau e Malaca, visto serem estas as cidades com uma relação comercial mais forte com o porto de Nagasáqui.

Por fim, a análise formal da estrutura urbana original de Nagasáqui e dos seus edifícios depreende uma forte influência da presença portuguesa no seu traçado. O mesmo não pode ser observado em Dejima, que, apesar das fortes influências ocidentais que sofreu ao longo dos tempos, não demonstra nenhuma marca especificamente portuguesa.

English

The intention of the present work is to analyze the influence of the Portuguese in the urban development of Nagasaki and Dejima.

To serve as a counterpoint, the urban structures used in Japan until the arrival of the Portuguese were also studied, namely the imperial cities, which follow an orthogonal planning, and the feudal cities, which are developed in an irregular way but mirror its social hierarchy and the city's need of defense.

The comprehension of the characteristics of the Portuguese settlements in the East, very similar to those in the north of Africa, was also necessary. To better understand these characteristics and the relations among its public, military and religious buildings, two case studies were chosen, Malacca and Macau, as these were the two settlements with the strongest commercial relationship with the Nagasaki port.

Finally, the formal analysis of the urban structure of Nagasaki and its buildings suggest a strong influence of the Portuguese in its urban layout. The same cannot be seen in Dejima, which, even though it suffered from a strong foreign influence throughout the years, does not show any specifically Portuguese mark.

日本語

本稿は、長崎と出島の都市計画において、ポルトガル人の存在による影響について分析を試みることを目的としている。対照比較として、ポルトガル人が到着するまでの日本で用いられていた都市モデル、とりわけ、直交する街路を基本とする帝都市、不規則な形態でありながら社会階級と都市守衛の必要性を映し出す封建都市、これらの都市を考察した。また、アジアにおけるポルトガル人の都市居住地の特徴が、北アフリカにおけるそれと非常に類似していると理解する必要があることも分かった。更に、これらの特徴および、公共建築・軍事施設・宗教施設の相互関係について、より深く知識を深めるため、マカオとマラッカを調査対象として選択した。というのも、これら2都市は、長崎の港とより強い商業関係を持っていたからである。終わりに、ポルトガル人追放前の長崎の都市構造および建築物の形態を分析したところ、それらの設計に対するポルトガル人の影響は非常に濃いと推測される。しかしながら、出島においては、その他西洋の国々の影響を長期に渡って受けてはいるが、ポルトガル人の影響を受けた痕跡は全くないものと思われる。

ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 3 |
| 2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO | 9 |
| 2.1. As Cidades Imperiais | 11 |
| 2.2. As Cidades Feudais | 25 |
| 3. CIDADES LUSO-ORIENTAIS | 35 |
| 3.1. O Estado da Índia | 37 |
| 3.2. A Cidade de Malaca | 45 |
| 3.3. O Desenvolvimento Urbano de Macau | 53 |
| 4. NAGASÁQUI E DEJIMA | 69 |
| 4.1. Forma urbana no Século Namban | 71 |
| 4.2. As Igrejas e a Sua Relação com o Território | 81 |
| 4.3. Dejima | 91 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 99 |
| 6. ANEXOS | 105 |
| A. Cronologias | 107 |
| B. Japão - A Origem da Arquitectura | 111 |
| C. Japão - Do Império ao Feudalismo | 115 |
| D. As Outras Cidades Feudais do Japão | 123 |
| E. Cartografias de Cidades Asiáticas | 127 |
| F. Japão e Portugal - O Século Namban | 137 |
| G. Cartografias e Representações de Cidades Portuguesas | 145 |
| H. Cartografias e Representações de Nagasáqui e Dejima | 163 |
| I. Glossário de Termos Japoneses | 177 |
| 7. BIBLIOGRAFIA | 181 |
| 7.1. Livros | 183 |
| 7.2. Artigos | 188 |
| 7.3. Páginas Web | 190 |
| 7.4. Iconografia | 192 |

1. INTRODUÇÃO

はじめに

“(...) a história do Japão caracteriza-se pela ambivalência e constantes oscilações entre total aceitação e total rejeição da influência estrangeira.”¹

Os portugueses, como primeiro povo ocidental a chegar ao Japão,² tiveram um grande impacto na cultura japonesa, com repercussões ainda hoje visíveis. Desde as introduções mais directamente associadas ao momento da chegada namban³, como a introdução das armas de fogo, a outras não tão facilmente ligadas ao povo luso, como vocabulários e hábitos alimentares.⁴

Nagasáqui,⁵ cidade no ocidente da ilha de Kyūshū,⁶ foi,

1__CARVALHO, Daniela de; “*Nambanjin: Sobre os Portugueses no Japão*” in “*ANTRO-POlógicas*” nº4: Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2000, p. 141

2__O Japão já tinha relações com outros povos orientais, principalmente com a China e a Coreia.

3__Os japoneses chamavam Nambanjin 「南蛮人」, ou seja ‘bárbaros do sul’, aos portugueses.

4__Como por exemplo Kasutera 「カステラ」, um famoso bolo japonês que se pensa ter sido introduzido pelos portugueses, semelhante ao pão-de-ló, cujo nome se pensa derivar da palavra “Castela”, talvez por Portugal estar sob domínio castelhano, neste período.

5__長崎, literalmente ‘longa pequena península’, apesar de seu nome provavelmente provir do seu senhor feudal Bernardo Nagasaki Jinzaemon.

6__Região sul do Japão

1. INTRODUÇÃO

no século XVI, o principal porto comercial português no Extremo Oriente. A ilha artificial de Dejima⁷ foi a última morada da presença lusa em território nipónico.⁸

É sobre as formas urbanas destes dois estabelecimentos portugueses que o presente trabalho se enquadra, procurando marcas de urbanismo e arquitectura portuguesa.

Estas marcas arquitectónicas encontram-se já muito dissolvidas nas evoluções e transformações da região de Kyushu e na destruição que se seguiu aos éditos anti-cristãos, não parecendo subsistir qualquer edifício construído por portugueses, existindo, hoje, apenas vestígios arqueológicos.

Para explicar a origem de Nagasáqui e a poder afirmar como cidade de génese portuguesa, é necessário compreender o seu contexto histórico-social, a sua morfologia original. Como tal, em busca de um ponto de confronto, demonstrou-se fundamental compreender as formas urbanas existentes no Japão, à chegada dos portugueses. Estas podem dividir-se em duas categorias: as cidades imperiais, cujo traçado era mais regular, símbolo de um poder absoluto, seguindo um modelo de quadrícula com base linear, e as cidades feudais, cujo modelo principal seria centralizado, representante dos vários poderes locais presentes no Japão, aquando da chegada lusa.

Em contraponto, tornou-se necessária a busca do ‘modelo’ de cidade colonial portuguesa para se poder estabelecer a comparação. Para tal foi feita uma análise com base em conceitos gerais da implantação da urbe e também foram utilizados como casos de estudo as cidades de Malaca e Macau, com as quais Nagasáqui estabeleceu um triângulo comercial de extrema importância, tanto pelos seus lucros, como pela divulgação do cristianismo.

7_ 出島, literalmente ‘ilha saliente’

8_ Mais tarde serviu como posto comercial da Companhia Holandesa das Índias Orientais (Vereenigde Oost-Indische Compagnie - VOC)

Por fim, foi feita uma análise da morfologia urbana de Nagasáqui, com recurso a descrições, cartografias e outros registos gráficos. Nesta, chegou-se a uma grande aproximação da estrutura urbana original, a qual foi contraposta aos modelos das cidades anteriormente expostos.

No caso de Dejima, uma vez que existem poucos registos referentes à presença portuguesa na ilha, o estudo foi baseado principalmente em registos posteriores, nomeadamente do período de ocupação neerlandesa, demonstrando-se extremamente especulativo.

Concluindo, com este estudo pretende-se então observar um episódio importante na história do urbanismo colonial, muitas vezes descurado nos estudos existentes sobre este período histórico, fortalecendo a relação entre a cultura portuguesa e japonesa (promovendo o estudo também através de uma cooperação interinstitucional).

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

日本における都市型の発展

2.1. As Cidades Imperiais

No Período Yamato, em meados do século VI, foi importada a ideia de Miyako - capital - como conceito urbano a nível territorial, sendo usada inicialmente para designar a residência imperial.⁹



figura 1
Pintura de Buda da dinastia de T'ang
(701-750)

Com a mudança de dinastia, no século VII, o Imperador Kōtoku mudou a capital para a cidade de Naniwa (actual Osaka) e iniciaram-se as expedições diplomáticas à corte da dinastia T'ang na China.¹⁰

Numa dessas expedições foi também o urbanista Aratai-no Hirabu que ficou responsável por aprender os conceitos urbanos da capital Chang'an¹¹ para desenhar a capital japonesa. Até então os japoneses, “(...) não tinham, ao contrário dos chineses, uma experiência de vida urbana (...)” que só

9__ROCHA, Joanes da Silva; “Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII” Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 34

10__MORRIS, A.E.J.; “Historia de la forma urbana - Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial” 2ª edição: Barcelona, Gustavo Gili, 1985, p.443

11__ Xi'an desde a dinastia de Ming

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO



figura 2
Mapa do Império T'ang e localização da sua capital

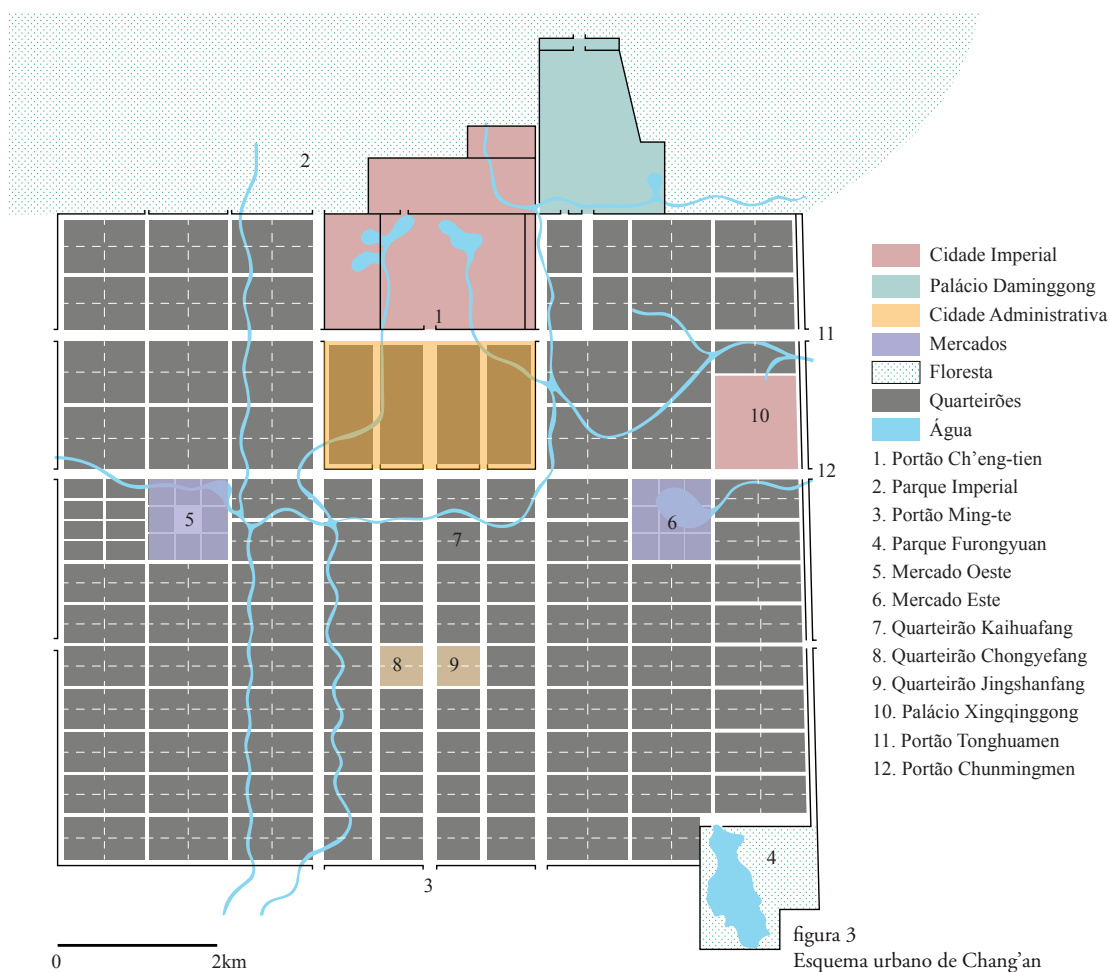


figura 3
Esquema urbano de Chang'an

adquiriram depois “(...) da introdução da capital, importada do continente.”¹², no séc. VIII d.C.

A cidade de Chang’an¹³ representa uma cidade símbolo do sistema governamental teocrático que se encontrava em vigor então, já que demonstra uma correlação intrínseca entre o local de culto e o trono. Como tal, e seguindo o seu modelo linear, esta forma urbana surge em associação com um diagrama geral social e depende de duas condições de incentivo: a cosmologia e a topografia cultural.

Chang’an, a par de Pequim,¹⁴ é das primeiras cidades mundiais que seguem este tipo de sistemas lineares, cuja organização é definida por um eixo norte-sul, à imagem dos meridianos, e por uma coordenação com uma estrutura precisa de pensamento, relacionado com o Universo e a posição central nele ocupada pelo poder governamental.¹⁵ Pode-se observar aqui a motivação para a disposição geográfica que ocupa, nas margens do rio Wei, e a disposição urbana, dentro da cidade, do seu Palácio, a norte, no fim do seu centro axial norte-sul.

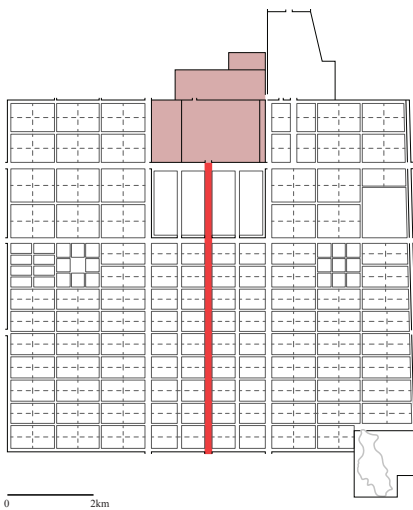


figura 4
Chang’an
Local do Palácio e eixo central norte-sul

Apesar deste modelo ter uma raiz simétrica, todas estas cidades sofreram um maior desenvolvimento na sua metade oriental.¹⁶



figura 5
Muralha de Chang’an

12_ “(...) no tenían experiencias de vida urbana (...)”, “(...) la institución de la capital fuera importada del continente (China).”

MATSUDA, Tomoya; “*Living Architecture: Japanese*” cit. in MORRIS, A.E.J.; “*Historia de la forma urbana - Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*” 2ª edição: Barcelona, Gustavo Gili, 1985, p. 442, tradução própria

13_ Durante a dinastia Tang, a cidade de Chang’an atingiu cerca de um milhão de habitantes e a sua muralha tinha um perímetro de mais de 36 quilómetros. É por este motivo que a cidade se torna um símbolo de poder no leste asiático, posteriormente utilizado pela corte japonesa, sendo incerto se isto se tratou de uma importação directa ou se chegou originalmente ao país do sol nascente através do reino coreano de Silla, cuja capital se encontrava na presente cidade de Kyongju. Em todo o caso trata-se de uma forma urbana desenvolvida no exterior do Japão, cujo modelo original também influenciou directamente as capitais imperiais japonesas, símbolo de um poder centralizador, aplicada num território que nada tem que ver com a sua criação.

SPIRO, Kostof; “*The City Shaped - Urban Patterns and Meanings Through History*” edição, Londres: Thames and Hudson, 1991, p. 33

14_ Pequim seguia um modelo urbano diferente, apesar de ser também ortogonal, apresentando ao centro da cidade uma torre sineira encontrando-se o palácio imperial a sul desta.

Ver anexo ‘E. Cartografias de Cidades Asiáticas’, p. 127

15_ SPIRO, Kostof; “*The City Shaped - Urban Patterns and Meanings Through History*” edição, Londres: Thames and Hudson, 1991. p. 33

16_ ZHONGSHU, Wang; “*Why Did The Eastern Half City (Left Capital) of Tang Chang’an City and Japanese Heijokyo and Heiankyo Capitals Become More Prosperous?*” in “*Chinese Archaeology Volume 3*” Pequim: Institute of Archaeology of the Chinese Academy of Social Sciences, 2003, p. 193

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

No caso da capital chinesa é notória uma tendência preferencial pela metade leste desde a sua origem. A residência do Príncipe Jinwang (mais tarde Imperador Yangdi), segunda pessoa mais importante a seguir ao Imperador, foi colocada a leste da via Zhuque Daije, que dividia a cidade em duas metades, no quarteirão Kaihuafang (ver figura 13).

Foi aqui também colocado o templo budista, no quarteirão Jingshanfang, mais importante, no início do período Sui, que o taoísta, que se encontrava no ponto oposto desta mesma via, no quarteirão Chongyefang.¹⁷

Para além destas condicionantes, mais teocráticas, são notórias também as melhores condições, tanto topográficas como de facilidade de meios de comunicação, dos terrenos na periferia leste da cidade, o que faziam dos portões Tonghuamen e Chunmingmen os mais movimentados. No interior destes portões, perto das vias principais, em quarteirões na parte nordeste da cidade, próximos da cidade imperial, viviam os oficiais mais próximos do Imperador Taizong.¹⁸

Esta tendência era notória até no interior da cidade imperial, onde o palácio do imperador se encontrava ao centro, a leste o palácio do príncipe da coroa e a oeste o palácio das concubinas imperiais.

A importância da metade leste tornou-se ainda mais notória com a conclusão da construção do palácio Daminggong, no ano de 662, e com a mudança do Imperador Gaozong para esse mesmo palácio, no ano seguinte, o que fez com que o coração da cidade se inclinasse ainda mais para leste.¹⁹

A partir de 716, o Imperador Xuanzong passou a reunir frequentemente a corte no então recente Palácio Xingqin-

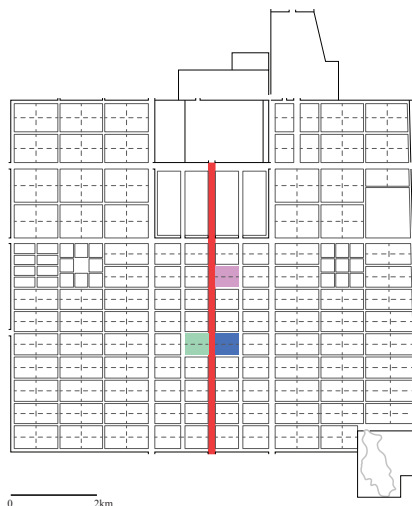


figura 6
Chang'an
Quarteirão Kaihuafang (rosa), quarteirão Jingshanfang (azul), quarteirão Chongyefang (verde) e via Zhuque Daije (vermelho)

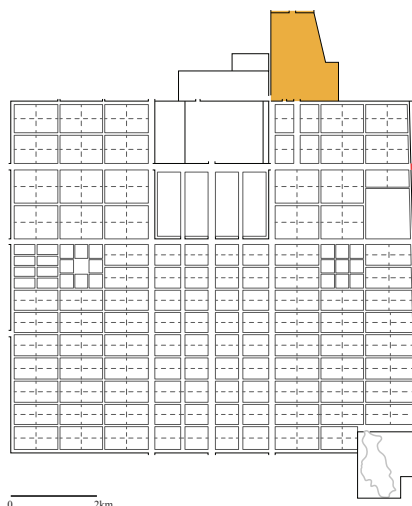


figura 7
Chang'an
Palácio Daminggong (laranja) e portões Tonghuamen (vermelho) e Chunmingmen (azul)



figura 8
Reconstrução do Portão Dafengmen do palácio Daminggong

17_ZHONGSHU, Wang; "Why Did The Eastern Half City (Left Capital) of Tang Chang'an City and Japanese Heijokyo and Heiankyo Capitals Become More Prosperous?" in "Chinese Archaeology Volume 3" Pequim: Institute of Archaeology of the Chinese Academy of Social Sciences, 2003, p. 193

18_Idem

19_Idem



figura 9
Chang'an
Palácio Xingqinggong (azul), muralhas leste (vermelho), Jardins Furongyuan (laranja) e Lago Quijiangchi (cinzento)

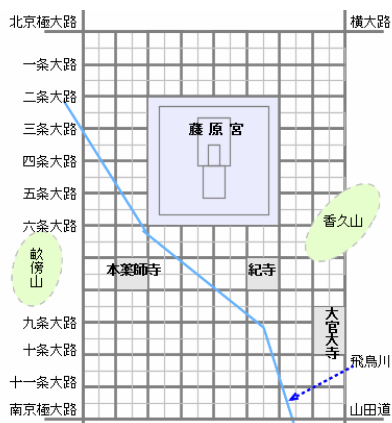


figura 10
Planta de Fujiwarakyō (sem escala)



figura 11
Retrato de Awata no Mahito (1903)

gong, construído entre os portões Tonghuamen e Chunmingmen, próximo da muralha leste, passando todas as residências de pessoas influentes para as suas proximidades.

Este mesmo imperador duplicou a muralha leste para poder frequentar secretamente os Jardins Furongyuan a partir do Palácio Daminggong, evitando os congestionamentos de trânsito e a divulgação da sua localização. Estes Jardins, com um lago chamado Quijiangchi, e que se encontravam no extremo sudeste da cidade, eram frequentados por um grande número de cidadãos, principalmente durante os períodos festivos, desde oficiais do governo até cidadãos comuns, contribuindo para a importância da metade leste da cidade.²⁰

No Japão, estes conceitos vieram a ser apenas aplicados em Fujiwarakyō, que foi capital durante um pequeno período e, como tal, não atingiu a importância urbana ou social, nem as dimensões de Heijokyō ou Heiankyō.²¹

No período de Nara (710-794)²², dá-se uma mudança de capital para Heijokyō, actualmente Nara, que foi a segunda cidade japonesa construída segundo os princípios estabelecidos pela cidade de Chang'an.

Heijokyō teve uma grande influência directa de Chang'an através da sétima missão enviada do Japão para a China, liderada por *Awata no Mahito*.²³

É também fruto das expedições ao governo de T'ang o Ritsuryō, um modelo de constituição que foi aplicado na reforma Taika.²⁴ Este documento veio afirmar o poder

20_ ZHONGSHU, Wang; "Why Did The Eastern Half City (Left Capital) of Tang Chang'an City and Japanese Heijokyo and Heiankyo Capitals Become More Prosperous?" in "Chinese Archaeology Volume 3" Pequim: Institute of Archaeology of the Chinese Academy of Social Sciences, 2003, p. 194

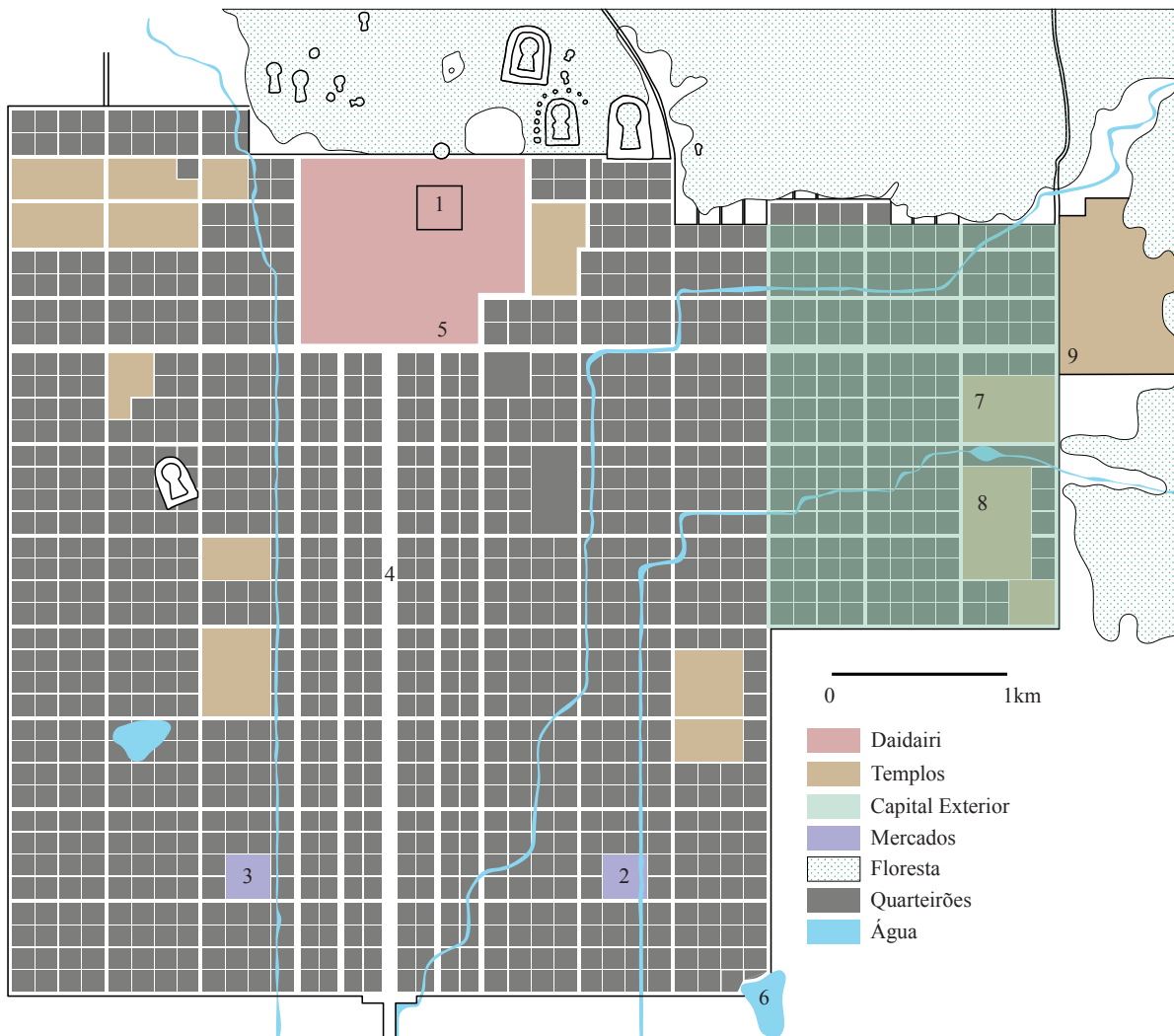
21_ Como tal, não existem tantos estudos relativos a esta cidade, nem é tão demonstrativa do modelo kyō, apesar de seguir os mesmos princípios base.

22_ Consultar Anexo 'A. Cronologias', p. 107

23_ ZHONGSHU, Wang; "Why Did The Eastern Half City (Left Capital) of Tang Chang'an City and Japanese Heijokyo and Heiankyo Capitals Become More Prosperous?" in "Chinese Archaeology Volume 3" Pequim: Institute of Archaeology of the Chinese Academy of Social Sciences, 2003, p. 194

24_ 大化の改新 - *Taika no Kaishin* - "Taika era reforms." Encyclopædia Britannica. Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc., 2013 <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/580685/Taika-era-reforms>>

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO



- 1. Dairi
- 2. Mercado Este
- 3. Mercado Oeste
- 4. Av. Suzaku
- 5. Portão Mibumon
- 6. Lago Echidachi
- 7. Templo Kofukuji
- 8. Templo Ganguji
- 9. Templo Todaiji

figura 12
Esquema urbano de Heijokyo



figura 13
1 - Portão Suzakumon
2 - Daigokuden
3 - Maquete do Daigokuden

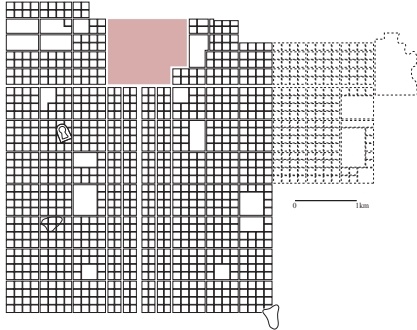


figura 14
Heijokyō
Daidairi (rosa)

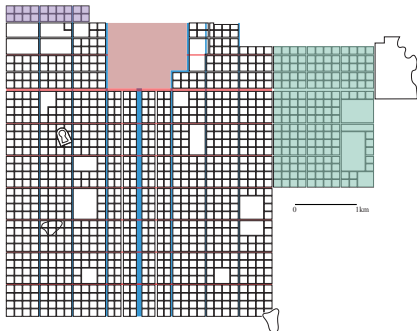


figura 15
Heijokyō
Daidairi (rosa), arruamentos principais norte-sul (azul), arruamentos principais este-oeste (verde), novos quarteirões nordeste (verde) e novos quarteirões parciais noroeste (roxo)

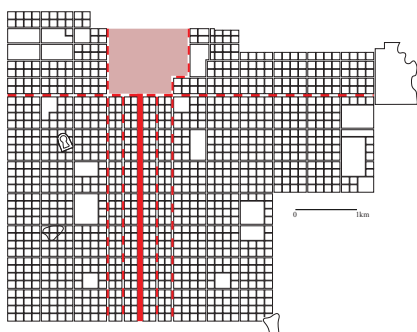


figura 16
Heijokyō
Daidairi (rosa), Suzaku (vermelho) e vias principais (vermelho tracejado)

imperial, retirando as terras e as pessoas do controlo de clãs poderosos, passando a estar todos sob domínio directo do Estado. Cada agricultor passou a ter direito a 2300m² de terra e em contrapartida passou a pagar uma taxa imposta pelo Estado e a ter de cumprir serviço militar durante um determinado tempo. Ao fim de cada geração as terras eram redistribuídas.²⁵ Isto lançou as bases para a fragmentação territorial futura.

A nova capital, construída na planície de Yamato cruzada pelos rios Sahogawa e Akishinogawa, é para onde a corte da Imperatriz Genmei se muda, em 710. Apesar de esta cidade possuir apenas um pouco menos de um quarto da dimensão da cidade de Chang'an, não era muralhada, sendo esta uma diferença fundamental face à capital chinesa.

A sua forma urbana é dividida por arruamentos principais que criam 72 grandes quarteirões quadrados, 9 filas de norte a sul e 8 de leste a oeste, sendo cada um destes grandes quarteirões subdivididos em 16 menores. Posteriormente foram adicionados 12 grandes quarteirões a nordeste e 3 quarteirões parciais a noroeste.²⁶

A hierarquia viária é também carregada de simbolismo. A via mais importante é o eixo central norte-sul, que une o limite sul da cidade ao principal portão do palácio imperial, a via mais larga de toda a malha urbana, denominada de Suzaku. Esta via dividia a cidade simetricamente em duas metades, leste e oeste. As seguintes vias mais largas são as que definem o quarteirão do palácio (Daidairi) e os quarteirões privilegiados de oficiais da corte em ambos os lados do eixo norte-sul principal.

Uma largura viária mínima uniforme foi garantida para as residências comuns, sendo as vias mais estreitas desta estrutura as que subdividem os grandes quarteirões em 16

25__ROCHA, Joanes da Silva; *Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII* Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 35

26__KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; *The Japanese City* 1ª edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.14

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

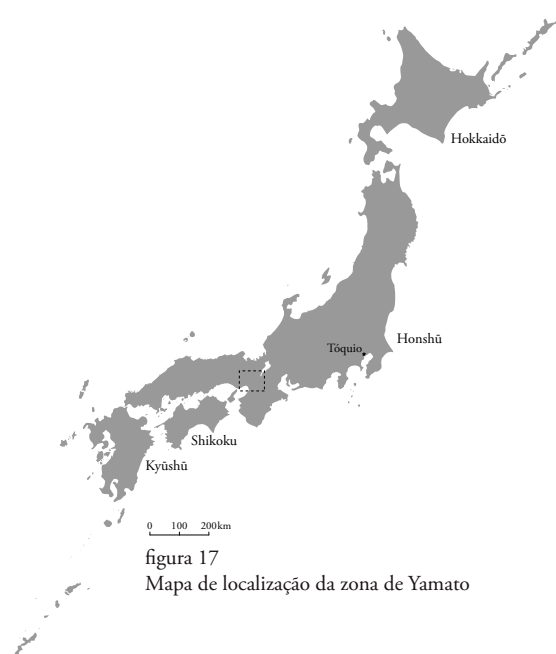


figura 17
Mapa de localização da zona de Yamato

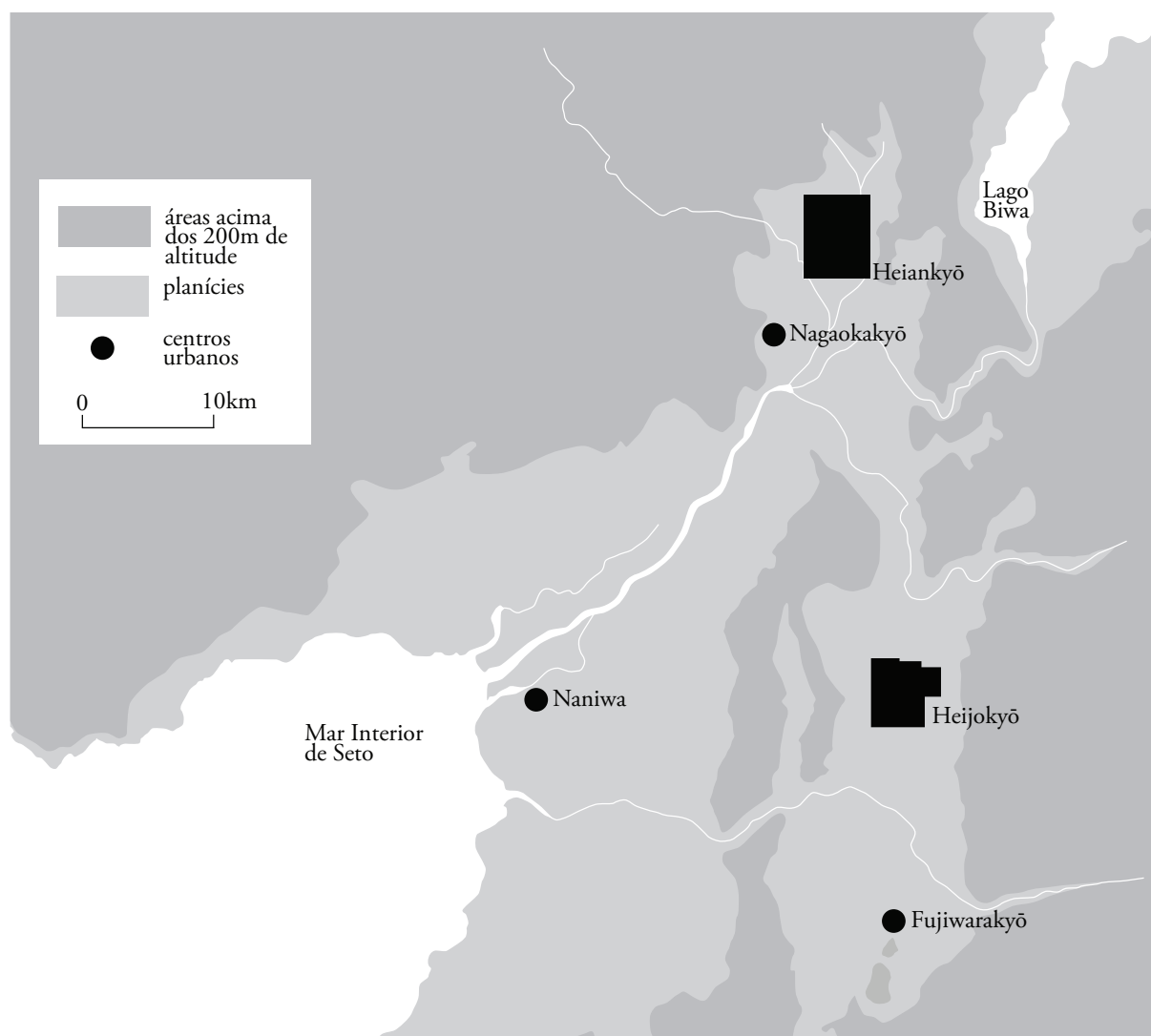


figura 18
Mapa da zona de Yamato no período Heian

partes.²⁷

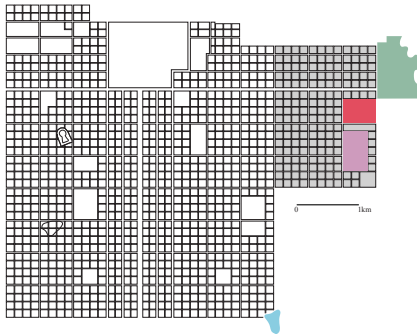


figura 19
Heijokyō
Lago Echidachi (azul) e templos Kofukuji (vermelho), Ganguji (rosa), Todaiji (verde) e Capital Externa (cinza)



figura 20
Templo Kōfukuji

A forte influência da capital chinesa torna fácil a compreensão de certas características dela importadas. Por exemplo, o lago Echidachi, que se encontra também no canto sudeste da cidade, um dos inúmeros elementos que dão mais força ao lado leste da capital.

Dentro do Daidairi, o Dairi, ou palácio imperial, localizava-se também na parte leste, concedendo ao portão sudeste, o Mibumon, maior importância e fazendo com que as residências de nobres e oficiais importantes da capital se localizassem nas suas vizinhanças, no norte da Capital Esquerda.

Seguindo o exemplo de Chang'an, pós-construção do Palácio Daminggong, Heijokyō possuía também uma “Capital Externa”, a leste.²⁸ Nas proximidades desta “capital” foram estabelecidos importantes mosteiros budistas, tais como Kōfukuji, Ganguji e Todaiji, tendo sido este último construído já fora da malha urbana da cidade. É este o principal factor, no caso de Heijokyō, para a maior prosperidade da Capital Esquerda.

Devido ao seu forte significado religioso, obtido pela ligação deste poder com o poder governamental, a sua importância persistiu mesmo após a mudança de capital em 784 para Nagaokakyō, tornando-se um local de peregrinação aos seus inúmeros templos budistas.²⁹

É também neste período da história Japonesa que, para facilitar a cobrança de taxas, se organizaram Shōens³⁰. Em muito ajudaram ao estabelecimento do feudalismo no Japão e mantiveram-se em existência até ao período de Sen-

27__KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; “*The Japanese City*” 1ª edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.14

28__Esta “Capital Externa” era constituída pelos 72 quarteirões posteriormente construídos a leste da cidade.

29__Ver anexo ‘D. As Outras Cidades Feudais do Japão’, p. 123

30__ Estados territoriais, com um carácter bastante complexo, já que eram propriedades privadas com um aspecto público, como unidade dominante de administração local de território.

HALL, John Whitney; “*Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation*” in: “*Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1*” 1ª edição: Seattle, 1983. p. 29

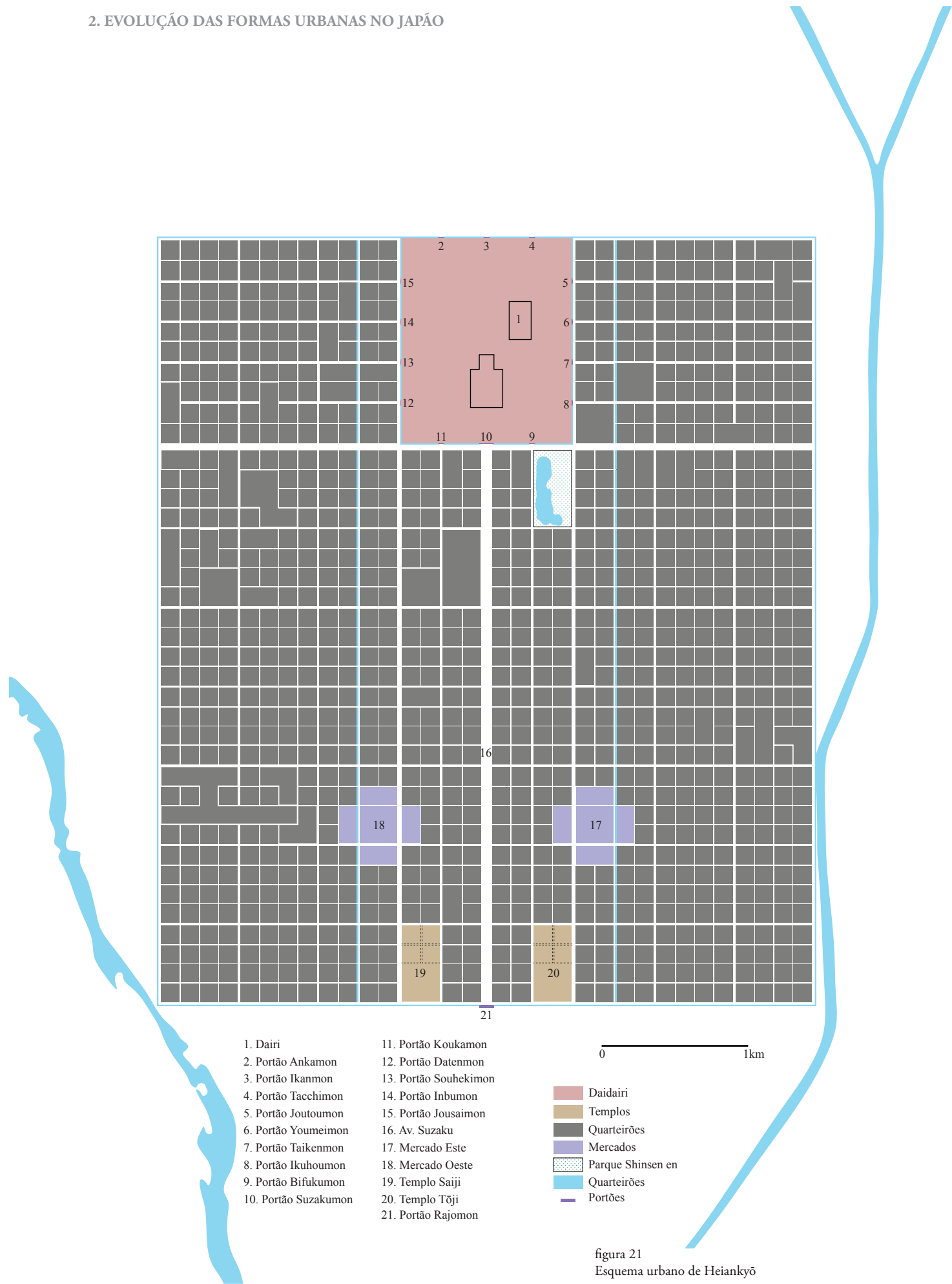


figura 21
Esquema urbano de Heiankyō



figura 22
Retrato do imperador Kammu (séc. XVI)

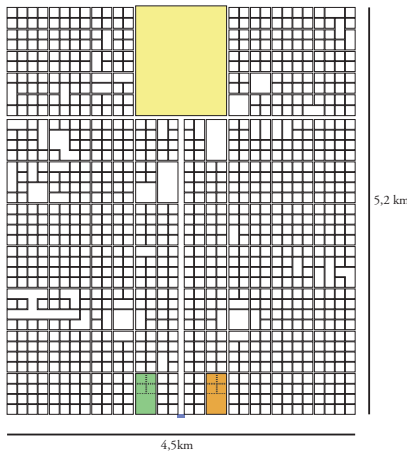


figura 23
Heiankyō
Daidairi (amarelo), Tōji (laranja) e Saiji (verde)

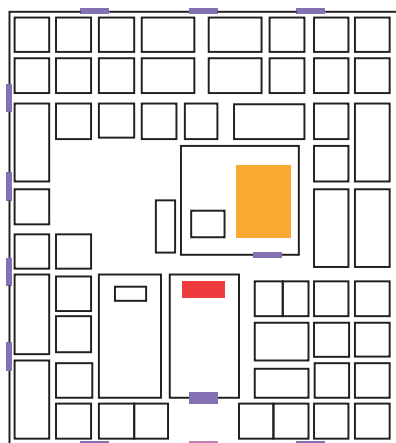


figura 24
Daidairi de Heiankyō
Portões (roxo), Suzakumon (rosa),
Dairi (laranja), Daigokuden (vermelho) e Shinsen-en (verde)



goku, quando se iniciou um processo de transformação, a nível nacional, que levou à reunificação do Japão.³¹

Heiankyō, literalmente a ‘capital da paz e tranquilidade’, é a cidade para onde a capital se mudou em 794 pela mão do imperador Kammu, marcando o início do período Heian da história do Japão. A cidade encontrava-se no centro de Quioto actual e ainda se pode ver parte da sua estrutura na malha urbana da cidade.

Localizada entre os rios Katsuragawa e Kamokawa, possuía canais (construídos através do desvio deste último rio) que rodeavam a cidade e circulavam no seu interior, paralelamente às maiores vias norte-sul e em torno do Daidari.

Abrangendo uma dimensão de cerca de 4,5 quilómetros de leste a oeste e 5,2 quilómetros de norte a sul, esta cidade demonstra um maior controlo da força religiosa, sendo apenas permitida a construção, no seu interior, de templos apoiados pelo estado, nas proximidades do portão Rajomon, o Tōji, ou Templo Leste, e o Saiji, ou Templo Oeste. Isto deve-se a um dos motivos que levou à mudança da capital - o excesso de poder dos sacerdotes budistas de Nara.³²

O Daidairi, constituído pela residência imperial e edifícios administrativos (governamentais), localizava-se na zona mais a norte da cidade. Nesse mesmo local encontrava-se também o Daigokuden, uma câmara municipal, a partir da qual o imperador governava a cidade.

Ao centro do Daidairi, encontrava-se o palácio imperial, num local designado de Dairi e a sul, adjacente a este, encontrava-se o grande jardim Shinsen-en.

A cidade era dividida em 2 distritos, chamados de Capital Direita (a oeste) e de Capital Esquerda (a leste) pela

31__ Apesar das melhorias nos laços diplomáticos com a China e do forte poder central, o Japão ainda não se encontrava unificado, demonstrando dificuldades na conquista de Hokkaidō e do sul de Kyūshū.

32__ KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; “*The Japanese City*” edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

larga avenida norte-sul Suzaku Oji, com 84 metros de largura. A leste, Sakyō, a parte mais desenvolvida da cidade, e a oeste Ukyō, cujo território era pantanoso e portanto menos desenvolvido (apesar de não ser esta a única razão para o seu subdesenvolvimento), possuindo ambos um edifício administrativo. Cada um destes estava subdividido em sectores quadrados denominados Bo.³³

O maior desenvolvimento do Sakyō fez com que a cidade abrangesse a margem oeste do rio Kamogawa, com um centro populacional.

É notória também a existência de zonamento, com ruas como a Shijo Oji (actualmente Shijo-dori), a via então dedicada ao comércio e à indústria.³⁴

O caso de Heiankyō é muito semelhante ao de Heijokyō, seguindo a mesma tradição urbanística, com o templo budista à esquerda e o xintoísta à direita. O Dairi, alinhado com o Portão Bifukumon, e uma predominância de residências de oficiais no nordeste da cidade tornaram esta região florescente, em oposição ao sudoeste da cidade, como se pode observar pela planta do séc. XVII. Aos factores ideológicos junta-se a morfologia do terreno, culminando na decadência da Capital Direita.³⁵

No período que se segue à construção de Heiankyō, foram construídas uma série de cidades satélites com propósitos políticos e militares. A excepção a estes motivos é a cidade de Naniwa (actual Osaka) que, apesar de já ter sido capital, se havia tornado então uma cidade de serviços para viajantes.³⁶

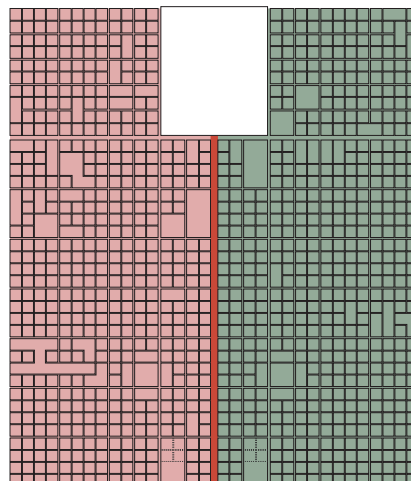


figura 25
Heiankyō
Sakyō (verde), Ukyō (rosa) e Suzaku (vermelho)



figura 26
Jardim Shinsen-en



figura 27
Toji

33_KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; *"The Japanese City"* edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.

34_O mesmo iria aparecer mais tarde noutras cidades. Situação semelhante à de Nagasáqui

Ibidem, p.14

35_ZHONGSHU, Wang; *"Why Did The Eastern Half City (Left Capital) of Tang Chang'an City and Japanese Heijokyo and Heiankyo Capitals Become More Prosperous?"* in *"Chinese Archaeology Volume 3"* Pequim: Institute of Archaeology of the Chinese Academy of Social Sciences, 2003, p. 198

36_KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; *"The Japanese City"* edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.



figura 28
Mapa dos Territórios Japoneses no período Heian

Com as fortes mudanças político-económicas em meados do período Heian, as famílias aristocráticas que dominavam o Japão recomeçaram a obter mais poder, fazendo com que os Shōens passassem para o seu domínio.³⁷ Estes territórios passaram então a ser geralmente propriedades de lordes ausentes (normalmente encontravam-se na capital), mas outros direitos locais eram simultaneamente cedidos a vários níveis, o que fazia com que nenhuma entidade singular pudesse reclamar a posse de um Shōen num sentido completamente privado.³⁸

37__COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao; *Cultural Atlas Of Japan* edição: Londres, Phaidon Press, 1988, p. 70

38__HALL, John Whitney; *Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation* in: *Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1* 1ª edição: Seattle, 1983. p. 29

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

2.2. As Cidades Feudais



figura 29
Maqueta do forte de Tōhoku, na fronteira de Taga, com estrutura regular



figura 30
Yamajiro de Arato

O período de guerras constantes, que manteve o Japão dividido em vários feudos, levou os vários senhores feudais à construção de castelos com estruturas semelhantes às cidades imperiais. Contudo, com o passar do tempo estes demonstraram-se pouco práticos em comparação com os yamajiro³⁹, que ganharam popularidade pela forma como facilmente controlavam o território e, simultaneamente, mantinham as suas características defensivas.⁴⁰

O estabelecimento do Bakufu⁴¹ em Kamakura, terra da família Minamoto, marcou o início do período Kamakura.

Apesar do forte início do regime, não foi ainda com Yoritomo que se consolidou o Japão que, fragmentado, continuou sob o domínio local de cada dáimio⁴².

O Bakufu Muromachi não conseguiu ganhar a lealdade dos dáimios mais afastados de Quioto. Um factor importante para que isso acontecesse foi o forte desejo dos dáimios de obterem autonomia local, alimentado pelo crescimento económico, fomentado pelo aumento das relações comerciais com a China, o desenvolvimento dos mercados e a evolução da agricultura e do comércio a pequena escala. Outro factor que contribuiu para esta vontade de regionalização foi a revolta dos agricultores contra as suas dívidas e os impostos, exponenciada pelo sofrimento provocado

39__山城 Yamajiro surge da junção das palavras 山 - Yama (montanha) e 城 - Shiro (Castelo). São portanto “Castelos da montanha”, apesar de serem originalmente fortificações bastante simples, que se pensa serem de origem coreana, muito diferentes dos castelos do Japão feudal.

Os primeiros registos deste tipo de castelos remontam ao período Kofun.

Ver Anexo ‘B. Japão - A Origem da Arquitectura’, p. 111

40__ROCHA, Joanes da Silva; “Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII” Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 37

41__ Governo do Xogun, muitas vezes referido como Xogunato na literatura ocidental

42__ 大名 daimyō

“*Lord regional militar. Durante o período Sengoku, este nome era muitas vezes aplicado aos ‘shugo’, e depois às famílias que o suplantavam. Após o estabelecimento do xogunato Tokugawa, o termo era aplicado aos lordes cujos domínios eram avaliados em 10.000 koku ou mais.*”

“*Regional military lord. During the Sengoku period, this name was often applied to ‘shugo’, and then to the families who supplanted them. After the establishment of the Tokugawa shogunate, the term was applied to those lords whose domains were assessed at 10.000 koku or more.*”

HALL, John Whitney; “*Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation*” in: “*Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1*” 1ª edição: Seattle, 1983. p. 24, tradução própria

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

pelos terremotos e fomes que assolavam então o país.⁴³

Os dáimios foram ganhando uma importância crescente, construindo cada um o seu yamajiro, inicialmente ao estilo coreano. Para o construir retiravam toda a vegetação no topo da montanha e posteriormente construíam um muro que, ao contornar o relevo, constituía o perímetro defensivo do castelo.⁴⁴

Neste período, os dáimios de algumas famílias aproveitaram para aumentar a sua esfera de influência. Os territórios destes dáimios tornaram-se mais atractivos para as populações, o que aumentou o número de assentamentos. Contudo, como essas povoações não possuíam nenhum sistema defensivo, estavam dependentes da proximidade a um yamajiro, que vigiava os territórios próximos. Portanto, a escolha do local seria sempre marcada pelo terreno acidentado, dando privilégio aos vales.⁴⁵ Estes tipos de assentamento podem ser considerados como os primórdios das Jōkamachi.⁴⁶

Após o contacto com os portugueses, Oda Nobunaga⁴⁷ mudou radicalmente as estratégias militares e consequentemente as estruturas defensivas, ao introduzir as armas de fogo no campo de batalha.⁴⁸ Os Yamajiro começaram nesta altura a perder importância como estrutura defensiva.



figura 31
Muralha do castelo Nakijin



figura 32
Vista do yamajiro de Takane para o vale que protegia



figura 33
Retrato de Oda Nobunaga pelo pintor Jesuíta Giovanni Nicolao, 1583

43__HALL, John Whitney, ed. lit.; YAMAMURA, Kozo, ed. lit.; *“Cambridge History of Japan vol. 3 - Medieval Japan”* 1ª edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 357

44__ROCHA, Joanes da Silva; *“Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII”* Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 47

45__Ibidem, p. 58

46__城下町 - Jōkamachi - lit. Cidade Castelo

47__Ashikaga Yoshiyaki era um pretendente ao título de Xogun que tomou Quioto em 1568, tendo cumprido este objectivo. Contudo este poder era na realidade exercido por Oda Nobunaga que, apesar de inicialmente apoiar este Xogun, acabou por expulsar Yoshiyaki do poder, uma vez que este se aliara ao clã Takeda, inimigo do clã Oda.

48__Nobunaga nunca obteve o título de Xogun, nem outro título que elevasse a sua posição hierárquica, apesar de ser ele o real detentor do poder político.

Os portugueses auxiliaram Nobunaga, tanto na formação dos seus exércitos como no campo de batalha, obtendo em troca privilégios comerciais e protecção no território Japonês.

SANTOS, André Nunes; *“A Presença Portuguesa no Japão - A Forma como os Portugueses transformaram o Japão”* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p.5



figura 34
Hirayamajiro em Hemiye, Hyogo



figura 35
Castelo de Edo, palácios residenciais e fossos envolventes
detalhe de biombo do séc. XVII

Os dáimios derrotados viam as suas terras ser agregadas pelos senhores feudais mais fortes, cujos yamajiro iam crescendo, tornando-se complexos fortificados. A pedra como material de construção foi adicionada no século XVI.⁴⁹

Por esta altura, a estrutura social também mudou de paradigma, podendo então haver uma mobilidade social repentina, conforme os seus feitos em guerra. Alguns dáimios, ou considerados mais incapazes, ou por morrerem em batalha ou assassinados, foram substituídos pelos seus vassallos (samurai). Esta meritocracia é conhecida no Japão como Gekokujō, literalmente, ‘vassallo conquista o seu senhor’.⁵⁰

Com a complexificação das necessidades sociais e o decorrer das mudanças estratégicas em batalha, os castelos começam a ser construídos em locais mais acessíveis, tanto em colinas, os hirayamajiro⁵¹, como em planícies, os hirajiro.⁵² Estas novas tipologias demonstraram-se mais vantajosas em termos administrativos, comerciais e militares. Contudo, com esta transição, perderam-se as defesas naturais das montanhas. Para contornar esta situação, os castelos eram

49__ A par da introdução das armas de fogo.

50__ Com a morte de Nobunaga em 1582, Toyotomi Hideyoshi sucedeu-o, apesar de ser filho de um camponês sem nome de família. Ocupou o seu lugar, ao vingar a sua morte. Tal como o seu mestre, Hideyoshi não procurava o título, deixando o filho de Nobunaga ocupar o cargo, obtendo ele o poder verdadeiro.

Hideyoshi é considerado o número dois na unificação do Japão, ao lado da figura principal, Tokugawa Ieasu.

SANTOS, André Nunes; *“A Presença Portuguesa no Japão - A Forma como os Portugueses transformaram o Japão”*: Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p.5

HALL, John Whitney, ed. lit.; YAMAMURA, Kozo, ed. lit.; *“Cambridge History of Japan vol. 3 - Medieval Japan”* edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 491

WIKIPEDIA; *“Gekokujō”*, 2013 < <http://en.wikipedia.org/wiki/Gekokujō>>

51__ 平山城

“Castelo de montanha plana. Um castelo construído numa montanha baixa, definida como de 20 a 100 metros de altura, que cresce de uma planície e se estende para baixo até à planície ou terrenos planos no sopé da montanha.”

“Flatland mountain castle. A castle built on a low mountain, defined as 20 to 100-meters high, that rises up from a plain and extends down to the plain or flatlands at the foot of the mountain.”

JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; *“Hirayamajiro”*, 2001 < www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/h/hirayamajiro.htm>, tradução própria

52__ 平城

“Lit. castelo de planície. Um castelo construído numa planície com os principais elementos defensivos sendo rios, pântanos e fossos feitos pelo homem.”

“Lit. flatland castle. A castle built on a plain with the main defensive elements being rivers, swamps, and man-made moats.”

JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; *“Hirajiro”*, 2001 < www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/h/hirajiro.htm>, tradução própria

implementados nas proximidades de cursos de água, mares ou lagos, desviados para criarem fossos defensivos.⁵³ Estes criavam sucessivas barreiras defensivas até ao castelo, usado como centro organizacional.⁵⁴ Como primeira estrutura defensiva do castelo, os fossos exteriores são normalmente mais amplos e profundos, e as suas dimensões variam muito de castelo para castelo. Quanto à sua construção, normalmente existem com dois tipos de secção, em “U”, ou yagenbori, e em caixa, ou kakobori. Com a escavação dos fossos, as terras retiradas seriam normalmente aproveitadas para a criação de taludes no castelo, criando desniveis entre o interior e o exterior do mesmo. Os lados, tanto dos fossos como dos taludes eram revestidos a pedra, que, por sua vez, seriam, em determinados casos, revestidos a barro ou argila para dificultar a escalada do inimigo.⁵⁵ Os taludes não teriam apenas uma função defensiva, ajudando em muito a combater os efeitos nefastos dos terremotos, muito comuns no Japão.⁵⁶

É então que surge um novo modelo de cidade, concêntrico, que funciona como um “(...) dispositivo para tabelar a ordem política (...)” através da expansão da “(...) forma da cidade em grupos que vão perdendo importância a partir de um centro, ao invés de a perfurar com um eixo dominante. As duas variantes relacionadas aqui são a concêntrica e a radial.”⁵⁷

Como tal a sua estrutura viária apresentava-se desfasada da ordem centralizante, não sendo radial e demonstrando um perfil irregular, possivelmente por motivos defensivos.

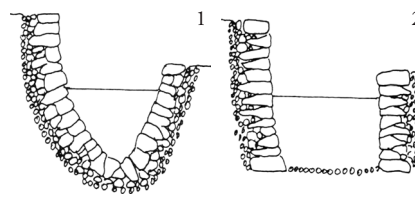


figura 36
Tipos de Fosso
1. yagenbori (em “U”)
2. kakobori (em caixa)

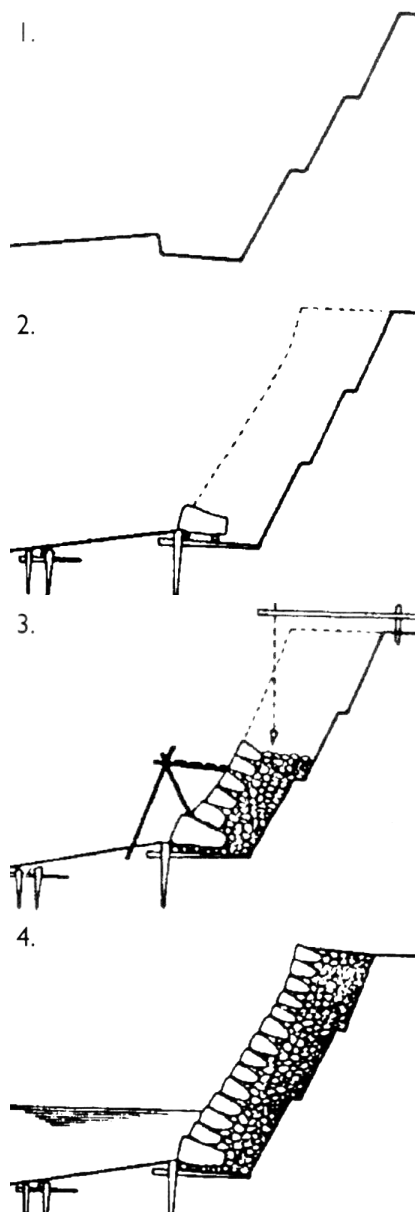


figura 37
Construção de talude de um fosso
1. Criação de aterro escalonado
2. Colocação das pedras de fundação em posições exactas, com ajuda de suportes de madeira
3. Construção das paredes com o apoio de andaimes de madeira e calçadas, enchendo o espaço entre a parede de pedra e o aterro com seixos
4. Enchimento do fosso

53__ROCHA, Joanes da Silva; “Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII” Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 66

54__O mesmo sucedeu com a criação dos fossos em Nagasáqui, apesar de estes serem sempre perpendiculares em relação à sua via principal.

Ver 4. Nagasáqui e Dejima

55__ROCHA, Joanes da Silva; “Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII” Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 75

56__Ibidem, p. 126

57__“(…) device for charting political order is to dilate the city form in bands of diminishing importance out of a center, rather than transfix it with one dominant axis. The two related variants here are the concentric and the radial.”

SPIRO, Kostof; “The City Shaped - Urban Patterns and Meanings Through History” edição, Londres: Thames and Hudson, 1991. p. 179, tradução própria

Outra razão que pode justificar este desfasamento e irregularidade poderia ser a falta de planeamento destas cidades, cujo desenvolvimento em muito dependia da movimentação das populações locais.

Em torno dos castelos feudais, as Jōkamachi tornaram-se num símbolo do poder da aristocracia feudal sobre o declínio do poder central no séc. XV e XVI no Japão. Não demonstram a regularidade geométrica das cidades idealizadas anteriormente, mas são diagramas inequívocos do poder centralizado.

Inicialmente, as Jōkamachi eram apenas compostas pelo complexo do castelo e moradias dos vassallos que o rodeavam. O crescimento do poder dos dáimios espelhava-se no crescimento da cidade, e os poucos que sobreviveram às guerras civis do século XVI converteram as suas cidades de postos defensivos em centros administrativos e comerciais, para mobilizarem os recursos regionais.⁵⁸

Após o início do domínio de Tokugawa em 1600, os vários castelos menores que cada lorde feudal possuía foram abolidos, sob a regra *“um domínio, um castelo”*. Neste momento o número de Jōkamachi estabilizou entre 200 e 250, por todo o país.⁵⁹

Alguns exemplos destas cidades são Edo (actualmente Tokyo), Tokashima, Kochi e Kumamoto, estando todas focadas em torno do seu respectivo castelo, localizando-se em territórios planos.

A preocupação social com a hierarquia não só era reflectida pela segregação dos zonamentos residenciais das elites, mas também pelo dimensionamento dos lotes e a própria proximidade do castelo.

O castelo encontrava-se rodeado pela zona habitacional

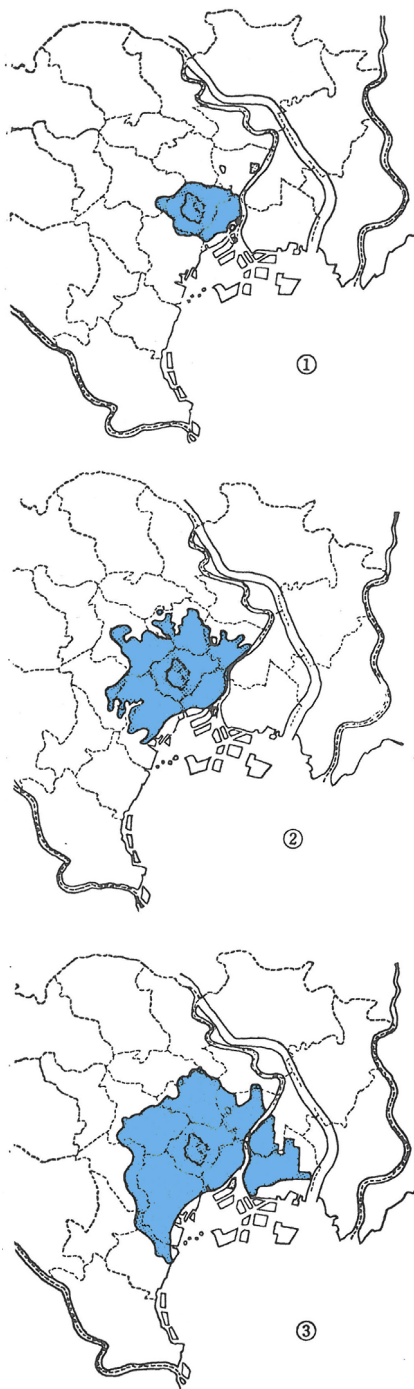


figura 38
Mapa do crescimento de Edo
1. 1624-1643
2. 1652-1655
3. 1673-1680

58_ KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; *“The Japanese City”* edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.16

59_ Ibidem, p.18

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

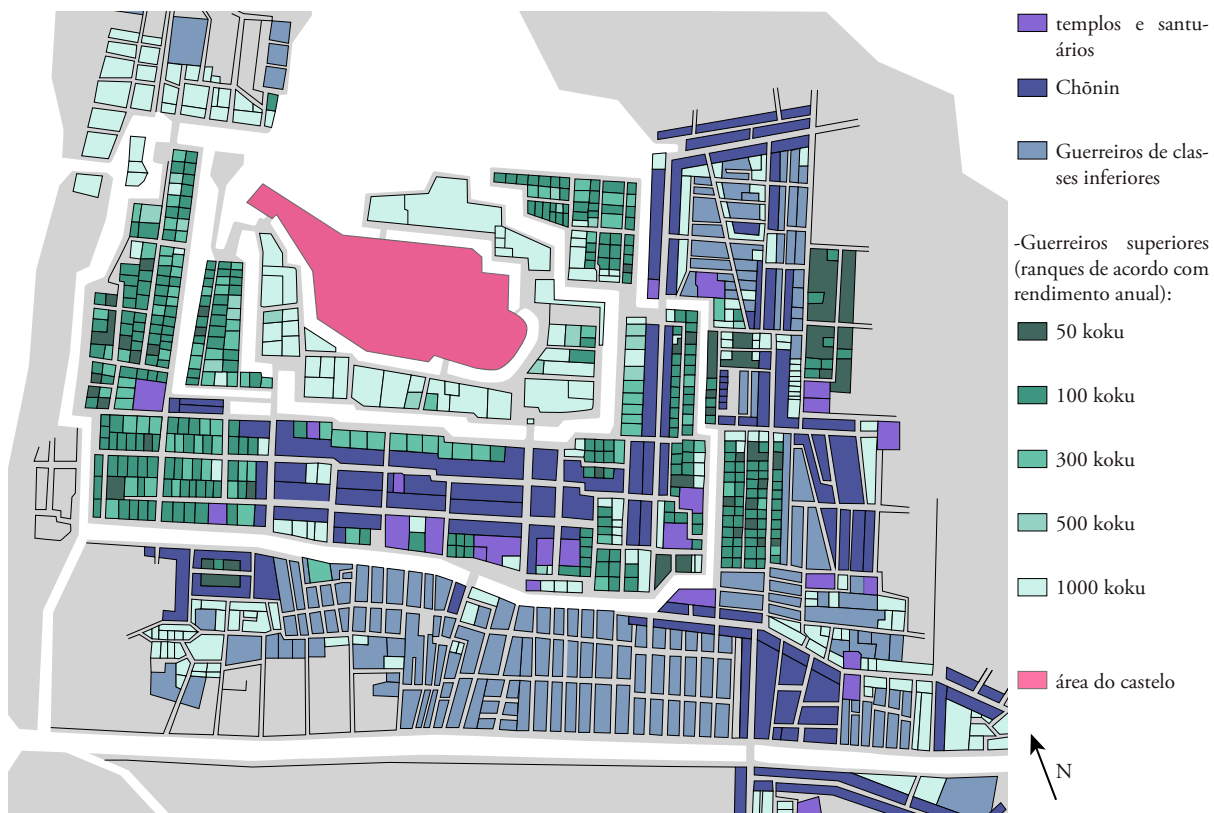


figura 39
Esquema de Jōkamachi (com base em esquema de Yazaki)



figura 40
Jōkamachi de Sunpu, actual Shizuoka
1. Esquema de Zonamento de Sunpu
2. Imagem satélite de Shizuoka

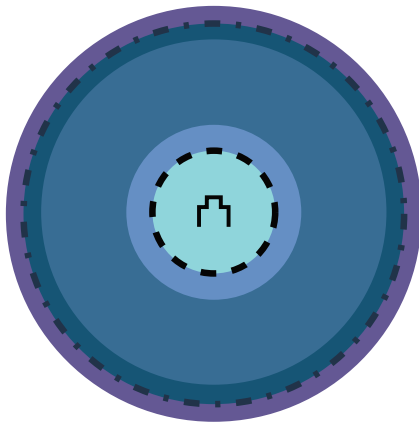


figura 41
Esquema organizacional das jōkamachi

- castelo
- oficiais e samurai
- muralha e/ou fosso
- vassallos mais importantes
- comerciantes e artesãos privilegiados
- vassallos menos importantes
- barricada ou fosso (raramente existe)
- templos



figura 42
Vista aérea de Sasayama, uma jōkamachi que ainda hoje mantem a sua estrutura urbana original

dos altos oficiais do regime local e de um grupo de guerreiros profissionais (samurai)⁶⁰, seguido da muralha principal e do fosso interior. Este era rodeado pela primeira cintura habitacional de vassallos. Uma segunda cinta de vassallos, normalmente desprotegida, rodeava a área dos comerciantes e artesãos privilegiados pelo dáimio e poderia ser rodeada por uma fortificação ou por um segundo fosso. Na zona periférica da cidade, junto às principais vias de acesso localizavam-se templos budistas ou xintoístas, que funcionavam como o primeiro ponto de defesa e como posto de controlo de acesso à cidade.⁶¹

À população da cidade, sem título aristocrático ou religioso, deu-se o nome de Chōnin, e era maioritariamente composta por pobres artesãos, trabalhadores diurnos e vendedores ambulantes, apesar desta categoria incluir também alguns comerciantes ricos. A função dos Chōnin na cidade era servir a administração e os samurais.⁶²

Artistas e comerciantes deslocaram-se para estes centros urbanos, devido à protecção que estes proporcionavam no período de guerra constante em que se encontrava o Japão na altura em que surgiram. Estes centros apresentavam também oportunidades de diversão e entretenimento e mercados estratégicos. Esta confluência levou algumas destas cidades a especializarem-se em determinado tipo de comércio ou artesanato, ganhando até fama a nível nacional.⁶³

As Jōkamachi tornaram-se a principal forma urbana de

60__ 侍

“Um guerreiro. Originalmente uma figura militar subordinada de um ‘kenmon’, o termo era usado a partir do período Heian tardio para designar um estatuto particular. Mais tarde tornou-se num termo geral para membros de estatuto guerreiro.”

“A warrior. Originally a military figure subordinate to a ‘kenmon’, the term was used from the late Heian period to designate a particular status. It later became a general term for members of the warrior state”

HALL, John Whitney; *“Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation”* in: *“Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1”* 1ª edição: Seattle, 1983. p. 28, tradução própria

61__ SPIRO, Kostof; *“The City Shaped - Urban Patterns and Meanings Through History”* edição, Londres: Thames and Hudson, 1991. p. 179

62__ KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; *“The Japanese City”* edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.18

63__ Idem

2. EVOLUÇÃO DAS FORMAS URBANAS NO JAPÃO

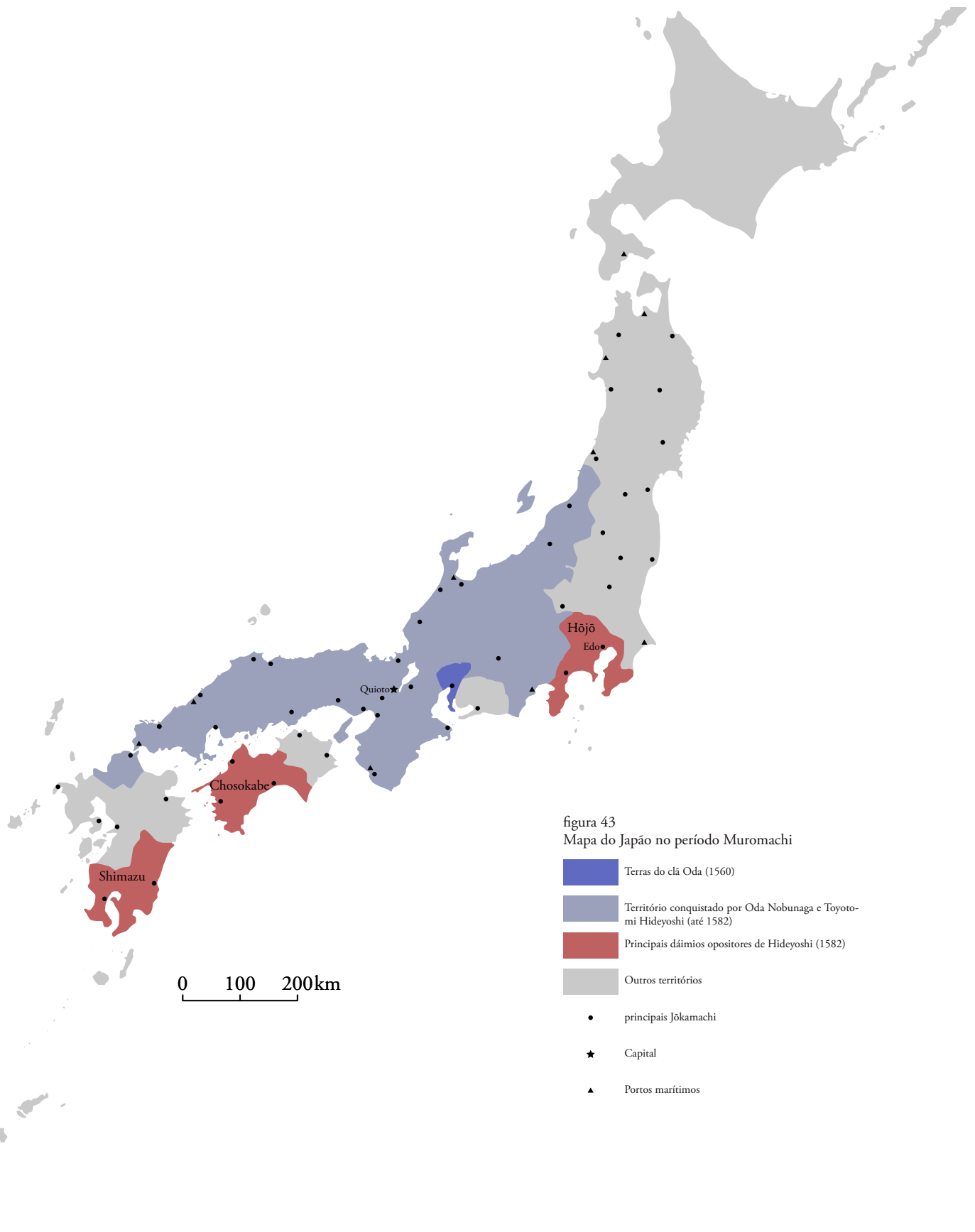




figura 44
Rua de Hagi, uma jōkamachi que ainda hoje mantém grande parte da sua forma e edifícios originais



figura 45
Termas de Matsuyama



figura 46
Castelo de Matsuyama

meados do século XVI, a partir da instauração do Xogunato, até à Restauração Meiji, em 1868, quando o imperador recuperou o poder do país e o feudalismo foi abolido no Japão. Foi também nesta altura que a segregação social desapareceu abruptamente, em termos urbanos.⁶⁴

A monopolização de funções administrativas e militares locais e regionais e o domínio no comércio e artesanato mantiveram-se nestas cidades, mesmo após a abolição do feudalismo, e quase todas as grandes concentrações de população ocorreram em Jōkamachi, que geralmente continham um décimo da população regional, incluindo todos, ou a maior parte, dos samurais. A maioria delas atingiram o seu expoente máximo populacional no início do século XVII.⁶⁵

Foi também durante o período feudal que surgiram outros tipos de cidade, de génese espontânea e não planeada, nomeadamente as Shukubamachi ('cidades estação de serviço'), as Monzenmachi ('cidades religiosas'), as Minatomachi ('cidades portuárias'), as Ichibamachi ('cidades mercado') e as Onsenmachi ('cidades das termas').⁶⁶

Algumas cidades tinham mais que uma função no Japão Feudal e a origem de muitas delas era anterior ao Feudalismo, apesar de ter sido neste período que se desenvolveram mais.⁶⁷

Em geral, as cidades feudais tinham fortes vantagens em termos de localização. Estas mais valias mantiveram-se até aos tempos de hoje o que faz com que quase todas as cidades japonesas contemporâneas tenham as suas origens nesta época.

64__Apesar de ter repercussões na sociedade Japonesa, ainda hoje em dia.

65__KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; *"The Japanese City"* edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.18

66__Ver '6.4. As Outras Cidades Feudais do Japão'

67__Ibidem, p.18

3. CIDADES LUSO-ORIENTAIS

アジアにおけるポルトガル都市

3.1. O Estado da Índia

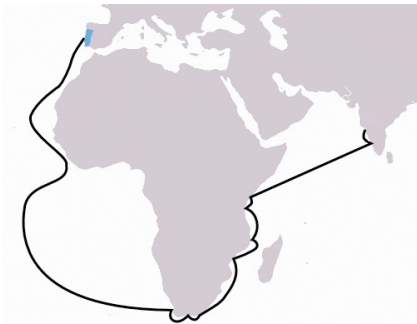


figura 47
Viagem de Vasco da Gama até à Índia

A chegada dos portugueses aos mares do oriente, com a viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1498, permitiu uma ligação directa entre Lisboa e o litoral ocidental da Índia.

*“(…) a Cristandade Europeia, envolvida por uma barreira islâmica praticamente intransponível, que condicionava as comunicações com as regiões longínquas e dificultava a obtenção de informações fidedignas, continuava a estudar a geografia asiática pelo compêndio de Marco Polo, com resultados obviamente muito limitados.”*⁶⁸

Através das informações trazidas pela armada de Vasco

68__Esta falta de informações deveu-se principalmente à dificuldade circulação de informações então, apesar de já existirem alguns documentos que eram contudo extremamente raros, muito desactualizados e fantasiosos, como por exemplo o livro de Marco Polo, escrito em 1292.

LOUREIRO, Rui Manuel, ed. lit.; FROIS, Luís; *“Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão”* 1ª edição: Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 14

3. CIDADES LUSO-ORIENTAIS

da Gama,⁶⁹ a Coroa Portuguesa apercebeu-se do potencial comercial da viagem à Índia e de que, já que não dispunha de nenhum apoio socio-político, a presença portuguesa no oriente implicava uma forte componente militar.⁷⁰ Isto fez com que o estabelecimento luso no Oriente produzisse resultados urbanos extremamente semelhantes aos do norte de África.⁷¹

Assim a presença portuguesa no Oriente não parou de crescer ao longo das primeiras décadas do século XVI, estabelecendo feitorias e fortalezas que implicavam a existência de funcionários religiosos, civis e militares.⁷²

A progressão da afirmação do poder ou dos interesses económicos levaram estas fortalezas a passarem de estruturas isoladas ou dominando cidades pré-existentes a cidades ocupadas e posteriormente reestruturadas e fortificadas ou mesmo a cidades fortificadas de raiz.⁷³

A presença territorial portuguesa nunca foi de grande expressão, apesar da vontade do Estado da Índia de per-

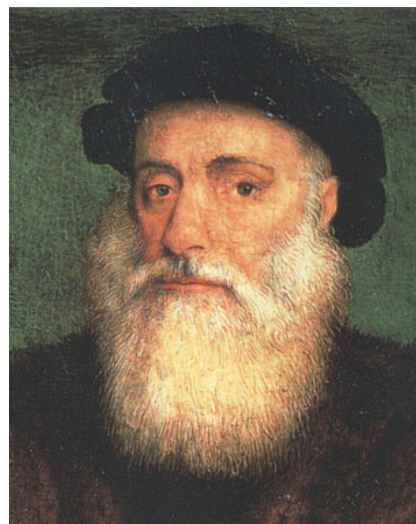


figura 48
Vasco da Gama por Gregório Lopes, 1524

69__O principal objectivo dos portugueses no oriente era, inicialmente, a obtenção de produtos asiáticos de luxo que desejavam enviar directamente para a Europa e procurar eventuais núcleos cristãos, com os quais poderiam estabelecer alianças estratégicas. Apesar das hipóteses mercantis excederem largamente as expectativas, os núcleos cristãos na Índia eram poucos, minoritários, marginais e nestorianos, não possuindo nenhum poder político.

LOUREIRO, Rui Manuel, ed. lit.; FROIS, Luís; *“Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão”* 1ª edição: Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 15

70__Como tal, foi desenvolvido um projecto para uma forte presença constante nos mares orientais, o qual consistia no estabelecimento de feitorias em locais estratégicos, que seriam apoiadas em terra por fortalezas e em mar por uma força naval permanente. Afonso de Albuquerque, brilhante estratega, foi o responsável pela construção do Estado Português da Índia, ao conquistar Goa, em 1510, e estabelecendo lá a principal sede do Estado. A partir daí os portugueses rapidamente se espalharam por toda a costa asiática, seguindo as redes dos mercados em que se envolviam.

Idem

71__ROSSA, Walter; *“A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português”* 1ª edição Coimbra: Almedina, 2002, p. 278

72__Iniciaram-se também viagens de exploração sistemáticas nos mares asiáticos. Estas demonstraram-se extremamente importantes para o desenvolvimento da rede comercial portuguesa, já que certas viagens curtas e não dispendiosas davam origem a negócios muito mais lucrativos do que enviar produtos para a Europa. Nas zonas mais afastadas dos entrepostos proliferavam imensas oportunidades para os mais aventureiros, com grandes possibilidades de enriquecimento, através do tráfico por conta própria ou prestando serviços militares aos chefes de estado locais. A multiplicação de pequenas comunidades luso-asiáticas, fundadas por portugueses que abandonaram o serviço régio, ao longo das margens do golfo de Benguela e do Mar do Sul da China, funcionou como um império complementar do Estado da Índia.

LOUREIRO, Rui Manuel, ed. lit.; FROIS, Luís; *“Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão”* 1ª edição: Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 15

73__ROSSA, Walter; *“A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português”* 1ª edição, Coimbra: Almedina, 2002, p. 278



figura 49
Detalhe do mapa ‘Taboas geraes de toda a navegação, divididas e emendadas por Dom Ieronimo de Attayde com todos os portos principais das conquistas de Portugal delineadas por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade, anno de 1630’

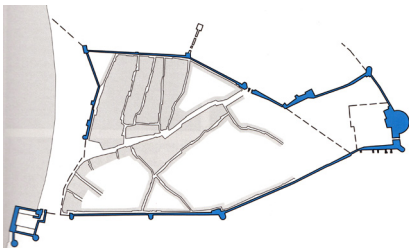


figura 50
Reconstituição da cidade portuguesa de Safim, segundo Jorge Correia, com muralha baluartada (azul)

manecer no oriente,⁷⁴ mantendo-se sempre em torno do Oceano Índico, em cabos, penínsulas, istmos, ilhas ou em enclaves delimitados por rios.⁷⁵ Isto sucedeu exactamente devido à estratégia de implementação, que por falta de recursos humanos, era necessária uma extrema mobilidade das forças portuguesas.⁷⁶

Com a conclusão dos descobrimentos, foi adoptada uma postura mais colonial e militarizada, como resposta à cobiça dos territórios por outras nações e à hostilidade magrebina, que dificultavam a manutenção do império.⁷⁷

Um elemento da arquitectura militar, muito implementado no norte de África é o atalho, “(...) instrumento de controlo espacial (...)” que “(...) implicava a diminuição da superficie urbana útil (...)”⁷⁸, através da destruição uma área da cidade. Seria portanto uma estratégia muito utilizada quando eram ocupadas cidades já existentes.

Os atalhos, depois de concluídos, inscreviam o núcleo urbano em formas regulares, tendencialmente rectas, demonstrando um certo diálogo entre estas e as cortinas amuralhadas ou cercas, que configuravam troços lineares, tendencialmente rectos e interrompidos regularmente por torres circulares ou torreões semi circulares.⁷⁹ A nomenclatura utilizada, mesmo durante a fase da sua concepção, seria cubos, cubelos ou baluartes, demonstrando uma ponte entre a arquitectura medieval e o manuelino militar.⁸⁰

Destes baluartes existiriam algumas tipologias, de acordo com a sua forma ou função, sendo comuns os em tambor cilíndrico, em planta em U, que avançam mais em relação aos anteriores, em torreão prismático ou paralelepípedo ou em planta em L.⁸¹ Existem também outros tipos de baluarte que são condicionados pelos locais da sua im-

74__ GUIMARÃES, João Pedro de Campos; FERREIRA, José Maria Cabral; “O Bairro Português de Malaca” 1ª edição, Porto: Edições Afrontamento, 1996, p.16

75__ ROSSA, Walter; “A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português” 1ª edição, Coimbra: Almedina, 2002, p. 279

76__ Ibidem, p. 278

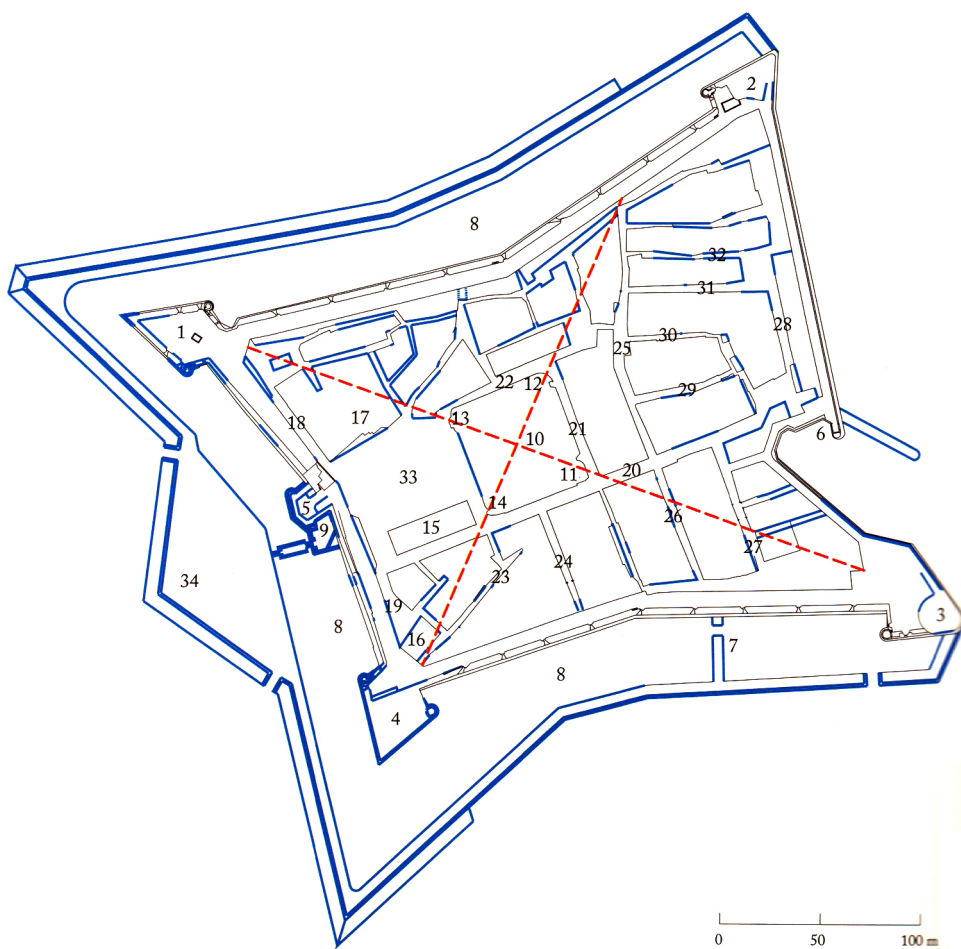
77__ Ibidem, p. 398

78__ CORREIA, Jorge; “Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI” 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 353

79__ Ibidem, p. 360

80__ Ibidem, p. 362

81__ Ibidem, p. 363



- | | | |
|---|-------------------------------------|---|
| 1. Baluarte de Santo António | 13. Torre do Rebate | 25. Rua Direita |
| 2. Baluarte de S. Sebastião ou do Norte | 14. Torre da Cadeia | 26. Rua das Curvas |
| 3. Baluarte do Anjo ou de Santiago | 15. Igreja de N. Sra. da Assunção | 27. Rua da Nazaré |
| 4. Baluarte do Santo-Espírito | 16. Igreja de N. Sra. da Luz | 28. Rua de S. Lourenço (<i>rue n.º 1</i>) |
| 5. Baluarte dos Governadores | 17. Palácio dos Governadores | 29. Rua da Praia (<i>rue n.º 21</i>) |
| 6. Porta da Ribeira ou do Mar | 18. Rua do Arco | 30. Rua das Amoreiras (<i>rue Abraham Zanati</i>) |
| 7. Buxa | 19. Rua da Mina | 31. Rua do Martírio (<i>rue Joseph Amiel</i>) |
| 8. Fosso | 20. Rua da Carreira | 32. Rua das Flores |
| 9. Porta da vila | 21. Rua do Celeiro | 33. Terreiro |
| 10. Edifício do Castelejo/Cisterna | 22. Rua da Cadeia | 34. Revelim |
| 11. Torre da Boreja | 23. Rua da Luz | |
| 12. Torre da Cegonha | 24. <i>Rue Docteur M. Rodriguez</i> | |

figura 50
Reconstituição da vila-fortaleza de Marzagão, segundo Jorge Correia



figura 52
Projecto do engenheiro holandês M. Hool para a construção de um forte no seio da cidade de Cochim após a sua conquista, 1663



figura 53
Diu por Pedro Barreto de Resende, 1635

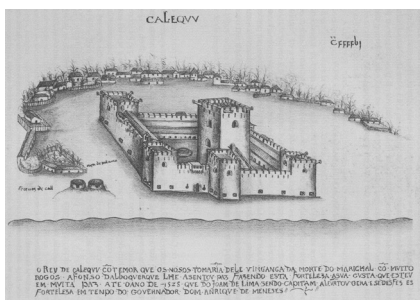


figura 54
Fortaleza de Calecute, segundo Gaspar Correia, 1550

plantação, variando de cidade para cidade.

A este sistema defensivo de muralhas estavam, por vezes, associados sistemas de canais e de fossos, que funcionavam através do desvio de cursos de água ou do escavamento entre corpos de água, “(...) ficando a cidade quase que em uma ilha (...)”.⁸² São exemplos destas cidades, Marzagão, cujo fosso circunda três frentes da fortificação,⁸³ Cochim, onde uma estreita linha de água foi convertida num fosso⁸⁴ e Diu, cujo fosso foi cavado entre as duas margens, junto à muralha.⁸⁵

Contudo, os métodos defensivos com recurso a barreiras de água não se ficavam apenas pela simples construção de fossos. Era também recorrente de couraças, braços fortificados na água, com uma função de molhe e simultaneamente de defesa da porta marítima. Em caso de cerco da cidade seria por aqui que chegariam os abastecimentos à cidade.⁸⁶

Outro elemento da arquitectura militar que em muito define a composição urbana portuguesa é o castelo ou fortaleza. Aqui se concentravam as funções administrativas e a residência do governador ou capitão da cidade.⁸⁷

Inicialmente a sua construção era em muito semelhante à dos castelos portugueses, aquando da conquista de terras aos infieis, mesmo durante a reforma manuelina. Estes edifícios apresentavam referências arquitectónicas mais próximas da residência do que do edifício militar, modificando o perfil da cidade, como afirmação de poder.⁸⁸ Mais tarde, esta forma quase medieval de construir foi abandonada, passando a ser utilizadas novas concepções militares, como por exemplo o baluarte em cunha. A aplicação de ideais renascentistas, neste momento, não passou apenas pela ar-

82__ROSSA, Walter; “Cidades Indo-Portuguesas: contribuições para o estudo do urbanismo português no Hindustão Ocidental” 1ª edição, Lisboa: C.N.C.D.P., 1997, p. 37

83__CORREIA, Jorge; “Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI” 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 398

84__ROSSA, Walter; “Cidades Indo-Portuguesas: contribuições para o estudo do urbanismo português no Hindustão Ocidental” 1ª edição, Lisboa: C.N.C.D.P., 1997, p. 37

85__Ibidem, p. 69

86__CORREIA, Jorge; “Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI” 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 364

87__Ibidem, p. 365

88__Ibidem, p. 366

quitectura militar, tendo sido também aplicadas à restante forma urbana existente.⁸⁹

Inicialmente estabelecidos em locais cedidos pelas autoridades locais, sempre junto ao mar em cabos, penínsulas, istmos e enclaves formados por rios, nestes núcleos “*fazer fortaleza confundia-se com o acto de urbanizar*”⁹⁰, o que seria normal devido à sua grande importância territorial.

Nestes foram gradualmente sendo estabelecidos alguns equipamentos e funções semelhantes às presentes nas cidades portuguesas de origem medieval como Colégios Jesuítas, Conventos, Igreja Matriz, Câmara, pelourinho e Misericórdia. Estes últimos surgem da necessidade de modernizar as cidades, através de uma nova tratadística que revela preocupações com a salubridade e a segurança dos centros urbanos. Estes núcleos funcionariam como uma sede do poder local, à imagem do central, símbolo da intervenção municipal nas cidades.⁹¹ Junto a estas existiria normalmente uma praça do poder municipal.⁹²

Apesar de não ser possível afirmar com uma base documental que existiria um ordenamento urbano português, devido à presença de determinadas características formais semelhantes às das cidades portuguesas, é possível afirmar que “(...) *estes modelos de referência eram conhecidos empiricamente e, em cada local, adaptados livremente às condições existentes.*”⁹³

A Rua Direita é um destes elementos. A origem deste elemento remonta também às cidades medievais portuguesas, onde, a partir do local da feira saía uma via comercial que ligava todos os elementos urbanos de maior importância, como centros administrativos e religiosos da cidade.⁹⁴

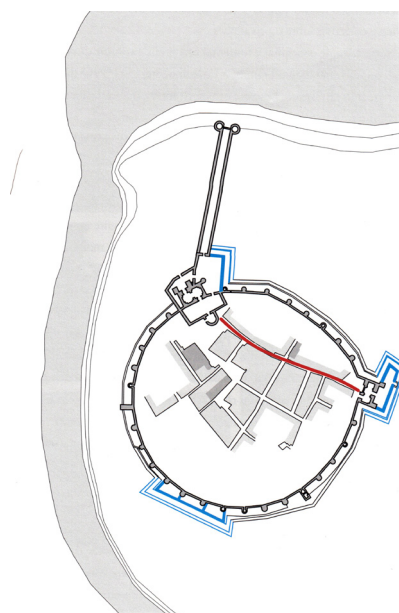


figura 55
Reconstituição da cidade portuguesa de Alcacér-Ceger, segundo Jorge Correia, com Rua Direita (vermelho)

89__CORREIA, Jorge; “Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI” 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 366

90__ROSSA, Walter; “A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o urbanismo português” 1ª edição, Coimbra: Almedina, 2002, p. 278

91__TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida; “O Urbanismo Português: Séculos XIII-XVIII: Portugal-Brasil” 1ª edição Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 83

92__Ibidem, p. 50

93__Idem

94__ROSSA, Walter; “A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o urbanismo português” 1ª edição, Coimbra: Almedina, 2002, p. 222

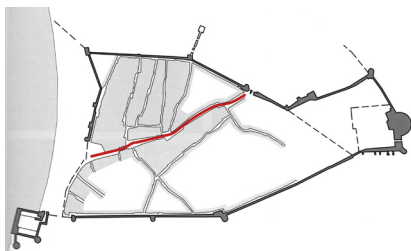


figura 56
Reconstituição da cidade portuguesa de Safim, segundo Jorge Correia, com Rua Direita (vermelho)

Originalmente de cariz comercial, esta rua não era, muitas vezes o único elemento estruturador da cidade, que com a complexificação do seu traçado urbano, por vezes produzia mais que uma via principal. Esta surge em cidades marítimas ou fluviais em dois tipos de configuração: como uma ligação do cais à principal porta terrestre ou paralelamente à linha costeira.⁹⁵

No caso das cidades do norte de África, esse tipo de eixos já existia, sob a denominação de *Zanqat Ibn Isa*, que foi aproveitado pelos portugueses na adaptação dos seus núcleos urbanos, ligando a ‘porta do mar’ à ‘porta do campo’.⁹⁶

A estrutura viária seria o elemento base da caracterização do espaço urbano.⁹⁷ Com uma hierarquia bem definida, formava quarteirões alongados, e era constituído por um numero identico de lotes, que muitas vezes iam de um lado ao outro do quarteirão (apesar de isso não se verificar em todos o casos, existindo por vezes logradouros).⁹⁸

É necessário mencionar também a importância da construção de edifícios religiosos na definição da forma urbana. A edificação de igrejas poderia ser feita de raiz ou através da apropriação de edifícios pré-existentes de outras religiões. Com isto, os portugueses esperavam influenciar a população local e diminuir a importância desses mesmos cultos.⁹⁹

Seriam estas também utilizadas, por vezes, como meio defensivo, como aconteceu em Macau e possivelmente Nagasáqui.¹⁰⁰

95__ROSSA, Walter; “A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o urbanismo português” 1ª edição, Coimbra: Almedina, 2002, p. 223

96__CORREIA, Jorge; “Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI” 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 378

97__ROSSA, Walter; “A Urbe e o Traço: Uma década de estudos sobre o urbanismo português” 1ª edição, Coimbra: Almedina, 2002, p. 225

98__TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida; “O Urbanismo Português: Séculos XIII-XVIII: Portugal-Brasil” 1ª edição Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 50

99__CORREIA, Jorge; “Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI” 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 368

100__Ver ‘3.3. O Desenvolvimento Urbano de Macau’ e ‘4. Nagasáqui e Dejima’

3. CIDADES LUSO-ORIENTAIS

3.2. A Cidade de Malaca

Em 1511, Afonso de Albuquerque conquistou Malaca, passando o seu entreposto a servir de base de partida para novas expedições,¹⁰¹ e servindo como principal praça-forte portuguesa na ligação ao extremo oriente.¹⁰²

A sua posição estratégica foi importante, tanto do ponto de vista militar e logístico, de apoio às navegações entre a Ásia ocidental e oriental, como pela sua importância económica, que já detinha algumas décadas antes da chegada portuguesa.¹⁰³

A pré-existência de um importante núcleo comercial, que atraíu os lusos até lá, possuía defesas, já antes da ocupação portuguesa, conseguidas através de um “(...) *sistema fortificado composto por cercas, tranqueiras e fortins(...)*”.¹⁰⁴ A invasão portuguesa danificou esta fortificação, o que levou Albuquerque a ordenar a construção de uma paliçada de madeira e a lançar as fundações de uma fortaleza, que ficaria conhecida como a ‘Famosa’,¹⁰⁵ no enclave entre o rio de Malaca e o riacho de Aerlele.

Esta, de acordo com os registos gráficos, já estaria concluída em 1540,¹⁰⁶ e encontrar-se-ia no extremo noroeste do núcleo português, junto à alfândega e ao rio. A ‘Famosa’, possuía uma torre, de planta quadrangular, que ir-

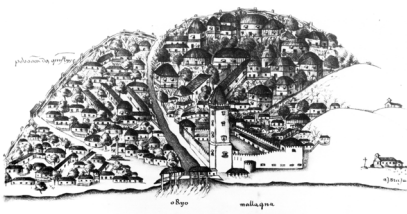


figura 57
Ilustração de Malaca
Gaspar Correia, 1540

101__LOUREIRO, Rui Manuel, ed. lit.; FROIS, Luís; “*Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão*” 1ª edição: Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 16

102__DIAS, Pedro; “*Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português*” in ROSSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); “*Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas*” 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001, p. 235

103__Idem

104__Idem

105__LIMA, Alfredo Viana de; “*Reviver Malaca - Malaca a Revival*” 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, p.48

106__Contudo, Correia não a viu pessoalmente, desenhando a cidade através de relatos e informações incompletas. Neste desenho, a fortaleza encontra-se mal orientada, estando espelhada em relação ao que deveria realmente ser.

Outro ponto onde a representação estava completamente desligada da realidade vivida em Malaca é na dimensão da cidade, que Correia representa como um pequeno aldeamento, o que não vai de encontro aos relatos da “*Suma Oriental*” de Tomé Pires, no qual diz que a cidade se encontrava defendida por cem mil homens de armas, os quais nunca caberiam na cidade ilustrada por Godinho.

DIAS, Pedro; “*Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português*” in ROSSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); “*Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas*” 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001, p. 237

rompia, com os seus cinco pisos, no perfil de Malaca. O restante edifício da fortaleza estava organizado em torno de um pátio, acedido através de uma porta protegida pelo baluarte semi-circular que se encontrava a sul. Aqui estaria a residência do capitão (ver figura 58).¹⁰⁷

Para além da fortaleza, o núcleo, que inicialmente era apenas protegido por uma paliçada, que percorria tanto este como a povoação do outro lado do rio (ver figura 57),¹⁰⁸ foi consecutivamente fortificado, sendo a edificação da muralha inicial ordenada pelo vice-rei D. Pedro de Mascarenhas, por volta de 1526. A sua construção em pedra foi apenas ordenada em 1561¹⁰⁹ e, em 1604, já existiria um sistema defensivo baluartado em torno da cidadela portuguesa (ver figura 59).¹¹⁰

A fortificação possuía uma forma pentagonal e as suas muralhas seria interrompidas por cinco portas, cada uma protegida por pelo menos um baluarte. Estes possuíam diferentes configurações, demonstrando que talvez tivessem sido erguidos em diferentes épocas.

O baluarte de S. Pedro, que se encontrava dentro de água, a meio do troço ponte da muralha, demonstrava-se mais moderno e forte, uma vez que tinha uma forma pentagonal. Era também muito avançado em relação às cortinas e seria usado para fazer fogo à distância, uma vez que não possuía casamata.¹¹¹

O troço de muralha norte, virado ao rio de Malaca e à alfandega, possuía duas portas e era interrompido a meio por um baluarte irregular de corpo rectângular, defendendo estas entradas da cidadela. Existiam mais dois baluartes similares a este nas outras duas cortinas terrestres da muralha. No extremo oeste, encontrava-se o baluarte de S.

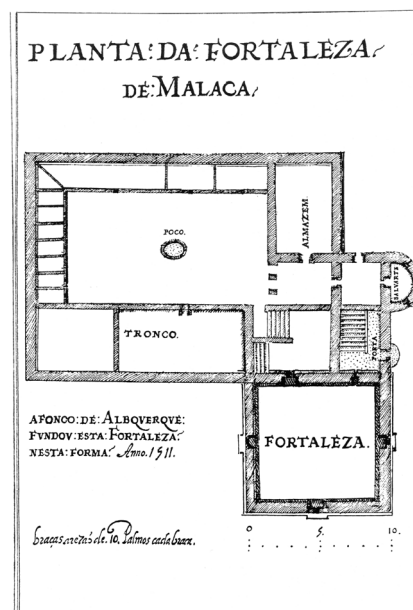


figura 58
Planta da Fortaleza de Malaca
Manuel Godinho de Erédia, 1604

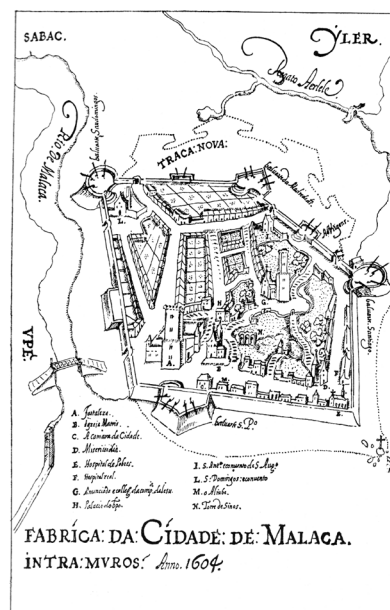


figura 59
Perspectiva Aérea da Fortificação de Malaca
Manuel Godinho de Erédia, 1604

107__De acordo com os desenhos de Manuel Godinho de Erédia, de 1604.

108__Esta povoação seria Uphe.

109__DIAS, Pedro; "Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português" in ROSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); "Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas" 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 237

110__Com base nos desenhos de Manuel Godinho de Erédia desse ano.

111__DIAS, Pedro; "Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português" in ROSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); "Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas" 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 238

Domingos, de planta circular, que protegia a porta oeste, com a mesma designação. Nos dois ângulos, leste e sudeste, da muralha encontravam-se também mais dois baluartes. O primeiro, de Madre de Deus, era pentagonal e o segundo, de Santiago, redondo, não existindo nenhum baluarte no quinto ângulo, que se encontrava já dentro do mar, tal como no ângulo entre a cortina norte e a cortina do baluarte de S. Pedro.¹¹²

É notória também a existência de um projecto de modernização, que nunca foi cumprido. Neste era proposta a construção de um fosso entre o riacho Aerlelé e o rio de Malaca, transformando a fortificação numa ilha, e o alargamento da área da cidadela, através da construção de um novo troço de muralha semi-circular, que seria interrompido por quatro baluartes de orelhão, substituindo as cortinas de muralha adjacentes ao baluarte de Madre de Deus, este inclusive. Era proposta também uma alteração ao baluarte de S. Domingos, que seria convertido a um baluarte pentagonal (ver figura 60).¹¹³

O interior da cidadela, apesar das suas pequenas dimensões, encontrava-se muito pouco ocupada. O principal motivo para que isto acontecesse seria a topografia da sua implantação, num terreno acidentado, estando quase metade da área intra-muros ocupada com o morro de Nossa Senhora da Anunciada, que permitia apenas a construção de edifícios simples, principalmente do lado do riacho Aerlele.

Do lado do Rio de Malaca, de mais fácil acesso, lançou-se a única rua recta, a Rua Direita, junto à qual foram lançados quarteirões de habitação com quintais e hortas, maiores ou menores.¹¹⁴

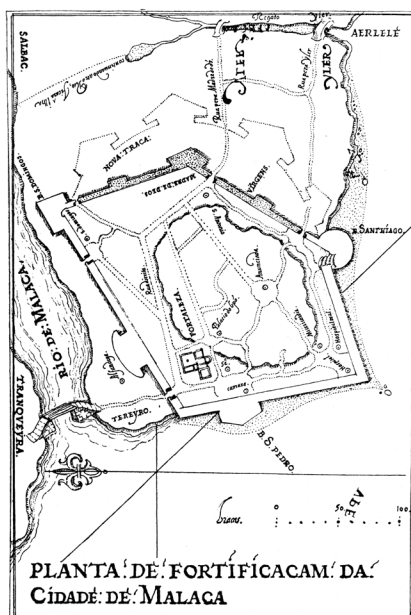


figura 60
Planta da Fortificação de Malaca
Manuel Godinho de Erédia, 1604

112__DIAS, Pedro; "Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português" in ROSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); "Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas" 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 238

113__Com base nos desenhos de Manuel Godinho de Erédia desse ano.

114__DIAS, Pedro; "Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português" in ROSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); "Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas" 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 238

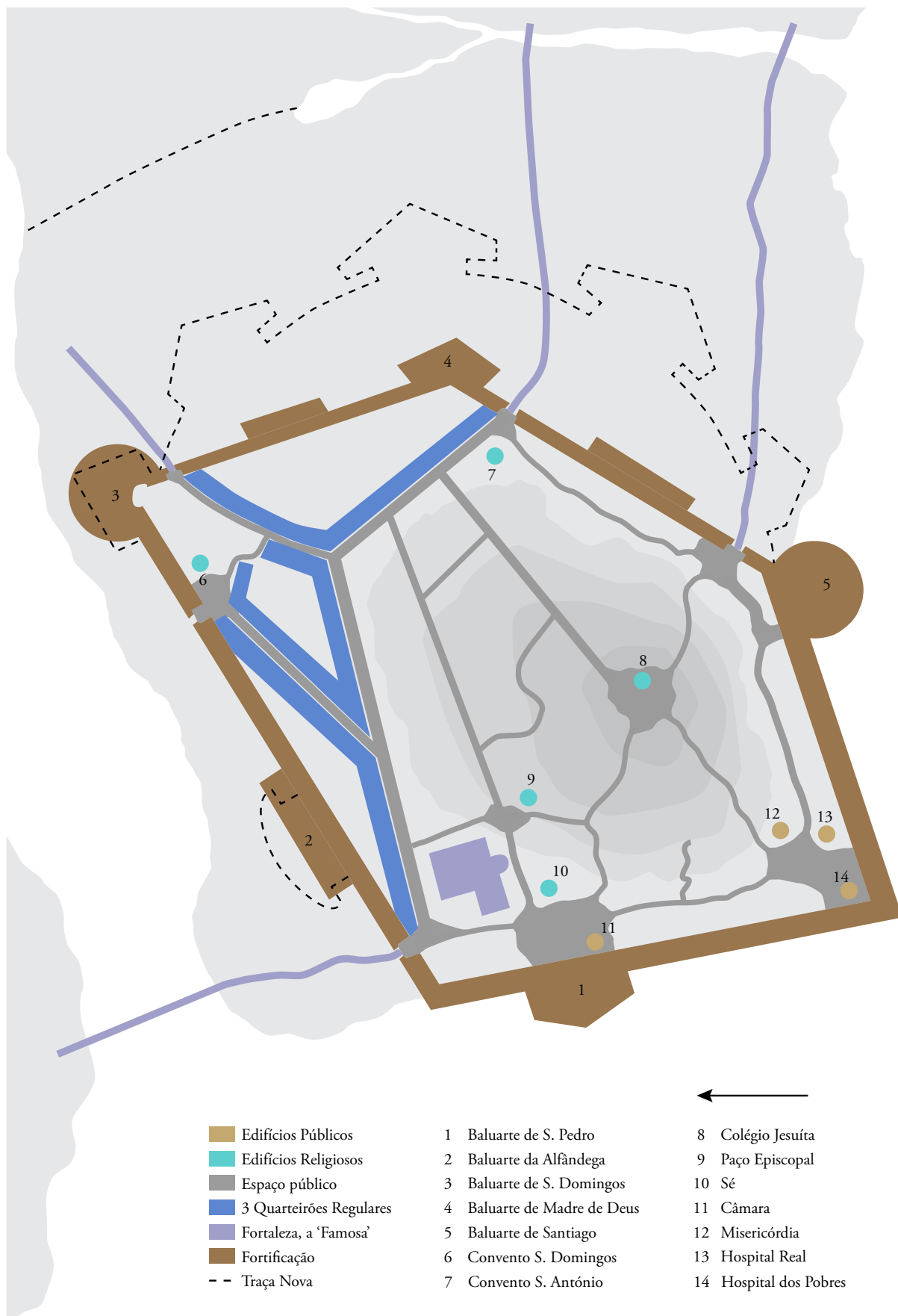


figura 61
Fortificação de Malaca

A estrutura urbana da cidadela era irregular, adaptada ao terreno e às cortinas defensivas da muralha e baluartes. Excepto os três quarteirões por trás da fortaleza, adjacentes à Rua Direita, não houve planeamento urbano formal, aproveitando-se o espaço disponível para a construção de edifícios religiosos, administrativos e alguns residenciais.¹¹⁵ A sua estrutura viária, adaptava-se à topografia e ligava uma série de largos que eram formados nas proximidades de edifícios de grande importância. O mais importante destes seria o largo formado pela ‘Famosa’, a Sé de Malaca e a Câmara da Cidade, de onde saía uma rua perpendicular à Rua Direita, e se cruzava com esta junto à porta da Alfandega, uma rua que subia o morro, em direcção ao baluarte de Madre de Deus, passando pelo Paço Episcopal, uma rua que subia até ao largo do topo do morro da Nossa Senhora da Anunciada, onde se encontrava o Colégio da Companhia de Jesus¹¹⁶ e uma última que seguia, dentro dos possíveis, paralelamente ao troço da muralha do baluarte de S. Pedro, até ao largo da Misericórdia, do Hospital Real e do Hospital dos Pobres.

No interior da cidadela encontravam-se também o Convento de S. Domingos, junto ao baluarte e à porta do mesmo nome, e a Igreja de S. António e Convento dos Augustinhos, na rua que ligava a Rua Direita à porta de Madre de Deus, junto ao morro.

A estrutura viária possuía uma continuidade do interior da cidadela para o exterior da mesma, através das portas da cidadela, colocada no alinhamento das povoações que se encontravam em torno da fortificação.

Apesar de a marca portuguesa na forma urbana de Malaca ter sido deixada, principalmente, no interior da cidade-

115__DIAS, Pedro; “*Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português*” in ROSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); “*Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas*” 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 238

116__É importante referenciar que o padre Alessandro Valignano, importante embaixador da fé no Japão esteve envolvido na construção da forma definitiva deste Colégio, uma vez que já havia projectado outras obras de arquitectura em territórios orientais.

Valignano “(...) Quando estive na cidade, em 1577, ficou desconsolado com o estado do Colégio, com o seu acanhamento e modéstia das instalações, pelo que decidiu deitar tudo abaixo e fazer, desde os fundamentos, uma nova igreja e um novo Colégio. Nos oito meses em que esteve nesta fortaleza deu tal andamento às obras que, quando partiu, estava quase tudo acabado.”

Ibidem, p.244

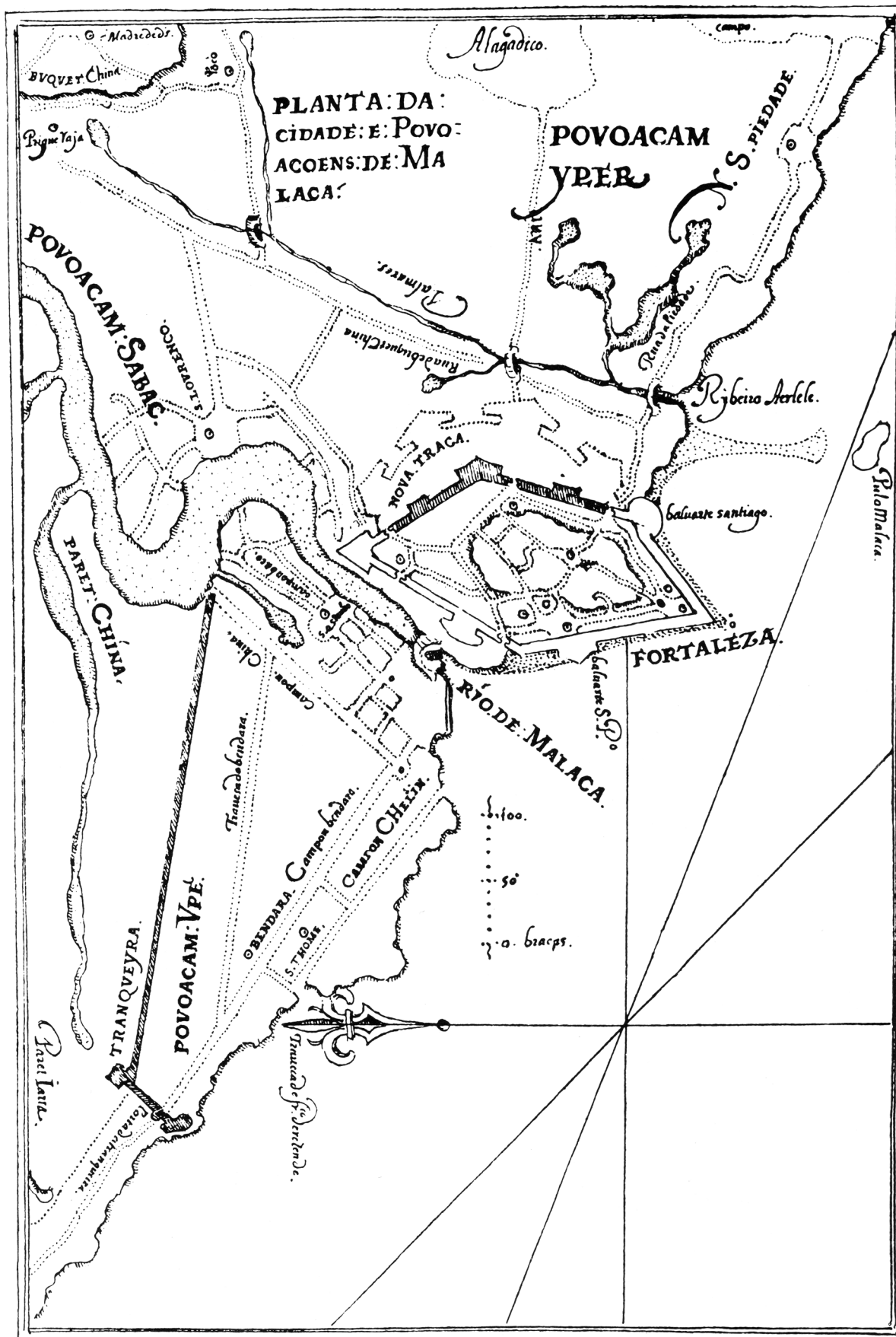


figura 62
 Planta de Malaca e suas Povoações
 Manuel Godinho de Erédia, 1604

la, uma vez que os outros bairros habitacionais já existiam antes da chegada portuguesa, foram também feitas algumas transformações nesses mesmos bairros.¹¹⁷ Exemplo disto é o pelourinho levantado por Afonso de Albuquerque em frente à Alfândega e ao Bazar dos Javanese, na povoação de Uphe, a zona de maior densidade de ocupação, criando um eixo com a praça da “Famosa”, através da ponte coberta.¹¹⁸ Foram também construídas duas igrejas nesta povoação.¹¹⁹

“Uphe não se alterou durante o tempo português, até porque à ocupação e distribuição do espaço correspondiam estabelecimentos étnicos e funções que a Coroa portuguesa pretendeu manter, desde a primeira hora.”¹²⁰

A povoação onde os portugueses talvez tenham deixado mais património cultural não edificado foi Ilher, onde viviam pescadores, e onde a sua malha urbana era menos densa que a de Uphe e as habitações construídas em madeira e cobertas com folhas de ola.¹²¹ Lá foi edificada a igreja de Nossa Senhora da Piedade, sendo essa zona actualmente conhecida como o Bairro Português de Malaca.¹²²

O ‘Bukit China’, mais a norte, para o interior da ilha, foi a localização escolhida para a fundação do convento franciscano Madre de Deus, entre 1579 e 1582, pelo frei João Baptista Lucareli.¹²³

117__DIAS, Pedro; “Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português” in ROSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); “*Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas*” 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 239
118__Idem

119__As igrejas de S. Tomé, em 1562, adjacente ao ‘Campon Chelin’ e a de Santo Estevão, em 1574, próxima do ‘Campon China’

Idem

120__Idem

121__Ibidem, p. 237

122__Ibidem, p. 240

123__Este convento foi, em 1606, tomado pelas forças neerlandesas e completamente destruído após a conquista da cidade por estas, a 11 de Janeiro de 1641. O mesmo sucedeu à fortificação em si e às igrejas, após tanto a ocupação holandesa como a invasão inglesa, com excepção da igreja jesuíta, usada como torre de vigia, sendo esta a única que persistiu até aos dias de hoje.

Idem

3. CIDADES LUSO-ORIENTAIS

3.3. O Desenvolvimento Urbano de Macau

A presença portuguesa em Malaca, em muito facilitou o acesso à China, que foi visitada pela primeira vez pelos portugueses em 1513.¹²⁴

Por volta de 1522, as autoridades chinesas expulsaram os portugueses do seu território¹²⁵, demorando oito anos até surtirem de novo condições favoráveis ao comércio com a China.¹²⁶

Mais de uma década mais tarde, em 1557, os portugueses começaram a usar Macau como um entreposto português.¹²⁷ Até então, apesar da pacificidade da presença portuguesa e da possibilidade de permanência, qualquer construção portuguesa tinha de ser destruída após a partida dos navegadores.¹²⁸

Macau era então apenas uma península com duas pequenas aldeias chinesas, uma a norte, junto ao estreito que liga ao continente e outra a sudoeste, perto da baía, cada

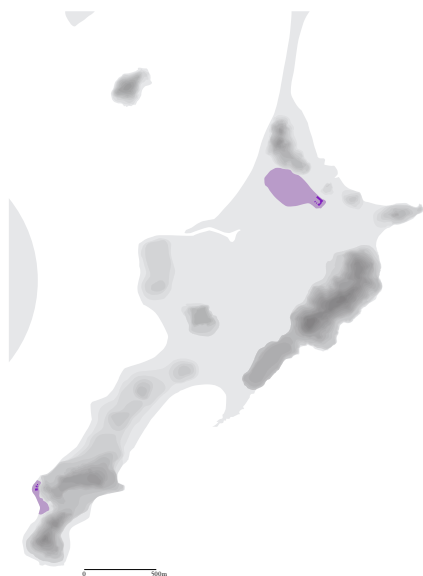


figura 63
Macau
Aldeias Chinesas pré-existentes e seus templos

124__ Esta viagem efectuou-se num junco malaio, numa parceria com empresários asiáticos, coisa recorrente então, tendo em vista a minimização de riscos em explorações a territórios desconhecidos e a recolha de informações náuticas e geográficas para futuras jornadas. Esta viagem demonstrou-se extremamente rentável, o que fez aumentar as expedições portuguesas, inicialmente por particulares e logo de seguida por funcionários régios.

LOUREIRO, Rui Manuel, ed. lit.; FROIS, Luís; *“Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão”* 1ª edição: Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 17

125__ Apesar de, desde 1515, a Coroa Portuguesa já possuir um valioso conjunto de escritos geográficos, cuja recolha havia sido incentivada desde o início do século, cometeu erros estratégicos no relacionamento com o Médio Império. Ao tentarem aplicar as mesmas estratégias que no restante Estado, de construção de feitorias fortificadas defendidas por armadas, as autoridades chinesas, apesar dos contactos iniciais terem sido positivos, receosas da sua integridade territorial, ordenaram a expulsão dos portugueses do seu território em 1522, após violentos confrontos entre barcos mercantes e a armada chinesa.

Idem

126__ Durante oito anos os navios portugueses procuraram obter os produtos chineses de outros mercados, até que em 1530 surgiram novas circunstâncias favoráveis ao comércio com a China. As províncias chinesas que se encontravam na orla marítima, atravessavam uma grave crise económica. Rapidamente se desenvolveram novas rotas comerciais no litoral chinês, contra as ordens imperiais mas com a benção das autoridades provinciais. A partir de então, a presença portuguesa assumiu uma enorme importância no Mar do Sul da China.

Ibidem, p. 18

127__ Na costa chinesa, devido a uma forte campanha xenófoba por parte das autoridades locais, os navios portugueses foram expulsos de Fujian, passando a navegar para a ilha de Sanchoão. O entreposto lá criado foi entretanto transferido para Lampacau, através de um acordo informal entre Leonel de Sousa e as autoridades cantonenses 1554, tendo sido transferido finalmente para Macau em 1557.

Ibidem, p. 19

128__ BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.20

3. CIDADES LUSO-ORIENTAIS

uma com o seu templo.¹²⁹ As dimensões reduzidas e o terreno acidentado da península viriam mais tarde a condicionar em muito a organização urbana.

O primeiro aglomerado português surgiu a norte da Baía do Porto Interior, no sopé de um monte, já que lá havia uma maior protecção das condições climatéricas e controlo de navegação. Estando no ponto intremédio entre estas aldeias pré existentes, utilizavam-nas para obterem alimentação.¹³⁰

Os primeiros anos do aglomerado português de Macau passaram-se em torno do porto marítimo, já que a estadia estava sempre condicionada pela sua limitação de tempo. As construções não passavam de pequenos armazéns de madeira e palha para guardar as mercadorias.¹³¹

A 1555 chegaram os primeiros jesuítas e, dois anos depois, Macau foi incluída na Diocese de Malaca.¹³² Isto levou à construção do primeiro edifício público, a Igreja de Santo António, que por não possuir autorização pelas autoridades chinesas, era em madeira e palha, tal como os armazéns.¹³³ Esta encontrava-se no cimo do Monte de Camões, o que obrigou à criação da primeira rua de Macau, a Rua Direita, para lhe dar acesso.¹³⁴

A localização da igreja num local elevado não é só uma questão simbólica, como noutros casos de colónias orientais, mas também pela possibilidade de um maior controlo marítimo e a função de refúgio para os comerciantes em

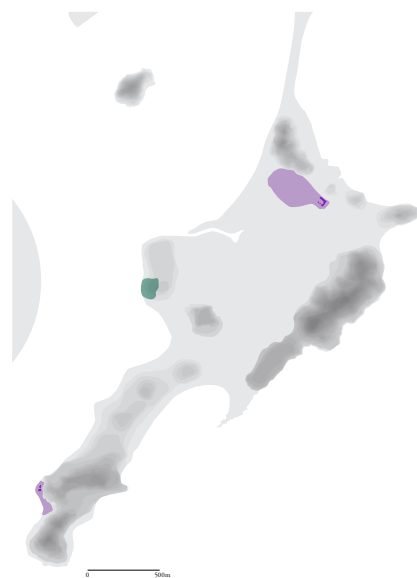


figura 64
Primeiro aglomerado português

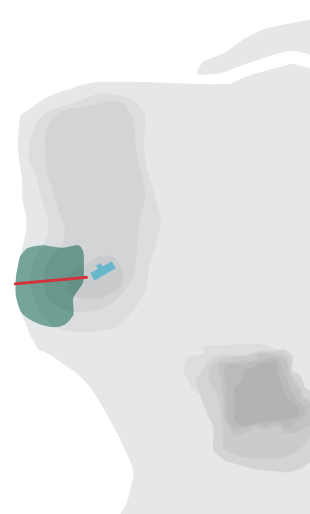


figura 65
Igreja de Santo António e Rua Direita

129__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.20

130__Ibidem, p. 22

131__ROSSA, Walter (Coord); *“Ásia. Oceania”* in MATTOSO, José (Direc.); *“Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo”* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.580, 506

132__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.22

133__ROSSA, Walter (Coord); *“Ásia. Oceania”* in MATTOSO, José (Direc.); *“Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo”* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.580, 506

134__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.22

caso de ataque.¹³⁵

Neste período, este núcleo, que não ultrapassaria os 15.000 metros quadrados, desenvolveu-se sem estudo de implantação dos edifícios na vila e as construções eram de carácter provisório. Contudo, por questões práticas e defensivas foram se desenvolvendo eixos viários, estando os armazéns dispostos perpendicularmente à linha da costa.¹³⁶

O comércio com o Japão de uma forma regular, a partir de 1556,¹³⁷ em muito contribuiu para o grande desenvolvimento de Macau. Por outro lado, a obtenção de um porto seguro na costa chinesa demonstrara-se fundamental para o desenvolvimento do comércio no oriente.¹³⁸

Com isto, os armazéns começaram a ter também a função de habitação e o núcleo da presença portuguesa estende-se para sul, ao longo da encosta, numa zona em que a península forma uma baía, mais propícia à fixação.¹³⁹

Os jesuítas continuaram a chegar a Macau e, em 1559 construíram uma segunda igreja, S. Lourenço. Os poucos fiéis de Macau não justificavam essa construção, na encosta do Monte Mofino, longe da aldeia portuguesa, num ponto intermédio entre este povoado e a aldeia chinesa a sul. O ponto alto, virado a sudeste, demonstra que S. Lourenço era usada como uma solução para controlar os mares navegados por piratas japoneses, já que os portugueses estavam

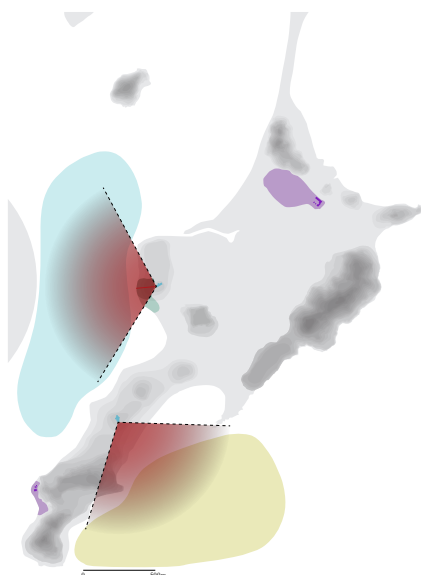


figura 66

Crescimento do núcleo português (verde)

Igreja de Santo António controlava os mares navegados por ocidentais (azul)

Igreja de São Lourenço controlava os mares navegados pelos piratas japoneses (amarelo)

135__O mesmo tipo de estratégia viria mais tarde a ser também utilizada em Nagasáqui, talvez porque ambas as cidades não eram realmente pertencas de Portugal. Esta seria uma forma de contornar a impossibilidade de fortificar.

136__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.23

137__Este comércio era inicialmente feito por agentes privados mas, com o aumento dos lucros, o poder régio decidiu intervir e, a partir de 1556, começou a enviar um barco por ano para o Japão, conhecido como a Nau do Trato

LOUREIRO, Rui Manuel, ed. lit.; FROIS, Luís; *“Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão”* 1ª edição: Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001

138__Por um lado os mercadores passaram a ter a possibilidade de esperar os ventos propícios para os trajectos pretendidos, por outro também dispunham de tempo para demorar o necessário para negociar sem depender do rígido calendário das monções, que condicionava as navegações. Macau passou também a servir aos religiosos jesuítas como base de apoio à evangelização do Japão. Isto foi também benéfico para os mandarins cantonenses, já que deste modo conseguiram concentrar os navios estrangeiros, obtendo um maior controlo e simultaneamente mantendo os benefícios político-económicos.

Idem

139__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.23

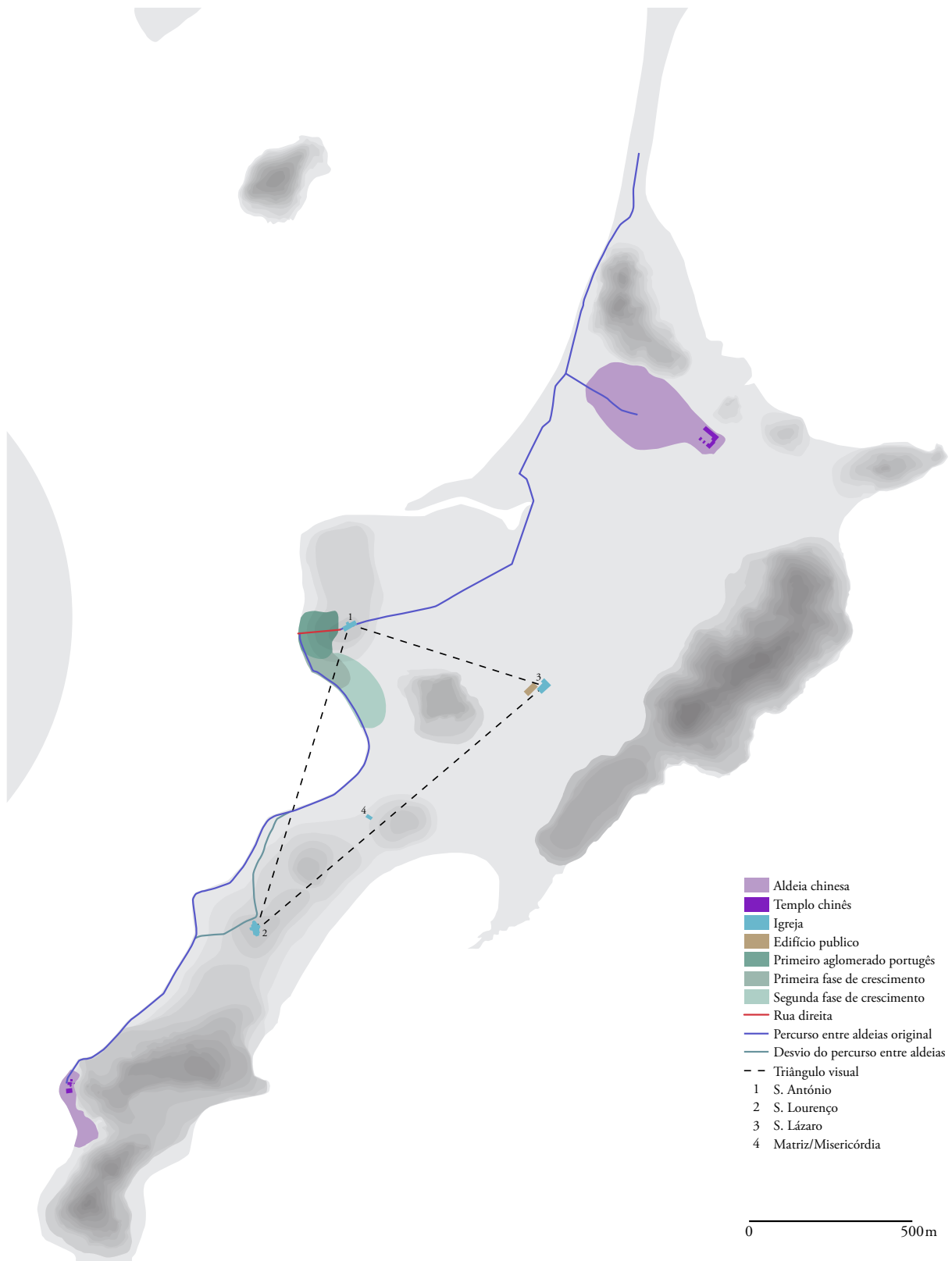


figura 67
 Relações entre Igrejas e crescimento do aglomerado português de Macau

impedidos de construir fortificações.¹⁴⁰

Neste momento, existia um percurso entre as duas aldeias chinesas, que passava pelo povoado português. Este foi desviado para passar pelas igrejas jesuítas, na esperança de fomentar as conversões.¹⁴¹

A lepra era, por esta altura, um problema muito grave, o que levou à construção da Igreja e Hospital de S. Lazaro, em 1560.¹⁴² Os dois edifícios foram implantados de uma forma cuidadosa, apesar da falta de planeamento em Macau, entre a colina e o Monte Mofino, zona topograficamente menos acidentada e próxima do porto e da baía.



figura 68
Igreja (laranja) e Hospital (vermelho) de S. Lazaro

O aglomerado português começou então a desenvolver-se no sentido do centro de um triângulo visual formado pelas três igrejas, iniciando-se o zonamento da cidade com a criação de áreas distintas conforme a sua função.

Isto foi exponenciado pela construção da Igreja da Misericórdia, ou Igreja Matriz, por volta de 1560, no interior deste triângulo, no local onde mais tarde surgiram os primeiros edifícios governamentais, tornando-se no centro político e administrativo de Macau, o que demonstra que a Matriz não aspirava a ter um papel defensivo, como as restantes igrejas da cidade, mas sim ocupar uma presença mais política e religiosa, como acontece em outras cidades portuguesas contemporâneas.¹⁴³ A sua localização era a melhor das duas zonas planas para onde a cidade se poderia expandir, sendo a menos extensa, mais próxima do núcleo original, de mais fácil acesso através do porto e simultaneamente a mais segura. Isto proporcionou um grande au-

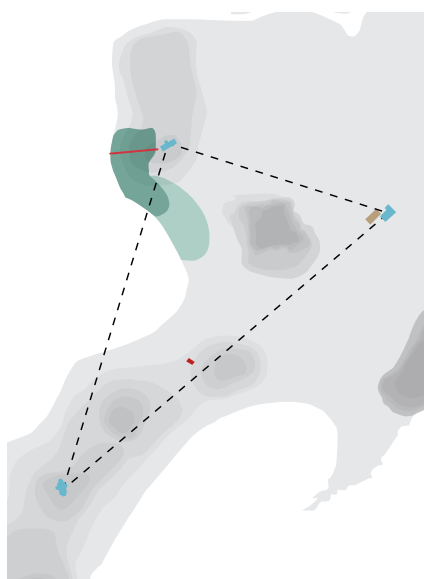


figura 69
Triângulo Visual, Crescimento do núcleo urbano (verde) e Igreja Matriz (vermelho)

140__“Era do conhecimento dos mais entendidos em defesa do território, até porque vinha assim descrito nos tratados, que as zonas protegidas naturalmente e de acesso mais difícil não seriam as adequadas à construção de grandes obras militares.(...) Ainda que não fosse muito frequente a igreja intervir nas questões defensivas das colónias, ou exercer e assumir de forma tão clara um papel militar, este terá sido o método encontrado para, de um modo discreto, deter um melhor controlo sobre o território.”

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; “A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos” Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.25

141__Idem

142__Ibidem, p.26

143__Ver ‘3.1. O Estado da Índia’

mento da comunidade portuguesa.¹⁴⁴

Com o novo núcleo urbano, surgiu uma necessidade de prolongar a Rua Direita. Apesar da falta de muralhas, a organização da cidade foi regida por esquemas e regras pensadas e estratégicas que, a par da topografia e limites marítimos, condicionaram o seu crescimento. Também os edifícios públicos serviram esta função, direccionando o crescimento da urbanização e seguindo regras defensivas de arquitectura militar.¹⁴⁵

Esta nova fase de urbanização era pouco densa e os seus edifícios irregulares, desenvolvendo-se dentro do triângulo defensivo, principalmente em terrenos baixos, mas por vezes subindo um pouco as encostas, contrariando a teologia chinesa.¹⁴⁶

Após a chegada definitiva dos jesuítas foi construída, em 1565, a primeira residência da Companhia, acompanhada de uma pequena capela de palha, tal como as casas macaenses, adjacente à Igreja de Santo António. Esta servia de hospedaria para os padres que seguiam viagem para o Japão.¹⁴⁷

Com o crescente problema da pirataria, que incomodava as autoridades, tanto portuguesas como chinesas, tornou-se imperativa a construção dos primeiros troços de muralha, que se iniciou em 1568.¹⁴⁸ Esta, em troncos de árvores revestidos a taipa, encontrava-se nas proximidades

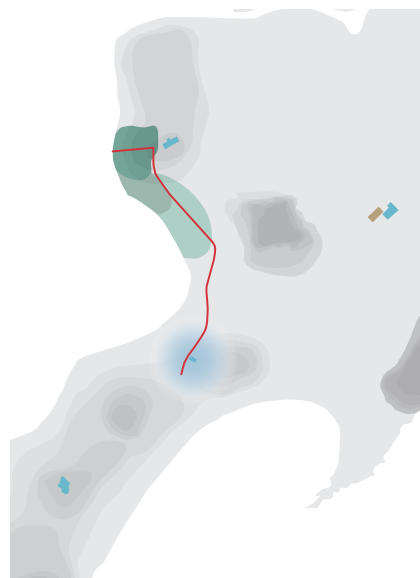


figura 70
Prolongamento da Rua Direita até ao novo núcleo urbano

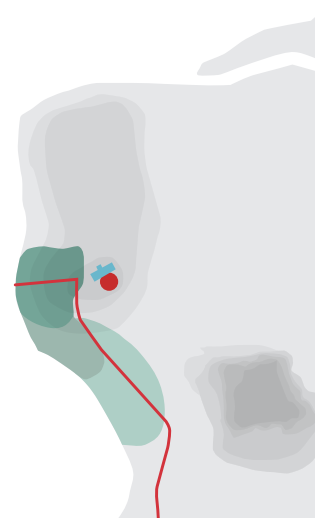


figura 71
A residência da Companhia de Jesus (vermelho)

144__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; “A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos” Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.28

145__Ibidem, p.31

146__”Para os chineses qualquer construção erguida no cimo do monte atrai mau Fông-Soi!(...)”

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; “A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos” Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p.31

147__ A instalação permanente dos padres da Companhia de Jesus em Macau deveu-se principalmente ao aumento populacional da cidade que contava com cerca de 900 portugueses em cinco ou seis mil cristãos.

Ibidem, p. 32

148__ Com autorização das autoridades chinesas e a mando de Tristão Veiga.

ROSSA, Walter (Coord); “Ásia. Oceania” in MATTOSO, José (Direc.); “Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo” 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 493

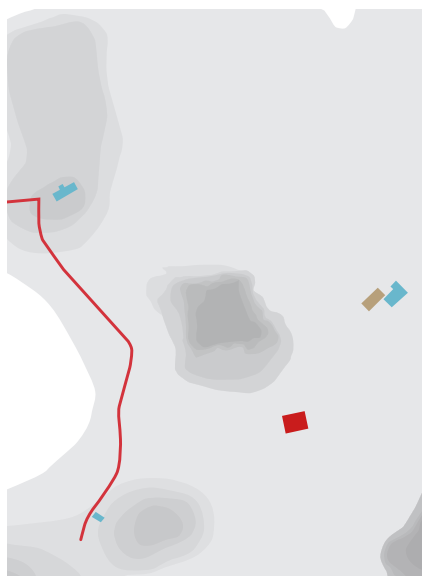


figura 72
Hospital Público (vermelho)

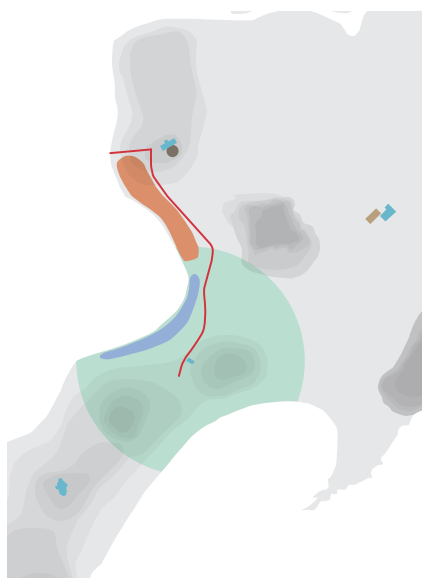


figura 73
Novo centro urbano (verde) e zonamento: predominantemente comercial (laranja) e área habitacional e comercial (azul)

do porto marítimo.¹⁴⁹

A fixação definitiva de um núcleo português seria um objectivo que se tentou atingir através da religião e apoio social.¹⁵⁰ Com a construção, a 1569, do primeiro hospital público e a Santa Casa da Misericórdia,¹⁵¹ foram dados os primeiros passos para a sedimentação da presença portuguesa. Estes edifícios encontravam-se afastados da nova Rua Direita, mas ainda no interior do triângulo Defensivo, e próximo do Hospital de São Lázaro.

A Companhia de Jesus, em 1572, construiu uma escola de primeiras letras, adjacente à residência e, um ano mais tarde reconstruiu a Igreja de Santo António em taipa.¹⁵²

Neste período a malha urbana começou a tornar-se mais distinta, com hierarquização dos espaços e zonamentos, organizada por eixos definidos pelos edifícios de referência, que funcionaram como linhas estruturantes do desenvolvimento urbano.¹⁵³ Macau deixou, então, de ser uma vila implantada junto à costa, estendendo-se até à margem oposta.

Este crescimento, desenvolvido segundo as mesmas normas das cidades fortificadas mas sem uma muralha que o limitasse, seguiu, portanto, uma lógica de implantação dos seus edifícios de acordo com um zonamento funcional, para se procurar desenhar a cidade contornando as limita-

149__Um troço teria cerca de 285 metros e acompanhava a linha de costa e outro delimitava a fronteira a norte, atingindo aproximadamente 600 metros. Apesar de existirem estas informações é impossível localiza-los actualmente com precisão.

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *‘A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos’* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 35

150__Esta estratégia foi em muito semelhante à usada em Nagasáqui, dois anos mais tarde.

ROSSA, Walter (Coord); *‘Ásia. Oceania’* in MATTOSO, José (Direc.); *‘Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo’* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 503

151__A Santa Casa da Misericórdia tinha como objectivo dar refúgio aos órfãos e crianças abandonadas, através de apoio financeiro do governo e de comerciantes ricos.

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *‘A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos’* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 29

152__ROSSA, Walter (Coord); *‘Ásia. Oceania’* in MATTOSO, José (Direc.); *‘Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo’* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 500

153__ BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *‘A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos’* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 36

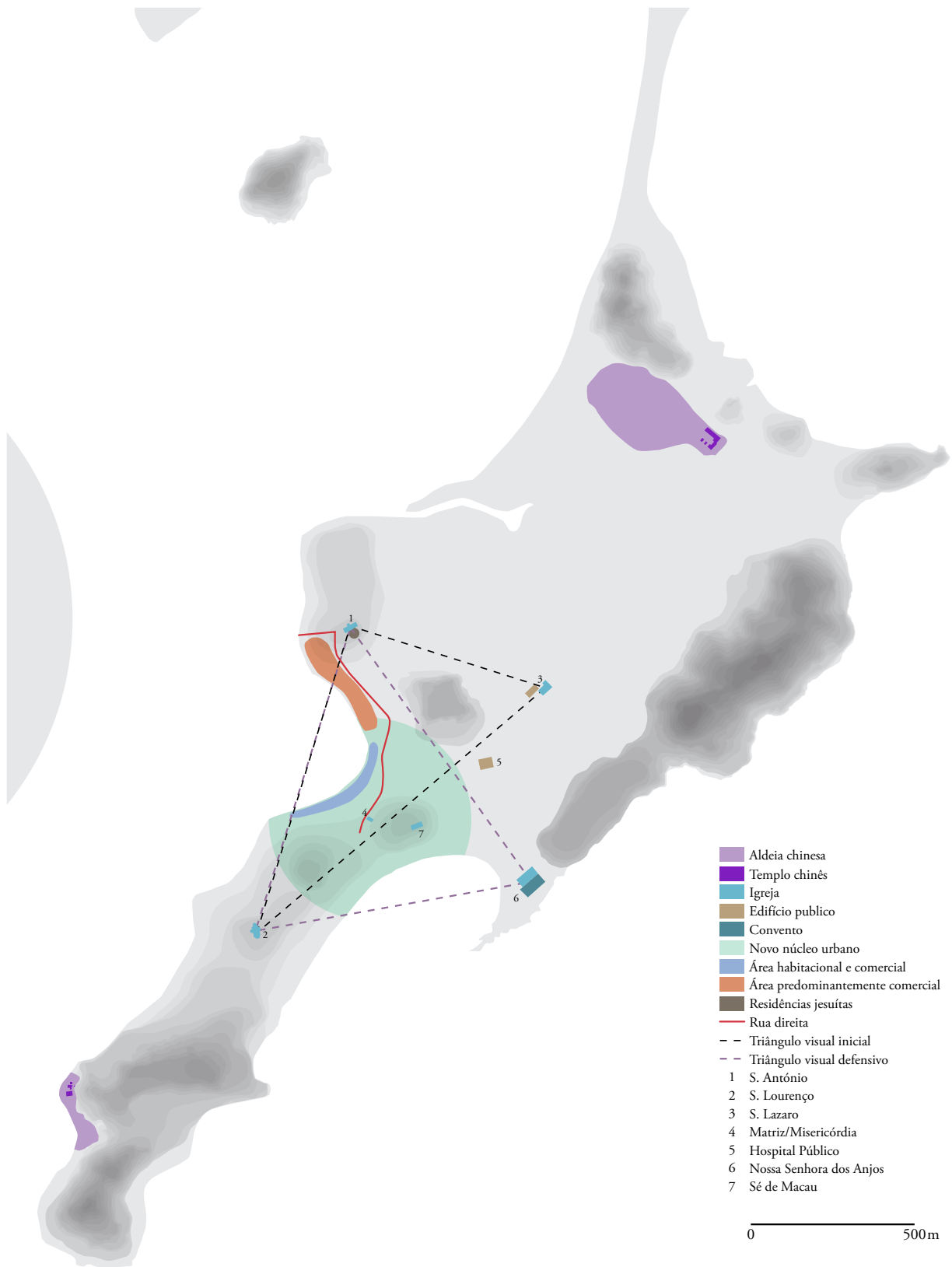


figura 74
Crescimento de Macau e os novos sistemas defensivos

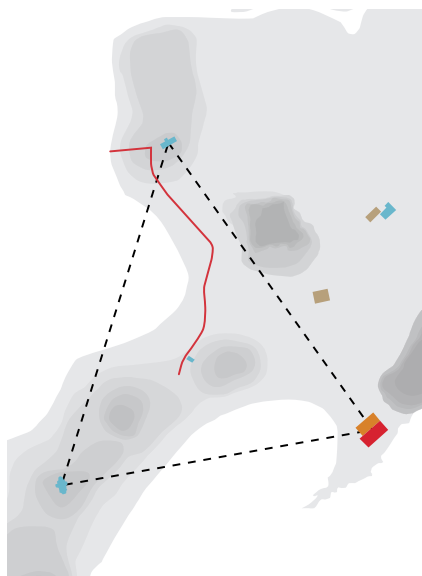


figura 75
Igreja (laranja) e Convento (vermelho) de Nossa Senhora dos Anjos e eixos visuais entre as igrejas defensivas

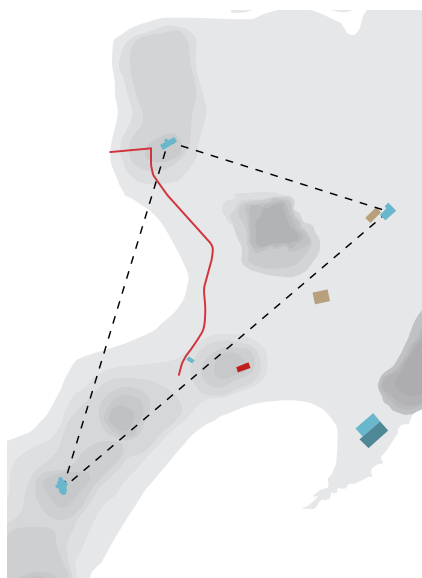


figura 76
Sé de Macau (vermelho)



figura 77
Baía da Praia Grande

ções impostas pelas autoridades chinesas.

Com a passagem de Macau a Diocese, em 1576, cedo chegaram outras ordens religiosas, que também quiseram deixar a sua marca na forma urbana de Macau.¹⁵⁴ Os franciscanos, ligados à igreja militar, contruíram o Convento de Nossa Senhora dos Anjos, de grandes dimensões, não escondendo a sua procura por protagonismo. Este foi implantado no ponto oposto ao da Igreja de Santo António, fechando um novo triângulo defensivo, dando mais controlo sobre a costa leste de Macau, contornando novamente o problema da falta de fortificação.¹⁵⁵ Anos mais tarde, em cerca de 1633, as clarissas ordenaram a edificação da Igreja e Convento de Santa Clara, nas suas proximidades, o que ajudou à consolidação da malha urbana nessa zona, pouco densa até então.¹⁵⁶

Em resposta ao aumento das ordens religiosas, a Companhia de Jesus construiu o catecumenato e a Capela da Inovação de S. Martinho, próximos da residência jesuíta.¹⁵⁷

Em cerca de 1583,¹⁵⁸ foi construída a Sé de Macau, perto da Baía da Praia Grande, fora da área do primeiro triângulo de influência, mas próximo da sua hipotenusa, foi implantado no ponto mais alto desta zona com uma orientação que lhe direccionava a fachada para o centro cívico da cidade.¹⁵⁹ Terá sido também por esta altura edificado o Senado de Macau, junto ao núcleo administrativo.¹⁶⁰

154__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 37

155__Idem

156__Esta é contudo difícil de localizar com exactidão, uma vez que as representações da época não mostram estes edifícios.

Ibidem, p. 39

157__Com o intuito de evangelizar um maior número de chineses e divulgar o ensino da língua chinesa para mais facilmente divulgarem a fé.

158__Foi também por esta altura que a Missão Católica na China foi estabelecida, e Macau passou a funcionar como uma base missionária, como um ponto importante de ligação à Missão no Japão e de aproximação ao médio império.

Idem

159__ROSSA, Walter (Coord); *“Ásia. Oceania” in MATTOSO, José (Direc.); “Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo”* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 504

160__Ibidem, p. 514

3. CIDADES LUSO-ORIENTAIS

Durante o apogeu comercial com o Japão,¹⁶¹ a igreja apostou no apoio social.¹⁶² Foi neste panorama que os agostinhos espanhóis chegaram a Macau, em 1586, e edificaram a Igreja e Convento de Nossa Senhora do Rosário, no cimo do Monte Mofino, a meia distância entre a Igreja Matriz e S. Lourenço, encontrando-se distante das zonas residenciais, mas ainda dentro da área urbanizada, uma vez que, na sua condição de convento, era necessário um certo isolamento.¹⁶³

Por outro lado, e apenas um ano depois, foi construída a Igreja e Convento de S. Domingos, pelos padres dominicanos, no centro da cidade.¹⁶⁴ Como pertencente a uma ordem mendicante, era-lhes fundamental assumir a sua presença,¹⁶⁵ e daí o complexo de edifícios ter sido erguido quase em cima da Rua Direita, em frente à Sé e à Matriz, criando um novo adro.¹⁶⁶

Os jesuítas, cujo único colégio nas Índias Orientais até então era no Japão, obtiveram autorização para a construção de um colégio jesuíta em Macau,¹⁶⁷ o qual foi desenhado pelo padre Alessandro Valignano.¹⁶⁸

Uma vez que o primeiro núcleo jesuíta se encontrava num estado precário, a nova localização escolhida foi no sopé do Monte de Camões, a sudeste, na qual edificaram, para além do colégio, uma nova residência, escola e capela,



figura 78
Igreja e Convento de Nossa Senhora do Rosário (verde) e Igreja e Convento de S. Domingos (laranja)

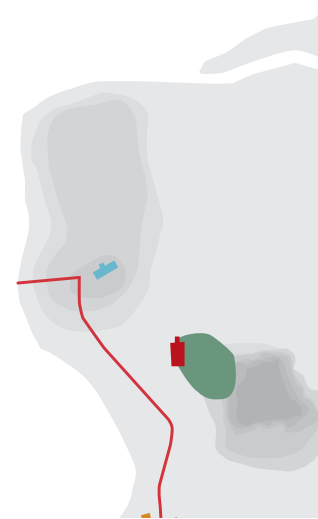


figura 79
Nova igreja (vermelho) e complexo (verde) jesuíta

161__1570-1600 - Com a fundação de Nagasáqui, o comércio com o Japão floresceu e Macau era o único ponto intermediário nas relações económicas entre a China e o Japão. É também nesta altura que surgem os primeiros desenhos e mapas de Macau.

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 41

162__Ibidem, p. 42

163__ROSSA, Walter (Coord); *“Ásia. Oceania”* in MATTOSO, José (Direc.); *“Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo”* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 502

164__Ibidem, p. 501

165__Seria para eles importante confrontar a Companhia de Jesus e assumir presença na comunidade cristã, até então muito ligada aos jesuítas.

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 44

166__Idem

167__Autorização do Rei Filipe I, concedida a 1596.

168__Ibidem, p. 46

à qual deram o nome de Madre de Deus.¹⁶⁹

Com a transformação da escola em Colégio Universitário,¹⁷⁰ foi criado um enorme espaço educacional junto à nova residência, “(...) constituído por duas casas, um pátio entre estas, uma portaria, várias salas e oficinas, uma Igreja e ainda um pátio junto ao pórtico de entrada.”¹⁷¹

Em meados do séc. XVII, Macau tinha atingido largas dimensões. Com isto o custo dos terrenos aumentou conforme os seus diversos zonamentos e é fácil de perceber que deveriam existir vários arruamentos importantes, o que é impossível representar já que há uma enorme falta de informações fidedignas.¹⁷² Esta prosperidade levou a que a cidade despertasse o interesse e cobiça dos holandeses.¹⁷³ Como tal, e porque as primeiras muralhas se encontravam em ruínas, surgiu uma crescente necessidade de fortificação, que viria a condicionar mais o crescimento da cidade.¹⁷⁴



figura 80
Ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Assunção ou S. Paulo

Aproveitando a reconstrução da Igreja da Assunção de Nossa Senhora e do Colégio Madre de Deus,¹⁷⁵ que haviam sido incendiados, foi construída, em 1604, uma pequena cerca que criou uma cidadela para protecção da população local. Isto demonstra uma retoma por parte da Companhia de Jesus das políticas de apoio à defesa da cidade. Uma defesa obtida através do controlo dos limites da península

169__Esta mudança de localização poderá se dever também a uma necessidade de se aproximarem das populações.

ROSSA, Walter (Coord); “Ásia. Oceania” in MATTOSO, José (Direc.); “Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo” 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 498

170__Primeiro na Ásia. O seu objectivo era formar missionários para o Japão.

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; “A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos” Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 47

171__Idem

172__Ibidem, p.48

173__Que haviam chegado aos mares Orientais por volta de 1599

Ver Anexo ‘F. Japão e Portugal - O Século Namban’, p. 137

174__ROSSA, Walter (Coord); “Ásia. Oceania” in MATTOSO, José (Direc.); “Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo” 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 480

175__Com a reconstrução a igreja tornou-se a mais monumental igreja de Macau, actualmente conhecidas como Ruínas de S. Paulo

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; “A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos” Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 50

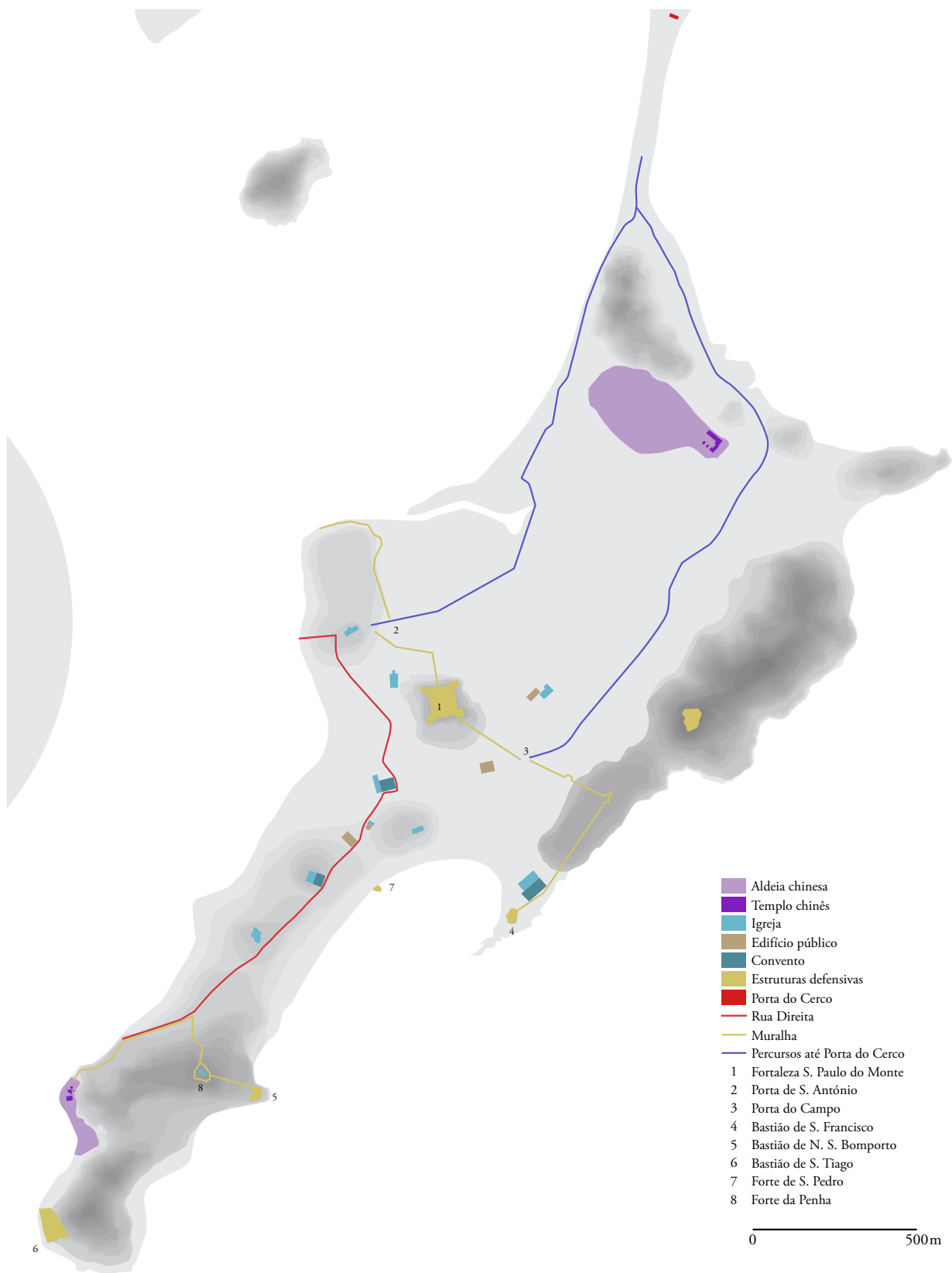


figura 81
Fortificação de Macau e os novos percursos

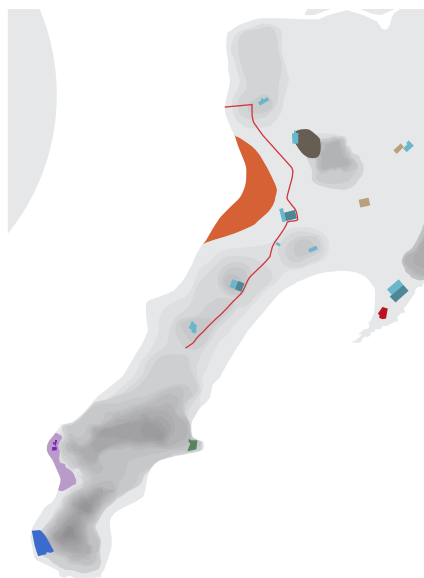


figura 82
Bastião de S. Francisco (vermelho), Bastião de Nossa Senhora do Bomporto (verde), Bastião de S. Tiago (azul) e zona assoreada (laranja)



figura 83
Fortes e fortins (amarelo) e Forte de S. Paulo do Monte (vermelho)

e da criação de um refúgio, já que a cidadela se encontrava no cimo da Colina do Monte.

Em relação à fortificação de Macau, é difícil de perceber o seu faseamento por falta de documentação. Isto deve-se em parte ao facto da construção partir de iniciativa popular.¹⁷⁶ Sabe-se no entanto que, em 1613 foram erguidos três bastiões, para aumentar o controlo da costa. O Bastião de S. Tiago da Barra encontrava-se no extremo da península e controlava a entrada de navios na Baía do Porto Interior. Os outros dois, S. Francisco e Bomporto, serviam para obter um melhor controlo da costa nascente, e dos mares navegados por piratas asiáticos, e encontravam-se na extremidade leste e oeste da Baía da Praia Grande, respectivamente. Propositadamente ou não, os três bastiões encontravam-se ao longo de uma linha recta, em que o Bastião do Bomporto, o central, se encontrava equidistante dos outros dois.¹⁷⁷

Simultaneamente, e por medo dos ataques holandeses, a Baía Ocidental, onde havia começado o núcleo urbano, foi assoreada, numa tentativa de estreitar o canal de passagem, dificultando o acesso ao porto interior.¹⁷⁸

Em 1615, inciou-se a construção de vários fortins e ermidas e os Bastiões foram convertidos em fortalezas. Da fortificação da Cidadela Jesuíta, em 1617, resultou o Forte de São Paulo do Monte. A forma adoptada para esta fortificação é um modelo convencional dos tratados e demonstrou-se funcional, seguro, simples e de fácil concepção. O seu desenho inicial consistia num quadrado quase perfeito, com um baluarte em cada vértice, uma praça central com quase 60 braças de lado (cerca de 132 metros), quatro

176__Em 1613, as autoridades Chinesas emitiram um documento que proibia a construção de novos edifícios, sob a pena de demolição. O mesmo documento limitava a entrada de navios no porto, permitindo apenas a entrada após o pagamento de impostos, sob a pena de verem a sua carga confiscada, por ser considerada contrabando.

BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 61

177__ROSSA, Walter (Coord); *“Ásia. Oceania”* in MATTOSO, José (Direc.); *“Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo”* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 493

178__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 61

edifícios no seu interior, um para o capitão e dois para os soldados, e poderia ser acedido directamente a partir do convento jesuíta. A sua posição, a uma cota mais elevada e central, permitia-lhe também, para além do controlo da totalidade da península, como foi indicado anteriormente, uma fácil comunicação com os restantes pontos de vigia.¹⁷⁹

Como era habitual nas construções de fortificações portuguesas, esta nova fortaleza ficou adjacente a um dos lados da muralha, aquando da sua construção.¹⁸⁰

A construção da muralha e os seus baluarte e fortes foi iniciada em 1622. A sul, o troço de muralha ligava o forte do Bomporto ao forte da Penha e, mais tarde, à aldeia chinesa. A norte, a partir da Fortaleza do Monte, o primeiro troço seguia em direcção ao Porto Interior, contornando o Monte de Camões, terminando junto à foz do rio que se encontrava a norte deste monte. O segundo troço seguia em sentido ao baluarte de S. João, que controlava o vale entre a Colina do Monte e da Guia, junto à igreja e hospital de S. Lázaro (que ficava fora do perímetro defensivo), dobrava para sul junto ao baluarte de S. Jerónimo e terminava junto à fortaleza de S. Francisco.¹⁸¹

Fora da muralha ficavam o Forte de S. Tiago da Barra, a sul e a Fortaleza da Guia, de controlo ao Porto Exterior e à Praia de Cacilhas, localizando-se no ponto mais alto da península macaense, a 94 metros de altitude, permitindo o controlo total do território.¹⁸²

A muralha principal, a norte, dividiu o núcleo urbano da aldeia chinesa, mas manteve a possibilidade de comunicação com esta através de duas portas, uma de cada lado da Fortaleza do Monte. A oeste encontrava-se a Porta de Santo António (ou de S. Paulo), que permeabiliza o per-



figura 84
Novo sistema defensivo da cidade (amarelo)

179__ROSSA, Walter (Coord); "Ásia, Oceania" in MATTOSO, José (Direc.); "Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo" 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 495

180__Não era, contudo, comum esta cortar a muralha, funcionando como um grande baluarte, como neste caso. O sistema mais comum seria esta ficar próxima da porta principal da cidade.

Ver '3.1. O Estado da Índia'

181__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; "A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos" Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 62

182__Ibidem, p. 63

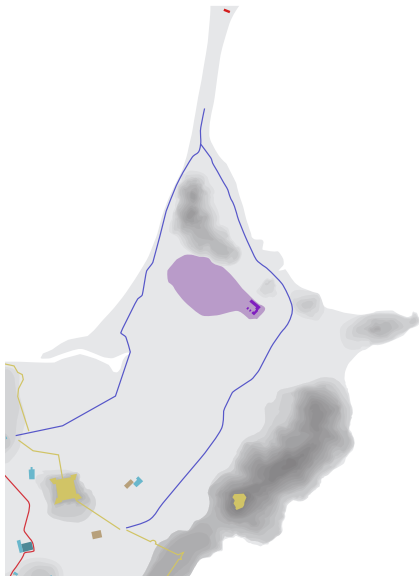


figura 85
Percursos (azul) até à Porta do Cerco (vermelho)



figura 86
Porta do Cerco

curso inicial entre as duas aldeias chinesas, enquanto que a este encontrava-se a Porta do Campo (ou de S. Lázaro ou S. João) que dava acesso ao Hospital e Igreja de S. Lázaro. Ambas as portas davam acesso a percursos que levavam à Porta do Cerco, posto de fronteira com o restante território chinês.¹⁸³

Estes espaços defensivos encontravam-se sempre associados a espaços de culto, como ermidas, não para angariar novos fiéis, mas sim para dar mais sossego a navegadores e soldados.¹⁸⁴

Macau não tinha uma linha de defesa contínua, deixando grandes espaços protegidos apenas por fortalezas ou bastiões.¹⁸⁵

A presença portuguesa em Macau sobreviveu a vários factores que levaram os portugueses a abandonar a maioria das colónias no Oriente, com a perda de alguns pontos comerciais estratégicos, com a Restauração da Independência e a perda do comércio com o Japão.

183__BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005, p. 64

184__Exemplo disto é a Igreja da Penha, construída pelo capitão e tripulação do navio S. Bartolomeu por uma promessa.

Idem

185__No seguimento das estratégias defensivas utilizadas anteriormente, que contavam com a construção de igrejas em locais estratégicos para protegerem a povoação. O mesmo poderia ter acontecido em Nagasáqui, caso a presença portuguesa não tivesse sido perseguida e expulsa do território nipónico.

Ver ‘4.2. As Igrejas e a Sua Relação com o Território’

4. NAGASÁQUI E DEJIMA

長崎と出島

4.1. Forma urbana no Século Namban



figura 87
Localização de Nagasáqui

Os primeiros registos de Nagasáqui relatam a existência, no sopé de um monte, a nordeste do porto que ali viria a surgir,¹⁸⁵ de um castelo, pertencente ao senhor dessas terras,¹⁸⁶ de uma aldeia, nas proximidades deste castelo,¹⁸⁷ e de um templo budista. Este último foi convertido, em 1569, pela Companhia de Jesus, a igreja, adoptando a designação de Igreja de Todos os Santos. Este foi o primeiro núcleo cristão da cidade.¹⁸⁸

Neste período, o que viria a ser o núcleo urbano de Nagasáqui não passava de um cabo coberto de mato. Foi na

185__Na zona onde se encontram os actuais bairros de Sakurababa e Fujugawa

PACHECO, Diego S. J.; *A Fundação do Porto de Nagasáqui e a sua cedência à Sociedade de Jesus* 1ª edição, Macau: Centro de Estudos Marítimos, 1989, p. 9

186__um vassalo de D. Bartolomeu de nome cristão D. Bernardo, cujo nome original seria Nagasaki Jinzaemon Sumikage

Ibidem, p. 10

187__existia neste local uma pequena Jōkamachi, denominada “Tama no Ura” ou “Fukae Ura”

Idem

HARADA, Hiroji; *Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikōkai jidai ni hirakareta kokusai toshi* 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobō Shinsha, 1999, p. 14

188__KODAMA, Kōta; SENO, Seiichirō; et al; *Nagasaki-ken no rekishi* 1ª edição, Tóquio: Yamakawa Shuppansha, 1998, p. 131



figura 88
Planta de Nagasáqui durante a ocupação Portuguesa

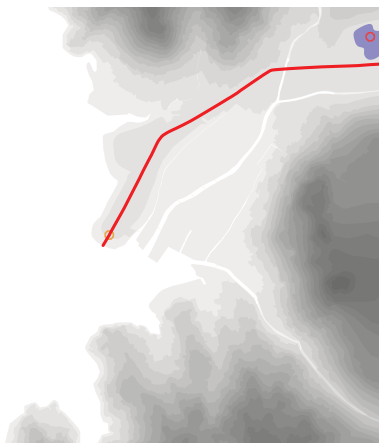


figura 89
Igreja de Todos os Santos (vermelho), Possível Jōkamachi original (roxo), Igreja de S. Paulo (laranja) e Via da Religião (vermelho)

ponta deste cabo que, após acordos com D. Bartolomeu e as devidas explorações marítimas,¹⁸⁹ foi erguida a Igreja de São Paulo, em 1571, e o complexo jesuíta da cidade. Cedo, este se tornou o principal porto e centro comercial português no Japão, motivo de orgulho luso.¹⁹⁰

Nagasaki demonstrava-se ideal para a implementação de uma cidade portuguesa, estando também de acordo com alguns dos princípios urbanos das cidades feudais japonesas, como a proximidade de um corpo de água, ou até mesmo a existência de montanhas, ideais para a construção de yamajiro.

Entre as igrejas então erguidas, foi criado um percurso, descrito como a via da religião, tendo em conta ser um caminho utilizado pelos jesuítas.¹⁹¹ Este é muito semelhante à ideia da Rua Direita de outras cidades portuguesas, uma vez que seria uma rua que unia os pontos principais da cidade, tanto religiosos como administrativos, ajudando a definir a estrutura urbana da cidade.¹⁹² Por outro lado, é também em parte semelhante à ideia do Suzaku, a via principal das cidades imperiais japonesas, já que, apesar de se apresentar muito mais irregular, dividia a cidade em duas partes, atravessando-a desde a sua entrada até ao centro administrativo. Contudo, não seria muito comum no planeamento urbano japonês contemporâneo ao surgimento da cidade, uma vez que esse modelo havia caído em desuso,¹⁹³ pela sua forte ligação ao regime imperial e pelas suas desvantagens defensivas.

Neste primeiro momento foram definidos os seis quarteirões principais da cidade, por ordem de D. Bartolomeu,¹⁹⁴ cuja designação deriva do nome das terras de onde vieram

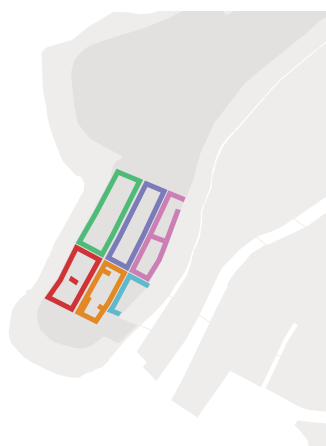


figura 90
Seis Quarteirões Iniciais
Shimabara machi (rosa), Hirado machi (verde), Ōmura machi (roxo), Yokoseura machi (vermelho), Hokaura machi (laranja) e Bunchi machi (azul).

189__Ver anexo 'F. Japão e Portugal - O Século Namban', p. 137

190__MOURA, Carlos Francisco; *"Nagasaki, Cidade Portuguesa no Japão"* 1ª Edição, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969, p.137

191__ANNO, Masaki; *"Sekaisbi no naka no Nagasaki kaikō : kōeki to sekai shūkyō kara Nihon shi o minaosu"* 1ª edição, Tóquio: Genshisha, 2011, p204

192__Ver '3. Cidades Luso-Orientais'

193__Ver '2. Evolução das Formas Urbanas no Japão'

194__Desenhado por Tomonaga Tsushima, vassalo de D. Bartolomeu

PACHECO, Diego S. J.; *"A Fundação do Porto de Nagasaki e a sua cedência à Sociedade de Jesus"* 1ª edição, Macau: Centro de Estudos Marítimos, 1989, p.11



figura 91
Cartografia do período de Kan'ei (1624-1643)
Reprodução de 1884

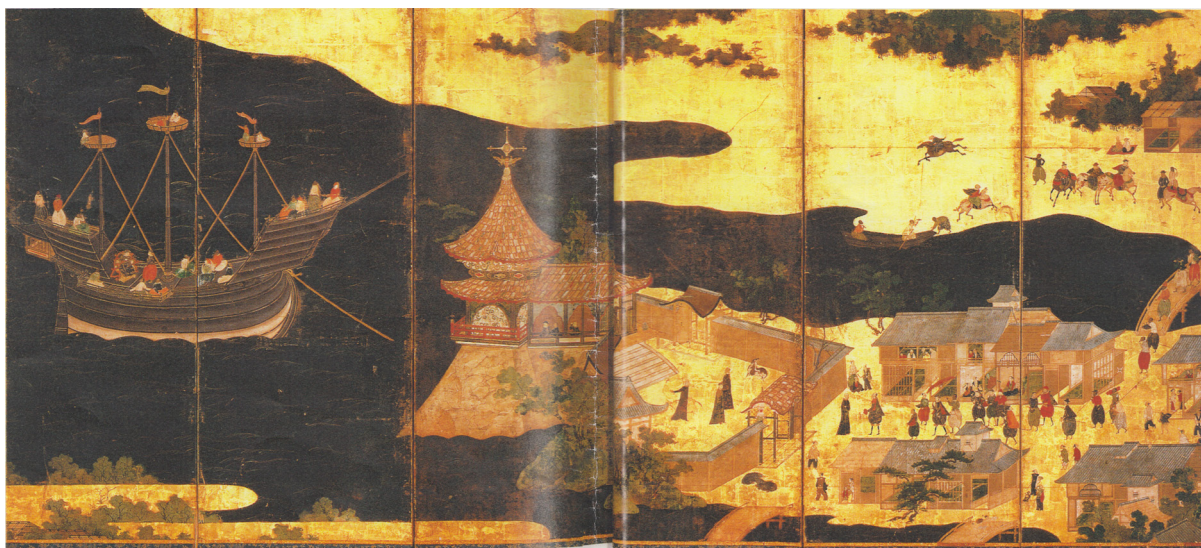


figura 92
Biombo Nanban
Igreja do Cabo



figura 93
Registos gráficos do edificado
1. Detalhe da Cartografia do período de Kan'ei
2. Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo



figura 94
Detalhe do mapa "Nagasaki Soutyou Ezo"



figura 95
Edificado

os cristãos japoneses refugiados que os ocuparam.¹⁹⁵ Estes definiram ruas ortogonais em relação à via da religião, pela qual eram atravessados, e encontravam-se sensivelmente a meio do cabo. Estas ruas poderiam variar entre quatro e oito metros de perfil.¹⁹⁶

Os edifícios, de acordo com as diferentes representações da cidade, teriam apenas piso térreo, ou, no máximo, dois pisos, fora algumas exceções, o que está de acordo com a diferenciação feita pelo padre Luís Fróis entre as construções portuguesas e japonesas:

*"As nossas casas são altas e de muitos sobrados; as de Japão pela maior parte [são] baixas e térreas."*¹⁹⁷

Com base na cópia de 1884 da primeira representação da cidade, cujo original seria do período de Kan'ei,¹⁹⁸ os seus quarteirões teriam pátios interiores, como logradouros colectivos e o seu loteamento demonstrava-se bastante generoso, o que é contraditório em relação às restantes representações, nas quais o loteamento é extremamente apertado e não existe nenhum pátio central (Ver figura 94).¹⁹⁹ Isto talvez se deva ao alargamento das ruas previamente mencionado. A utilidade destes possíveis pátios é de todo desconhecida, podendo estes funcionar tanto colectivamente como individualmente uma vez que não existe nenhum tipo de registo que os descreva.

O planeamento não ficou só pelos quarteirões, tendo

195__ Estes quarteirões seriam Shimabara machi, Hirado machi, Ômura machi, Yokoseura machi, Hokaura machi e Bunchi machi.

HARADA, Hiroji; "Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikôkai jidai ni hirakareta kokusai toshi" 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobô Shinsha, 1999, p. 14

196__ Esta informação pode não ser certa. Poderiam ser talvez mais estreitas, uma vez que as fontes que representam esta estrutura viária com algum rigor são posteriores ao alargamento das ruas, ocorrido com a reconstrução da cidade após o incêndio de 1663. Neste incêndio a maior parte da cidade ficou destruída, sobrevivendo apenas a ilha de Dejima e os quarteirões de Kanaya e Ima. A reconstrução partiu de iniciativa governamental, que decidiu manter a estrutura urbana original, introduzindo novos conceitos urbanos, tais como o alargamento das vias e dos fossos. Algumas destas vias ainda hoje mantêm as dimensões desta reconstrução. (Ver figura 94)

HARADA, Hiroji; "Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikôkai jidai ni hirakareta kokusai toshi" 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobô Shinsha, 1999, p. 16

Ver anexo 'H. Cartografias e Representações de Nagasaki e Dejima', p. 163
197__ FRÓIS, Luis; LOUREIRO, Rui Manuel, ed.; "Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes Entre a Europa e o Japão" 1ª edição, Lisboa: Instituto Português do Oriente, p. 123

198__ Entre 1624 e 1643

199__ Ver Anexo 'H. Cartografias e Representações de Nagasaki e Dejima', p. 163



figura 96
Planta de Nagasaki indicação de Zonamento,
principais vias e portos



figura 97
Talude (vermelho)

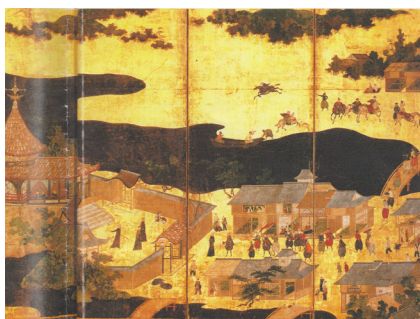


figura 98
Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo, onde está representada a linha costeira oeste.



figura 99
Via Económica

sido também nesta altura desenhado um talude ao longo do cabo, paralelo à linha costeira, que definiu uma plataforma mais elevada, tendo sido aí implantados, tanto os quarteirões como o próprio complexo jesuíta. Este não será um elemento fácil de comparar com outras formas urbanas, podendo apenas ser posto ao nível das plataformas elevadas existentes em castelos feudais japoneses, como elemento defensivo.²⁰⁰

Esta plataforma poderá também ter surgido do assoreamento da linha costeira, uma vez que a representação da Igreja do Cabo a mostra em cima de um elemento rochoso, rodeado de água, e as representações posteriores já a colocam um pouco mais afastada desta.²⁰¹ Nota-se também a presença de um outro canal e outra margem a oeste, o que vai de encontro à ideia do assoreamento. Contudo, isto poderá ter sido apenas a opção representativa do artista, por questões puramente estéticas.

Foi também pensada uma outra via que se demonstrou determinante na evolução urbana da cidade. Esta funcionaria como um percurso ligado à economia e à sociedade, tendo portanto a designação de Via Económica,²⁰² podendo estar relacionada com os princípios das ruas comerciais das cidades japonesas, tanto feudais como imperiais.²⁰³

Foi com base nas duas vias principais, a religiosa e a económica, no talude e na linha costeira e na topografia, que os quarteirões da cidade se foram desenvolvendo com a chegada de comerciantes de vários locais,²⁰⁴ formando outras ruas, que adoptaram uma forma irregular, em função da falta de ortogonalidade entre estes elementos e sempre em relação com a topografia do lugar, como é usual nas cidades portuguesas.²⁰⁵

200__Ver '2.2. Cidades Feudais'

201__Os assoreamentos são uma técnica defensiva muito usada em colónias portuguesas.

Ver '3. Cidades Luso-Orientais'

202__ANNO, Masaki; *"Sekaiishi no naka no Nagasaki kaikō : kōeki to sekai shūkyō kara Nihon shi o minaosu"* 1ª edição, Tóquio: Genshisha, p. 204

203__Ver '2. A Evolução das Formas Urbanas no Japão'

204__HARADA, Hiroji; *"Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikōkai jidai ni hirakareta kokusai toshi"* 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobō Shinsha, 1999, p. 14

205__Ver '3. Cidades Luso-Orientais'

O zonamento da cidade, a julgar pelos tipos de vias definidas, e pela sua localização, seria inicialmente organizado funcionalmente. A partir da data da implantação da mansão do magistrado, em 1592, colocada nas proximidades da Via da Religião e dois quarteirões abaixo da Via Económica, o zonamento terá passado a ser hierárquico, sendo que a zona do núcleo original foi agregada a outros quarteirões, passando a formar a Uchimachi, ou Cidade Interior, sendo esta a zona das pessoas com maiores rendimentos. Os restantes quarteirões da cidade formaram a Sotomachi, ou Cidade Exterior, que seria a zona pobre.²⁰⁶ Esta designação foi apenas eliminada em 1699.²⁰⁷

A localização do cais é um ponto que também causa dúvida e torna-se objecto de especulação. Seguindo a lógica da implantação de cidades portuguesas,²⁰⁸ este deveria situar-se na ponta do cabo, no seguimento da Via da Religião. Contudo isto torna-se incerto se tivermos em conta de novo a figura 92, uma vez que este biombo não mostra nenhuma doca, apesar de demonstrar um barco ancorado. Outras imagens posteriores à saída dos portugueses, como as figuras 101 e 102, mostram um local de desembarque no seguimento de uma rua perpendicular à Via da Religião, na ponta do cabo. Todavia isto também se pode dever a uma realocização das docas, com a construção de Dejima,²⁰⁹ na ponta do cabo. Isto é confirmado pela cartografia do período Kan'ei,²¹⁰ que representa o porto no alinhamento da Via da Religião, colocando Dejima numa localização errada, provavelmente porque deverá ter sido adicionada posteriormente, na altura da cópia do mapa. Esta cartografia possui algumas contradições que levantam dúvidas em relação à presença de Dejima no mapa original. A principal será, para além do posicionamento errado da



figura 100
Zonamento
Uchimachi (verde) e Sotomachi (rosa)

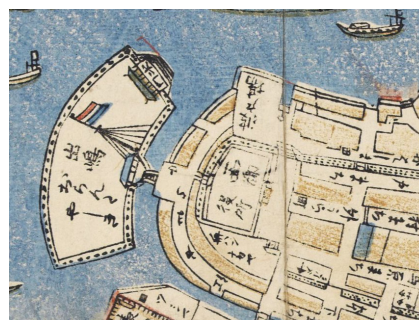


figura 101
Detalhe de Cartografia de 1801



figura 102
Pintura do Século XIX de Nagasaki

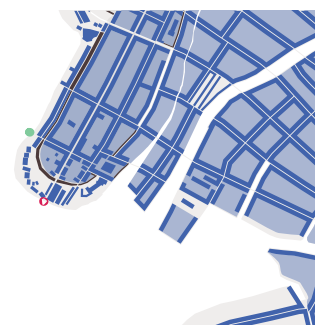


figura 103
Portos
Porto inicial (vermelho) e segundo porto (verde)

206__ANNO, Masaki; “*Sekaiishi no naka no Nagasaki kaikō : kōeki to sekai shūkyō kara Nihon shi o minaosu*” 1ª edição, Tóquio: Genshisha, p205

207__HARADA, Hiroji; “*Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikōkai jidai ni hirakareta kokusai toshi*” 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobō Shinsha, 1999, p. 17

208__Tal como aconteceu em Macau
Ver “3. Cidades Luso-Orientais”

209__Ver Anexo ‘H. Cartografias e Representações de Nagasaki e Dejima’, p. 163

210__Entre 1624 e 1643



figura 104
Fossos (vermelho)



figura 105
Fosso de Diu



figura 106
Fossos, zonamento e via religiosa

ilha, a localização da mansão do magistrado, que terá sido alterada, aquando da construção da ilha, para o local onde se deveria encontrar o complexo jesuíta.²¹¹

Nagasáqui possuía um sistema defensivo que, para além da rede de igrejas de vigia,²¹² era baseado em sistemas de fossos e de elevações.

A primeira linha, já mencionada, seria o talude que elevava o núcleo original em relação à restante cidade, tal como acontecia nas Jōkamachi.²¹³ Este seria complementado por um sistema de fossos, criados através do desvio de cursos de água pré-existentes. Em relação aos fossos em si, não existem registos do sistema construtivo utilizado. Contudo, a sua disposição, revela funcionar como um sistema híbrido entre os métodos defensivos portugueses e os japoneses, existindo mais do que uma linha de defesa, tal como nas Jōkamachi, perpendiculares à Via da Religião, criando sucessivas barreiras defensivas até ao núcleo jesuíta, sendo que a primeira destas encerra o cabo, como se tratasse de uma ilha, como foi planeado em Malaca,²¹⁴ e acontecia em outras cidades portuguesas como Marzagão, Cochim e Diu.²¹⁵

Este sistema de fossos estava de acordo com o zonamento criado por Hideyoshi, podendo-se argumentar que este tenha sido criado posteriormente e que não fazia parte dos planos originais da cidade, como se pode observar na cartografia do período Kan'ei, que mostra que a área da Uchimachi é delimitada pelo primeiro fosso que a encerra.

Contudo nas Jōkamachi, os fossos nunca eram perfurados por eixos viários contínuos, por questões defensivas, o que acontecia em Nagasáqui, com a Via da Religião, o que põe em causa o planeamento dos fossos por parte nipónica.

211__Ver '4.2. As Igrejas e a Sua Relação com o Território'

212__Ver '4.2. As Igrejas e a Sua Relação com o Território'

213__Ver '2.2. As Cidades Feudais'

214__Ver '3.2. A Cidade de Malaca'

215__Ver '3.1. O Estado da Índia'

4.2. As Igrejas e a Sua Relação com o Território

As igrejas de Nagasáqui desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da cidade, não só por questões socioeconómicas,²¹⁶ mas também pelo seu papel na ajuda da definição no desenho urbano.

Como já foi mencionado, as duas primeiras igrejas, a Igreja de Todos os Santos, que substituiu um templo budista pré-existente, e a Igreja de S. Paulo, construída na ponta do cabo, definiram uma das principais vias estruturantes da cidade. Contudo, a sua importância no desenvolvimento urbano de Nagasáqui não se cingiu à criação do percurso religioso.

A adaptação para Igreja de Todos os Santos foi um exemplo da arquitectura jesuíta no Japão, que muitas vezes apenas resultava da adaptação de edifícios pré-existentes ou era construída recorrendo a métodos e materiais locais, para uma mais fácil adaptação e disseminação da fé. Nas palavras do Padre Valignano, “(...) *qualquer casa que se ou- ver de fazer, primeiramente se há de tratar com bons mestres japões, fazendo que fação sua traça, e portanto, como tão bem sua frabrica hé tão diferente da que nos outros usamos (...) que não podemos nós por outros por nos mesmos traça las tão bem (...)*”.²¹⁷ A presença de uma igreja junto ao principal acesso térreo à cidade demonstrava-se também extremamente útil, do ponto de vista defensivo, já que o Japão se encontrava então em período de guerra e a ameaça de outros senhores feudais era constante.²¹⁸ Contudo, em relação a como seria esta igreja efectivamente, não existem descrições ou registos gráficos.

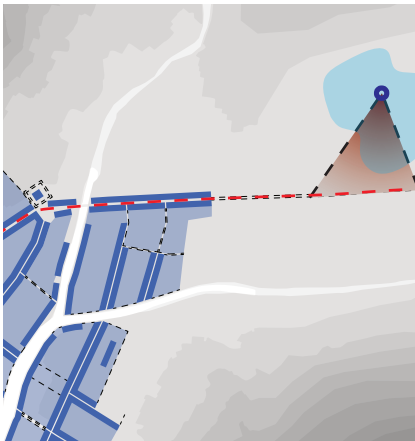


figura 107
A Igreja de Todos os Santos encontrava-se num ponto de vigia dos acessos à cidade privilegiado

216__Ver Anexo ‘F. Japão e Portugal - O século Namban’, p. 137

217__VALIGNANO, Alessandro; “*Advertimentos dos Costumes e Catangues de Jappão*” cit in DINIZ, Sofia; “*A Arquitectura da Companhia de Jesus no Japão. A criação de um espaço religioso cristão no Japão dos séculos XVI e XVII*” dissertação de mestrado Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007, p. 97

218__Nagasáqui havia sido cedida à Companhia de Jesus, em 1580, por D. Bartolomeu. O principal motivo para que isto acontecesse foi a pressão que o dâmio de Hizen, Ryūzōji, lhe fez para que D. Bartolomeu lhe cedesse a ele estas terras.

PACHECO, Diego S. J.; “*A Fundação do Porto de Nagasáqui e a sua cedência à Sociedade de Jesus*” 1ª edição, Macau: Centro de Estudos Marítimos, 1989, p. 17



figura 108
Igrejas de Todos os Santos e São Paulo e a sua posição no território



figura 109
 Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo (1) e do Templo Todaiji (2)



figura 110
 Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo



figura 111
 Cúpula da Ermida de S. Miguel o Anjo

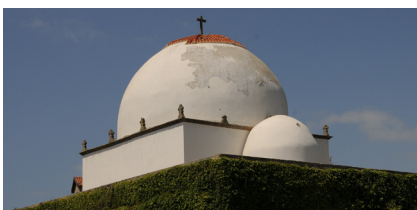


figura 112
 Capela de Nossa Senhora do Socorro

A Igreja de S. Paulo era, na sua forma inicial, de acordo com a figura 92 - ‘Biombo da Igreja do Cabo’ - uma construção feita por japoneses com a orientação dos padres jesuítas, uma vez que apesar de apresentar uma estrutura em madeira e telhados semelhantes aos dos templos budistas, como se pode observar pela figura 109 - ‘Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo e do Templo Todaiji’. A sua forma é muito semelhante a uma igreja com planta basilical, em cruz latina.²¹⁹

Para além da sua estrutura em madeira e dos seus telhados, a igreja representada aparentemente não possuía paredes sólidas, tinha uma varanda em torno da zona da cabeceira e não possuía uma fachada facilmente associada a um edifício religioso de origem portuguesa, aparentando ser apenas mais uma construção japonesa. O elemento que mais a distingue dos restantes edifícios seria mesmo a torre que se encontraria por cima do cruzeiro, estratégia de desenho semelhante às cúpulas existentes em igrejas portuguesas associadas à navegação, como a ermida de S. Miguel o Anjo, na foz do Rio Douro, no Porto²²⁰ ou a Capela da Nossa Senhora do Socorro, em Vila do Conde.²²¹ Esta torre não possuía uma forma igual a estas cúpulas, talvez por dificuldades técnicas na construção, uma vez que esta forma arquitectónica não era usada no Japão, ou por problemas de representação do artista, pelo mesmo motivo.

Este volume seria um elemento excepcional na paisagem de Nagasáqui, e poderia servir como um marco na navegação da baía, tal como acontecia nos exemplos portugueses referidos, ou então, poderia exercer apenas uma função simbólica, marcando a presença portuguesa na ci-

219__Não pode ser confirmado por falta de informações.

220__Esta Ermida funcionaria como um marco de navegação que, em conjunto com outros pontos, ajudavam na orientação do barco para que este conseguisse atravessar a Barra do Douro, que à época seria extremamente difícil de navegar.

COUTINHO, Andreia Neiva; *“Reinaldo Oudinot e a intervenção na Barra do Douro - Um projecto urbano pombalino numa frente ribeirinha”* Prova Final de Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, 2006, p.14

221__Inicialmente Nossa Senhora da Boa Viagem, encontra-se sob um maciço rochoso, próximo da foz do Ave, cuja construção foi ordenada por Gaspar Manuel, piloto-mor das carreiras das Índia, China e Japão.

MIRANDA, Marta; *“Vila do Conde”* 1ª edição, Barcarena: Editorial Presença, 1998, p. 38

dade.

Outro elemento curioso desta igreja é a varanda que se encontraria ao longo do exterior do cruzeiro, talvez para poder controlar as águas navegadas e servir de posto de vigia em relação a eventuais ataques ao porto.

É notória também a presença de um adro, cercado por muros, aparentemente de acordo com as construções japonesas e muito semelhante aos muros dos Hirajiro²²², que poderia ter, para além das funções sociais, normalmente associadas a este tipo de espaços, uma utilidade defensiva. Isto é confirmado por Masaki Anno, que relata que “(...) quando Hideyoshi promulgou o édito que ordenava a expulsão dos cristãos, os jesuítas prepararam para a luta contra Hideyoshi, reservando armas e munições em Nagasáqui, que era a base da evangelização.

Nesse âmbito, a ‘Igreja do Cabo’ era o centro de contra-ataque(...).”²²³

Existem registos de alterações desta igreja e do seu complexo, ao longo dos anos, sendo que a reformulação mais drástica ocorreu em 1601, quando sofreu uma alteração de nome para Igreja de Santa Maria,²²⁴ sendo desconhecido o motivo para que isto acontecesse.

Sabe-se também que o complexo possuía uma série de estruturas, como o Colégio Jesuíta, residências e várias oficinas relacionadas com artes e imprensa, servindo este núcleo como um dos principais centros jesuítas na Ásia.²²⁵

Através dos desenhos mais recentes da cidade, e das informações de que, após a expulsão de todos os padres de Nagasáqui, conclui-se que o complexo terá sido destruído e, no seu lugar, erguido uma nova mansão do magistrado do poder central, o que demonstra que a força da presença



figura 113
Detalhe de biombo do séc. XVII de Edo (1) e detalhe do Biombo da Igreja do Cabo (2)

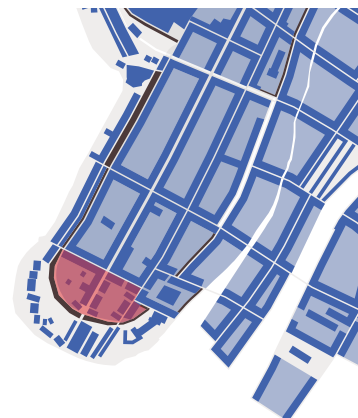


figura 114
Complexo Jesuíta

222__Ver ‘2.2. Cidades Feudais’

223__ANNO, Masaki; “Nagasaki no Tōjin Yashiki” in “Chūkintō bunka sentā kenkyū kai vol. 11”, Tōquio: Chūkintō bunka sentā, 1994, p. 179, tradução de Chika Kitachi

224__Suwa jinja to ‘nagasaki kun chi’: nagasaki - kotoba katara - ba, 2013 <<http://nagasaki-r.seesaa.net/category/5587151-2.html>>

Nagasaki tabi netto; “Kyōkai meguri”, 2013 <http://www.nagasaki-tabinet.com/junrei/type_area/junrei_area_%E9%95%B7%E5%B4%8E/d.html>

225__MOURA, Carlos Francisco; “Nagasaki, Cidade Portuguesa no Japão” 1ª Edição, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969, p.145

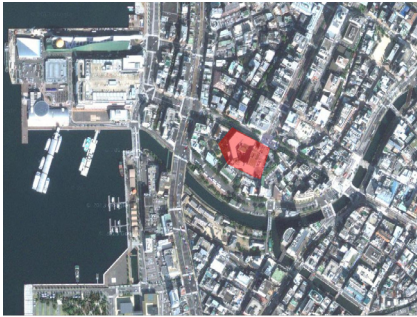


figura 115
Vista aérea de Nagasáqui
Câmara Municipal (vermelho)

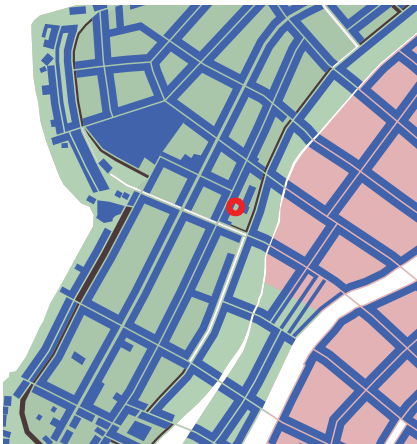


figura 116
Localização da Misericórdia de Nagasáqui



figura 117
Eixo Visual (verde) entre a Capela de Santa Maria do Monte (vermelho) e a Igreja de S. Paulo (laranja) sobreposta à via religiosa (vermelha tracejada)

jesuíta seria realmente grande para a dinâmica do funcionamento da cidade.²²⁶ Encontra-se aqui actualmente a Câmara Municipal de Nagasáqui.

Outra obra de cariz religioso da qual se pode tirar ilações em relação à forma e ao funcionamento urbano da cidade é a Misericórdia de Nagasáqui, construída em 1583. Esta encontrava-se numa posição adjacente aos seis quarteirões iniciais da cidade. Pela sua data de construção pode-se deprender que a sua localização não foi ainda influenciada pela introdução do zonamento estabelecido por Hideyoshi. Provavelmente, no local onde Hideyoshi implantou a mansão do magistrado, existiria já um centro administrativo da cidade e possivelmente uma praça. As Misericórdias, associam-se tendencialmente a largos ou praças onde se encontra o poder administrativo local.²²⁷ Sabe-se também que Nagasáqui possuía então um governo local, administrado pelos próprios cidadãos.²²⁸

Outra obra que é provavelmente de iniciativa jesuíta é a Capela de Santa Maria do Monte, construída na encosta da montanha a norte da cidade, em 1594.²²⁹ Esta cria um eixo visual com São Paulo, coincidente com a Via da Religião, definindo-se como um ícone da presença católica na cidade, tal como acontece em Macau, entre o porto original e a Igreja de Santo António. Pela sua posição, pode-se afirmar que um dos principais motivos da sua construção terá sido a criação de um refúgio, em caso de ataque marítimo, o que é confirmado pela sua conversão em igreja, em 1603, no período em que várias feitorias e cidades portuguesas no Oriente começaram a ser atacadas por armadas holandesas. Outro motivo para a sua criação terá sido a criação de um ponto de vigia da baía, mais elevado em relação à Igreja

226__Ver '4.3. Dejima'

227__Ver '3.1. O Estado da Índia'

228__MOURA, Carlos Francisco; *"Nagasaki, Cidade Portuguesa no Japão"* 1ª Edição, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969, p.139

229__A data de construção remonta ao fim período de exclusividade de evangelização dos territórios Japoneses pelos jesuítas, contudo, pelo seu nome, localização e pela data ser muito próxima da chegada dos franciscanos e espanhóis ao Japão, esta seria ainda uma capela jesuíta.

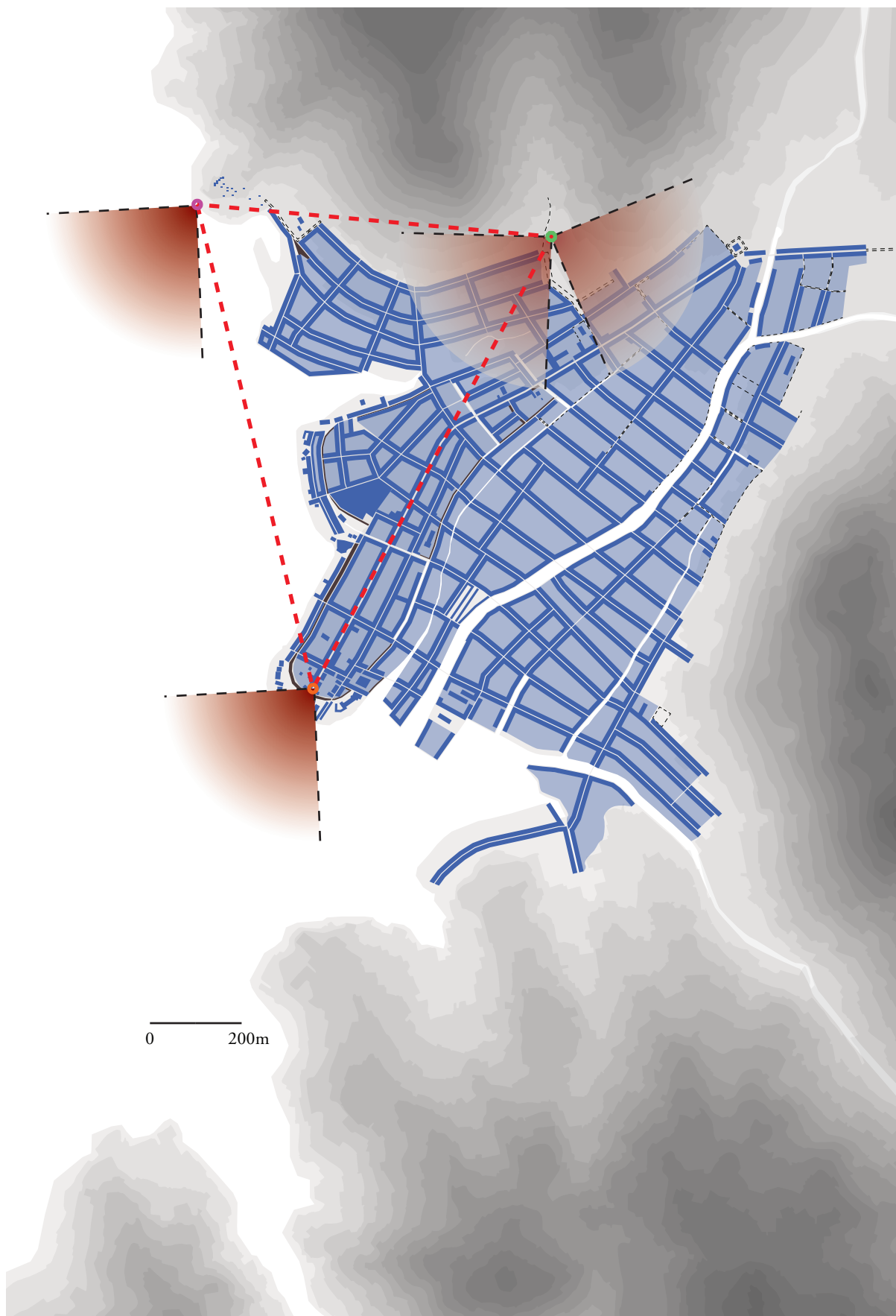


figura 118
As Igrejas como sistema defensivo de Nagasáqui

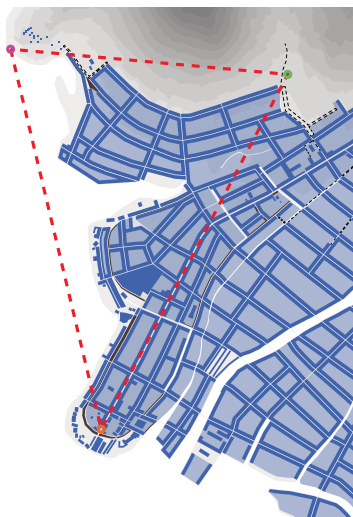


figura 119
Relações Visuais entre as 3 igrejas S. Pedro (rosa),
S. Paulo (laranja) e Santa Maria do Monte (verde)

de S. Paulo, que mantivesse o controlo total da costa. Por outro lado a sua posição, alinhada com o ponto de inflexão da Via da Religião, permitia também manter um controlo visual das aproximações à cidade por terra, criando o posto de vigia ideal para a defesa da cidade.

Outra igreja, cuja construção é mais tardia, que pode ser relacionada com a defesa da cidade é a Igreja de S. Pedro, que se encontrava no extremo noroeste da cidade, não tendo nenhuma conformidade com a restante malha urbana. Contudo, como em relação a esta igreja pouca informação está disponível, apenas se pode verificar que o conjunto das três Igrejas, S. Paulo, Santa Maria do Monte e São Pedro, criavam um sistema defensivo muito semelhante ao de Macau.²³⁰

Com a chegada de novas ordens religiosas foram construídas uma série de igrejas nos arredores da Uchimachi. Isto pode ter-se devido à falta de espaço no núcleo da cidade, já que igrejas como a de S. Domingos, claramente pertencente à ordem dominicana, ficaram longe do centro urbano, o que não aconteceu noutras cidades contemporâneas. Por outro lado, a Igreja de S. Francisco ficou num ponto ideal segundo os padrões da ordem franciscana, ainda na Uchimachi, mas na zona da sua entrada, conformando-se com o estatuto de mendicante. Estas duas igrejas encontravam-se num alinhamento paralelo ao eixo visual entre S. Paulo e Santa Maria do Monte, demonstrando uma certa tentativa de quebrar este eixo, competindo com a importância jesuíta na cidade. Isto não pode ser, contudo, confirmado, uma vez que não existem representações de nenhuma destas igrejas,²³¹ sendo por isso impossível confirmar as suas cercias e, portanto, verificar a sua importância no perfil da cidade.



figura 120
Eixo Visual (vermelho) entre S. Francisco (verde) e
S. Domingos (azul)

230_Macau, inicialmente, contava com o posicionamento de igrejas em locais estratégicos para proteger a povoação de eventuais ataques. Mais tarde, este sistema foi adoptado na construção de bastiões e fortalezas, não cercando a povoação totalmente por muralhas. Isto poderia ter, eventualmente, ocorrido em Nagasáqui, caso os portugueses tivessem permanecido nesta cidade.

Ver '3.2 O Desenvolvimento Urbano de Macau'

231_A abolição do cristianismo no Japão levou a que muitos dos desenhos copiados posteriormente à saída dos portugueses, e que são os únicos registos ainda presentes desta época, tenham sido alterados de modo a excluírem qualquer vestígio da presença cristã.



figura 121
Igrejas e Edifícios com funções sociais
Igrejas de S. Domingos, S. Francisco e Santa Clara

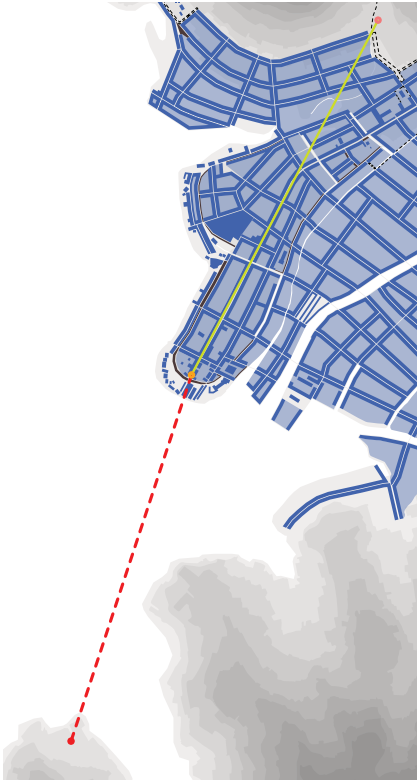


figura 122
Eixo Visual (verde) entre a Capela de Santa Maria do Monte (rosa) e a Igreja de S. Paulo (laranja) e eixo visual (vermelho tracejado) entre Santa Clara (vermelho) e S. Paulo



figura 123
Triângulo visual entre Igreja e Hospital de S. Lázaro (vermelho), Igreja e Hospital de S. Tiago (amarelo) e Misericórdia (laranja)

A construção da igreja de Santa Clara, apesar de muitas vezes associada às clarissas, no caso de Nagasaki, poderá ter partido de iniciativa privada, já que a sua localização é um tanto ou quanto estranha, longe de São Francisco, estando alinhada com a ponta do cabo, à mesma distância deste que a Igreja de Santa Maria do Monte, no ponto exactamente oposto, a sul, denunciando que esta poderá ter sido construída com o intuito de ajudar à navegação, o que, como já foi referido, poderia ter acontecido com outras igrejas de Nagasaki, através de um sistema de *balizas*. Poderia também, contudo, ter sido construída com o objectivo de reforçar o sistema defensivo da cidade, o que pode vir mais de encontro aos ideais da ordem franciscana, tal como aconteceu em Macau com o convento de Nossa Senhora dos Anjos.

Outro motivo poderá ser a criação de um novo marco simbólico, na tentativa de roubar protagonismo ao complexo jesuíta, como presença constante em toda a cidade.

Foram também construídos outros edifícios e igrejas com um cariz de apoio social. Dentro destes destacam-se a Igreja e Hospital de S. Tiago, que se localizam na Sotomachi, mas muito próximos da Uchimachi e da Misericórdia e a Igreja e Hospital de S. Lázaro, próximos da igreja de S. Pedro, mas um pouco mais acima da encosta da montanha, mais isolados da cidade, uma vez que lá se deveriam tratar os leprosos.

É notório como a relação entre estas três edificações criava um triângulo visual, ao centro do qual se encontrava o cruzamento entre as duas vias principais, e como o lado mais extenso deste triângulo era, em parte, paralelo à Via Económica. Isto indica que poderia haver uma necessidade de possuírem uma forte relação com o ponto de maior afluência de pessoas.

4.3. Dejima



figura 124
Localização de Dejima

Após os graves conflitos e desentendimentos entre as autoridades japonesas e a presença lusa no Japão,²³² o Xogun Tokugawa ordenou a concentração dos comerciantes portugueses numa ilha artificial.²³³ Esta ilha, denominada de Dejima ou Deshima, foi construída com o investimento de 25 Chōnin da cidade de Nagasáqui,²³⁴ aparentemente sem o consentimento dos portugueses. Como tal, esta estrutura, em termos históricos não possuiria qualquer influência directa do traçado luso no seu desenho, uma vez que todos os membros da comunidade portuguesa que poderiam exercer alguma influência já haviam sido expulsos do Japão.²³⁵ Todavia, uma vez que toda a cidade de Nagasáqui apresenta elementos nitidamente influenciados pela presença portuguesa e apesar da expulsão e destruição dos elementos cristãos da cidade, Dejima demonstra uma forte integração com os restantes quarteirões.

Sobre a sua construção, que durou de 1634 a 1636, sabe-se apenas que esse processo se fez em duas fases. Inicialmente criou-se um aterro de terras argilosas compactadas, com a forma da ilha, por cima da qual, seguidamente, se criou em seu torno um muro de pedra.²³⁶ O método utilizado é, portanto, em muito semelhante à técnica usada na construção de taludes e fossos nos Castelos Feudais e respectivas Jōkamachi. Este processo em muito difere do da construção da primeira ilha artificial do Japão, Wakaejima,



figura 125
Fundações de Wakaejima, visíveis quando a maré está baixa.

232__Ver Anexo 'F. Japão e Portugal - O Século Namban', p. 137

233__Iniciou-se assim o período de fecho do país a povos estrangeiros. Esta medida isolacionista é conhecida como *Sakoku*

WIKIPEDIA; "*Sakoku*", 2013 <<http://en.wikipedia.org/wiki/Sakoku>>

234__Estes Chōnin seriam os comerciantes mais ricos de cada quarteirão e os que negociavam directamente com os portugueses.

KODAMA, Kōta; SENO, Seiichirō; et al; "*Nagasaki-ken no rekishi*" 1ª edição, Tóquio: Yamakawa Shuppansha, 1998, p. 178

HARADA, Hiroji; "*Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikōkai jidai ni hirakareta kokusai toshi*" 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobō Shinsha, 1999, p. 42

235__Os sucessivos éditos anti-cristãos do regime de Tokugawa e as rebeliões cristãs no Japão fizeram com que por esta altura já não houvessem missionários no Japão e os comerciantes portugueses não tivessem qualquer poder decisivo.

MATSUDA, Kiichi; "*The Relations Between Portugal and Japan*" 1ª edição: Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, p. 51

236__HARADA, Hiroji; "*Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikōkai jidai ni hirakareta kokusai toshi*" 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobō Shinsha, 1999, p.42



figura 126
As Igrejas como sistema defensivo de Nagasáqui

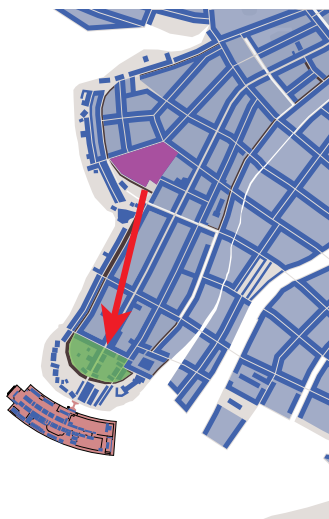


figura 127
Dejima (rosa) e o novo centro administrativo do poder central (verde).



figura 128
Detalhe de Cartografia de 1801 com Dejima e o Bairro Chinês

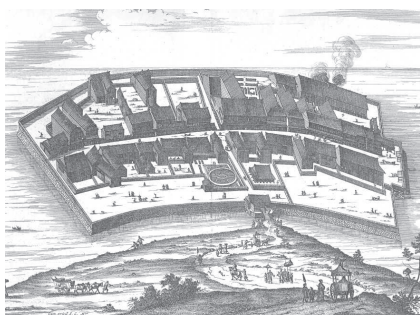


figura 129
Gravura de Dejima de 1669, por Arnold Montanus

construída como porto artificial, durante o Xogunato de Kamakura, em 1232, na baía de Shagami.²³⁷

Quanto à implantação de Dejima, em forma de leque, na ponta do cabo, não existem dados concretos, apesar de que, à época, “(...) em Nagasaki, acreditavam que o modelo era baseado no leque do Xogun Iemitsu Tokugawa (...)”²³⁸, o que poderia simbolizar a soberania do poder central sob o dâmio local e a presença portuguesa. Por outro lado, e como esta forma de leque acompanha a linha costeira na ponta do cabo, esta poderia ter sido assim feita por haver uma maior facilidade de acesso e de construção. Outra das possibilidades poderia ser o maior controlo do magistrado sobre as actividades desta ilha, uma vez que, à altura da construção de Dejima, foi construído o Gokasho Itokappushukurou Kaisho,²³⁹ no local onde anteriormente existia o complexo jesuíta.²⁴⁰ Esta última hipótese é comportada pela construção do bairro chinês, também uma ilha artificial mas de forma quadrangular, a sudeste de Dejima.

De acordo com os desenhos do período da ocupação holandesa de Dejima, o novo quarteirão possuía então uma única via,²⁴¹ de leste a oeste, ao centro da ilha e acompanhando a curvatura da mesma que, na sua extremidade de oeste, dava para as docas, o único ponto por onde os estrangeiros poderiam entrar no território japonês. Aqui existia um portão onde eram controlados os acessos à ilha.

237__ Esta foi construída com grandes pedras como fundação em cima das quais foram colocadas pedras mais pequenas. Wakeajima foi sucessivamente reparada e ampliada ao longo dos anos, até ao fim do período Edo, quando foi definitivamente abandonada.

WIKIPEDIA; “*Wakae Island*”, 2013 <http://en.wikipedia.org/wiki/Wakae_Island>

238__ HARADA, Hiroji; “*Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo : daikōkai jidai ni birakaveta kokusai toshi*” 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobō Shinsha, 1999, p.42, tradução de Chika Kitachi

239__ Local administrativo onde se encontravam anciãos nomeados pelo governo central

240__ ANNO, Masaki; “*Nagasaki no Tōjin Yashiki*” in “*Chūkintō bunka sentā kenkyū kai vol. 11*”, Tóquio: Chūkintō bunka sentā, 1994, p. 179

241__ Também assim seria já na altura dos portugueses, já que é assim descrita nos relatos da Embaixada de Macau a Nagasaki de 1640

BOXER, Charles R.; “*Relação da gloriosa morte de quatro embaixadores portugueses da cidade de Macao, com cincoenta e sete Christãos de sua companhia, degolados todos pela fé de Christo em Nangasachi cidade de Iappão, a tres de agosto de 1640*” in “*Separata dos Anais do Club Militar Naval*”, tomo LXII, nºs 9 e 10” 1ª edição, Lisboa: Imprensa da Armada, 1933, p. 13

4. NAGASÁQUI E DEJIMA

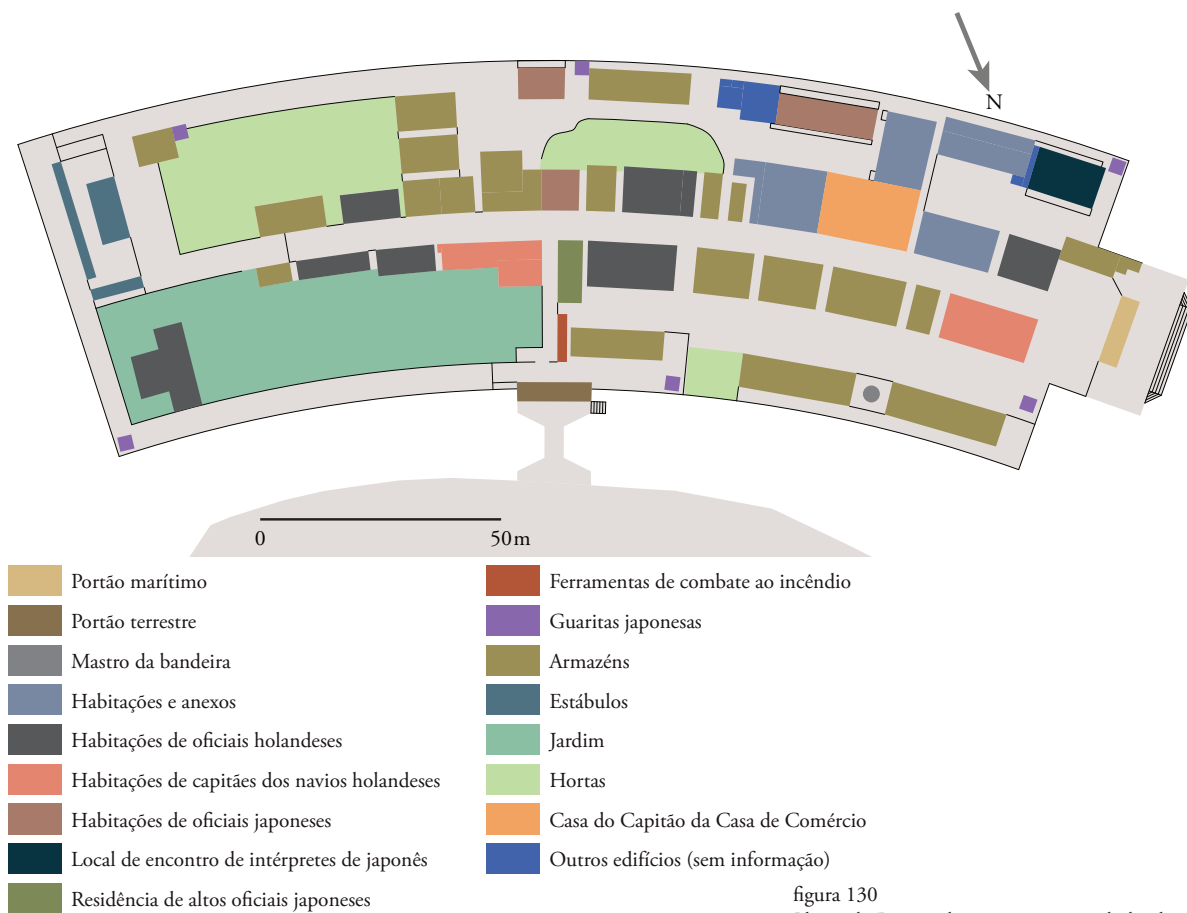


figura 130
Planta de Dejima durante a ocupação holandesa

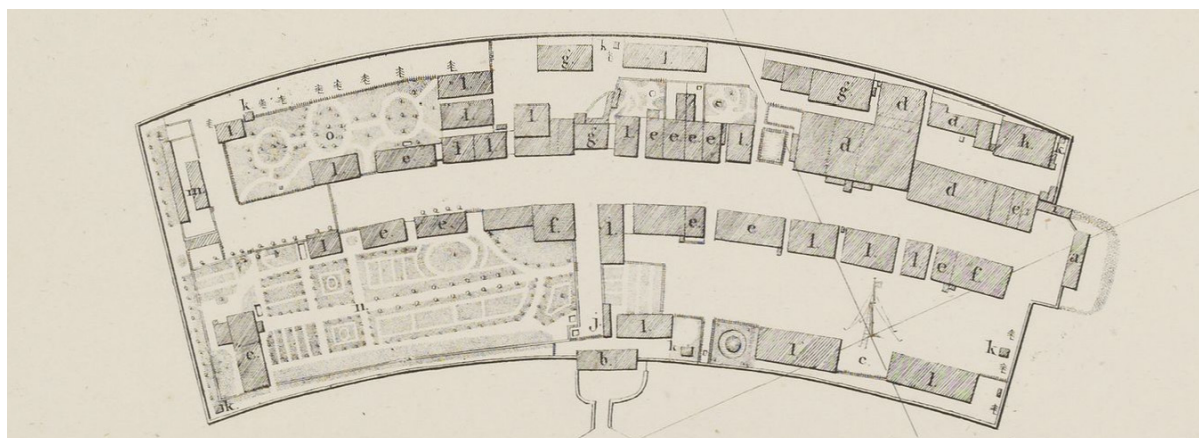


figura 131
Planta holandesa de Dejima de 1828



figura 132
Tōnkazu emaki (pintura em rolo) de Dejima
Yūshi Ishizaki, 1801



figura 133
Detalhe de Tōnkazu emaki (pintura em rolo) de Dejima



figura 134
Pintura de Dejima possivelmente posterior a 1780

O mesmo sucedia no portão de acesso terrestre, a norte, ao centro da ilha, alinhado com uma estreita rua que o ligava à Via Principal e com a Via da Religião de Nagasáqui.

Os edifícios eram distribuídos ao longo desta via, deixando para o lado oposto a esta espaços de logradouros, tal como aconteceria nos quarteirões originais da restante cidade, apesar de estes estarem notóriamente mais espaçados, sendo na maior parte das vezes casas isoladas, com percursos em seu redor. Em Dejima, os logradouros seriam utilizados como espaços ajardinados ou hortas, como se pode comprovar nas cartografias holandesas.

De acordo com o capitão da Casa Comercial Holandesa, Le Maire, em Dejima, aquando da instalação neerlandesa, existiam oito pequenos armazéns, cujos telhados eram “ao estilo japonês”, entre as habitações.²⁴² Estas casas, se estivessem então de acordo com as representações mais tardias, teriam quase todas dois andares, talvez para contrariar a falta de espaço que levou os portugueses a adjectivarem a ilha de “*entulho*”.²⁴³ Esta adjectivação é também outro factor que leva a considerar Dejima como uma proposta na qual os portugueses não puderam intervir, sendo obrigados, contra a sua vontade, a residir nesta ilha, pagando oitenta ‘kan’ de prata de renda por ano.²⁴⁴

Tendo em conta que existiria um grande número de portugueses, aquando da inauguração de Dejima, é possível que esta, durante a presença portuguesa, estivesse completamente sobrelotada, o que põe em causa o uso dos logradouros para um fim não funcional. Por outro lado, pela observação das representações existentes, é possível afirmar que os Holandeses não sofreriam tanto essa falta de

242__KODAMA, Kōta; SENO, Seiichirō; et al; “*Nagasaki-ken no rekishi*” 1ª edição, Tóquio: Yamakawa Shuppansha, 1998, p. 179

243__BOXER, Charles R.; “*Relação da gloriosa morte de quatro embaixadores portugueses da cidade de Macao, com cinquenta e sete Christãos de sua companhia, degolados todos pela fê de Christo em Nangasachi cidade de Iappão, a tres de agosto de 1640*” in “*Separata dos Anais do Club Militar Naval*”, tomo LXII, nºs 9 e 10” 1ª edição, Lisboa: Imprensa da Armada, 1933, p. 13

244__Oitenta ‘kan’ de prata equivalem a cerca de 100 milhões de ienes actuais (aproximadamente 756 472 euros). A construção de Dejima teria custado 200 kan de prata.

KODAMA, Kōta; SENO, Seiichirō; et al; “*Nagasaki-ken no rekishi*” 1ª edição, Tóquio: Yamakawa Shuppansha, 1998, p. 179

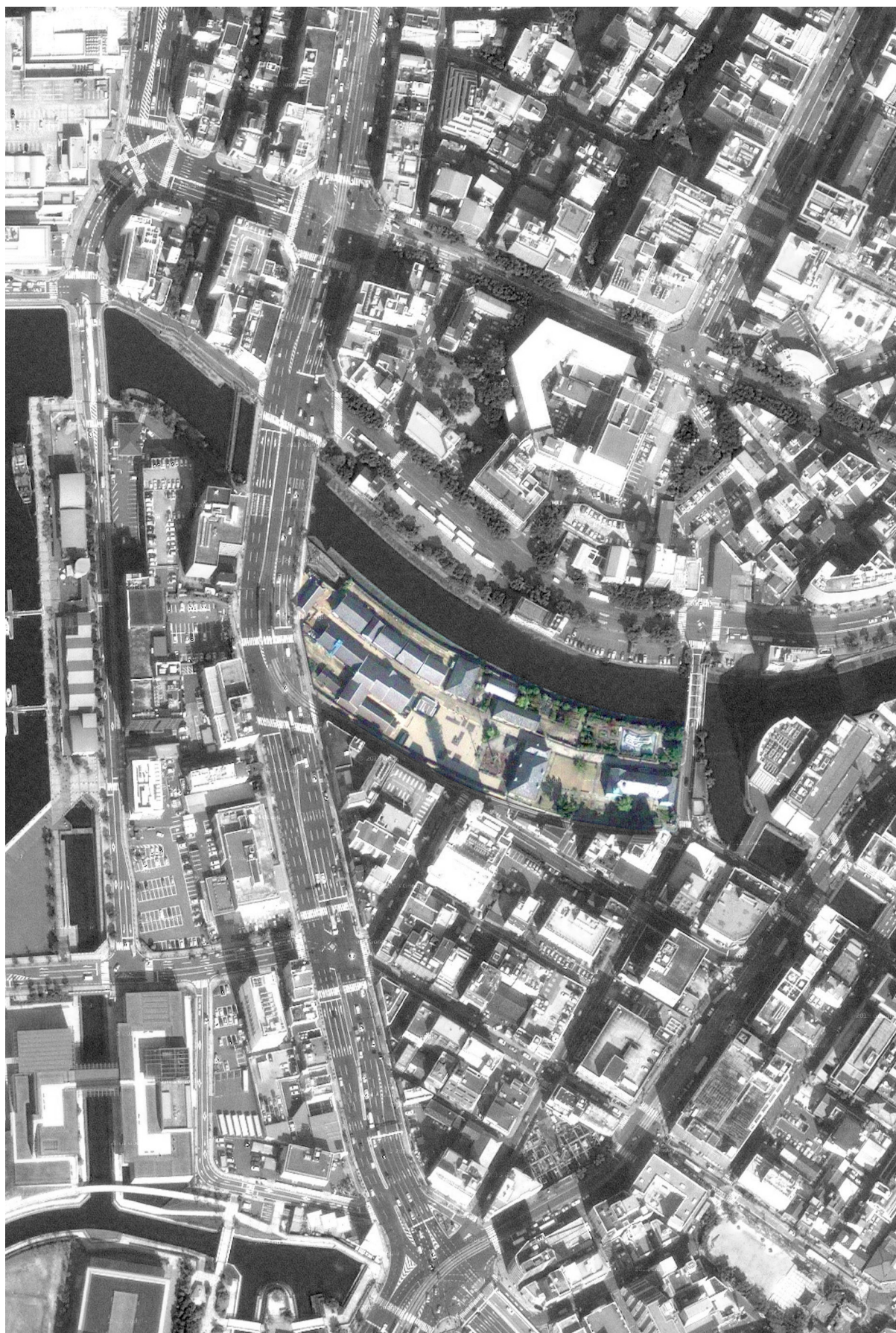


figura 135
Imagem satélite de Dejima actual



figura 136
Dejima nos dias de hoje

espaço, que seria fortemente controlada pelas autoridades japonesas (como é possível observar na figura 129 - ‘Planta de Dejima durante a ocupação holandesa’).

Dejima foi um local extremamente importante para o desenvolvimento do Japão, já que seria a única forma de contornar o ‘Sakoku’. Foi por aqui que continuaram a chegar as influências estrangeiras, pela mão dos holandeses, que permitiram a continuação dos progressos científicos e culturais do país.

Após a reabertura do país,²⁴⁵ Dejima foi subsequentemente engolida pelo crescimento urbano da cidade e pelo conseqüente avanço da linha da costa, encontrando-se hoje num processo de reconstrução histórica, coordenado pela Câmara Municipal de Nagasáqui, de acordo com a fase de ocupação holandesa.²⁴⁶

245__Com o início do período Meiji

246__Nagasaki City; “*Dejima Comes Back to Life | The Birth of a New Dejima*”, 2002
<http://www.city.nagasaki.lg.jp/dejima/en/new_dejima/>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

結論的考察

O estudo da influência portuguesa no traçado urbano de Nagasáqui demonstrou-se um tanto ingrato. Apesar da grande quantidade de estudos acerca das relações luso-nipónicas, estes deixaram sempre de parte qualquer referência à arquitectura e urbanismo. As investigações portuguesas desta área são muitas vezes datadas e influenciadas pelo antigo regime ou pouco profundas. Por outro lado, os estudos japoneses desmerecem a presença portuguesa, sendo atribuída a autoria de todas as decisões urbanísticas a japoneses. Como tal, demonstrou-se impossível atingir uma conclusão definitiva, resultando apenas aqui a possibilidade de saber como seria a cidade de Nagasáqui durante a ocupação lusa e como esta a poderá ter influenciado.

Se o estudo da cidade portuguesa colonial for tido em conta, as marcas deixadas em Nagasáqui aparentam demonstrar que os portugueses não se limitaram a habitar a cidade mas, através da colocação dos seus edifícios (principalmente religiosos) e talvez também através de ensinamentos directos, tenham realmente condicionado a forma como esta se desenvolveu.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

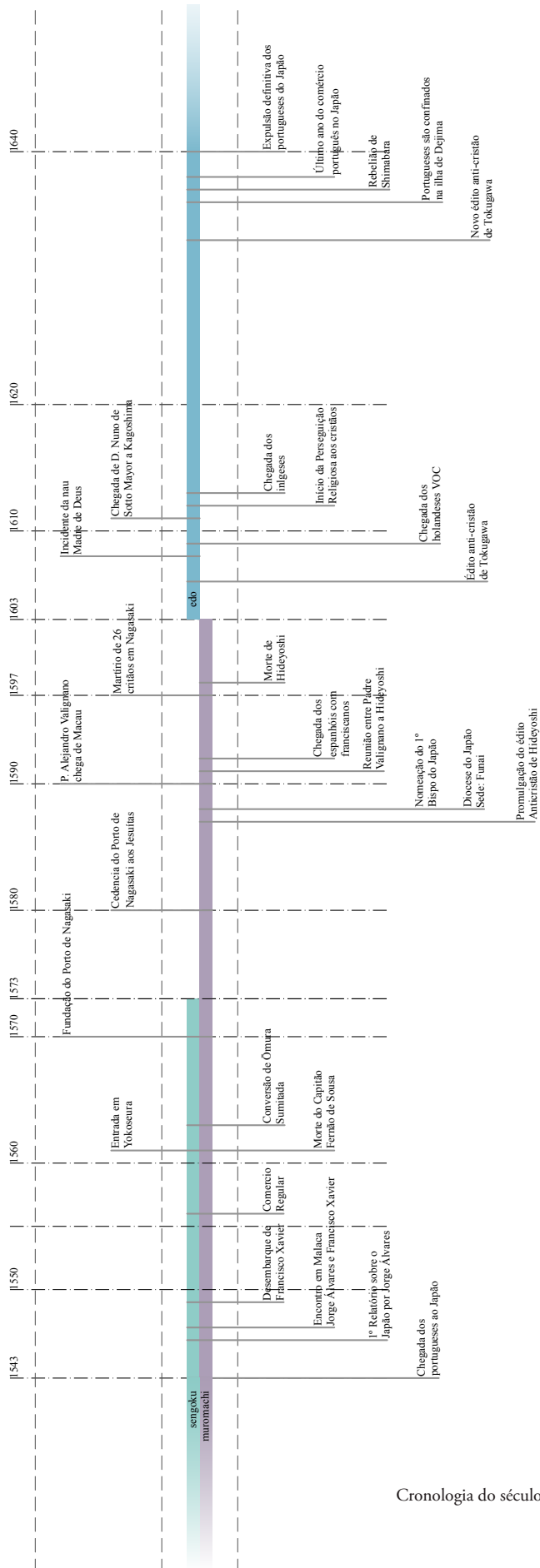
O mesmo não é possível afirmar em relação a Dejima. Quiçá pela curta duração da estadia lusa nesta ilha artificial, ou mesmo porque já não estaria presente no Japão nenhuma figura portuguesa influente, aquando da sua ocupação, esta não possui qualquer registo de tal influência, pelo menos directa.

Poder-se-á apenas afirmar que, com o presente trabalho, foi dado mais um passo no sentido de evidenciar que mais património cultural português foi deixado no Japão.

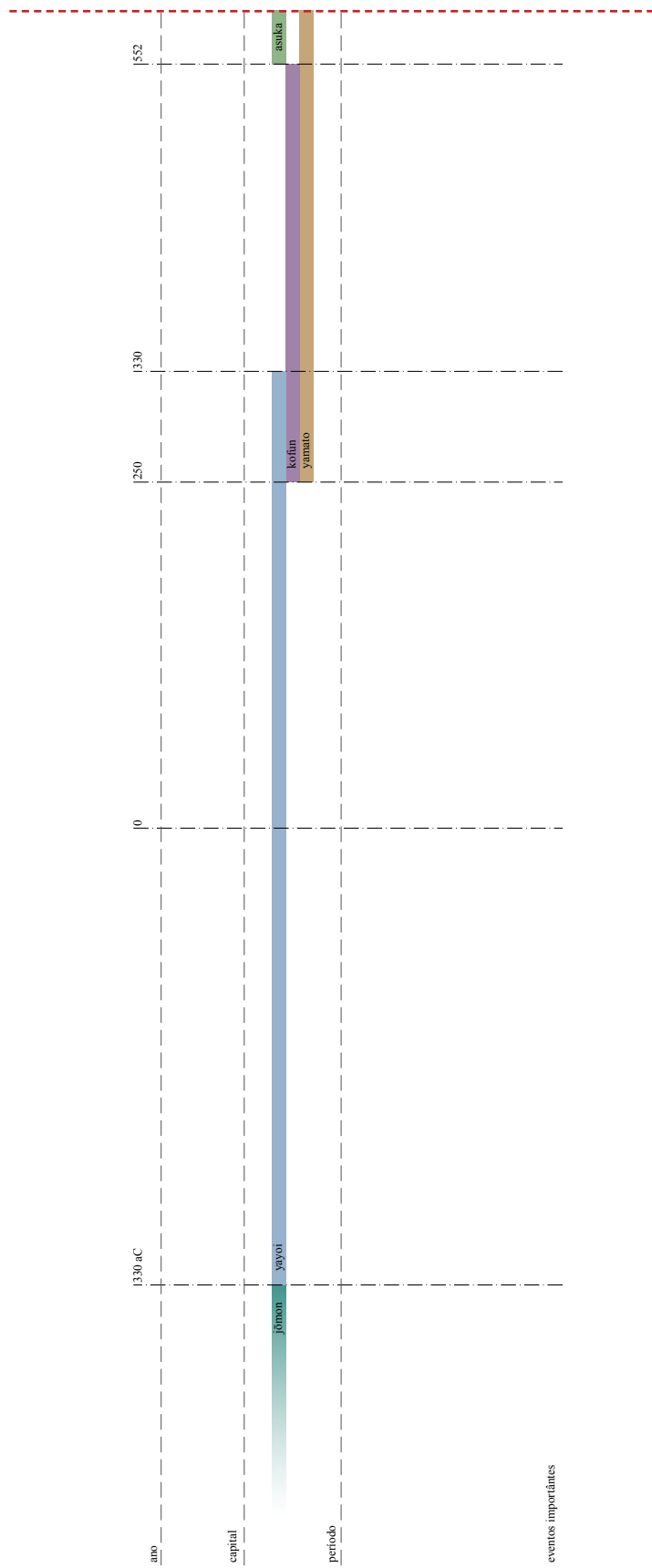


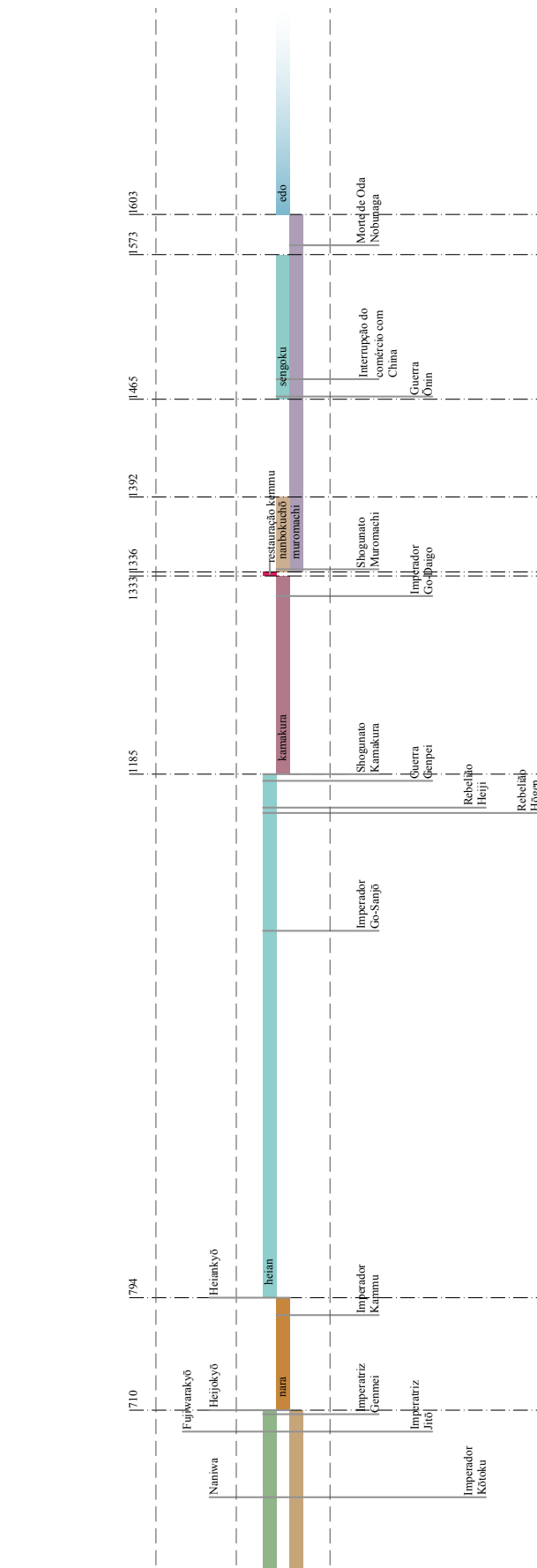
6. ANEXOS
添付

A. Cronologias



Cronologia do século Namban





B. Japão - A Origem da Arquitectura

O Japão é um país no sudeste asiático constituído por quatro ilhas principais - Honshū, Kyūshū, Shikoku e Hokkaidō - e umas ilhas menores, principalmente compostas por terrenos montanhosos, visto este ser um país de origem vulcânica. Talvez seja a sua morfologia geográfica o motivo da sua morosa unificação como uma nação.

Os primeiros vestígios de ocupação humana no Japão remontam a 1100 a.C., no Paleolítico e o Mesolítico, sendo que o primeiro período da história do Japão, considerado pelos historiadores como fazendo parte da cultura japonesa, inicia-se em cerca de 7000 a.C. e vai desde essa data até cerca de 330 a.C.. Este é denominado de Jōmon, que significa marcado com cordas, o que deriva das decorações de peças cerâmicas encontradas referentes a esse período.²⁴⁷

O período Jōmon foi marcado pelas sociedades recoletoras cujas habitações possuíam um tecto de palha, onde cohabitavam cinco ou seis pessoas, em torno de uma lareira central.²⁴⁸ Em Sannai Maruyama²⁴⁹ foram até encontrados vestígios de uma estrutura fortificada defensiva. Todavia, não é até ao período seguinte que isto se tornou comum.

O Período de Yayoi (330 a.C.-330 d.C.) foi marcado por uma série de evoluções técnicas e culturais, como novas técnicas de olaria e o surgimento do cultivo de arroz, tecelagem e manipulação de metais, que ajudaram na sedentarização das populações. Como tal, surgem novos tipos de construções, como novos tipos de habitação, celeiros, armazéns, etc.

Existem poucos documentos referentes a este período da história japonesa. Contudo um documento chinês do século III d.C. descreve territórios fortificados com paliça-



figura 137
Mapa do Japão



figura 138
Interior de Casa do período Jōmon



figura 139
Sannai Maruyama

247__HALL, John Whitney, ed. lit.; BROWN, Delmer, ed. lit.; "Cambridge History of Japan vol. 1 - Ancient Japan" edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. XIX

248__ROCHA, Joanes da Silva; "Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII" Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 28

249__Um dos principais locais de escavação arqueológica do período Jōmon, na zona de Aomori

das e torres de vigia. Essa descrição muito se assemelha à escavação arqueológica de Yoshinogari, cujo sistema defensivo consistia de uma grande paliçada de toros de madeira, em torno da qual existia um fosso e torres de vigia, e cujos portões eram também fortificados.²⁵⁰

A ideia de um povo beligerante nessa época é reforçada pela existência de estatuetas em terracota de soldados (Haniwa).²⁵¹

É também notória a existência de pequenos estados que possuem hierarquização social. Isto é reflectido na transição para o próximo período, com o surgimento dos túmulos monumentais em forma de fechadura, os Kofun, que dão o nome a essa era (330-552 d.C.). Os principais exemplos destes túmulos encontram-se em Yamato e são uma forte expressão do regime político nesse local, que se pensa ter dado origem à linhagem imperial.²⁵²

No século IV, a organização política do país era ainda dispersa, subsistindo inúmeras aldeias, à semelhança de algumas tribos coreanas, o que reforça a teoria de que povos coreanos, vindos de Silla ou Paekche, tenham invadido o Japão e ensinado técnicas militares e de fortificação.²⁵³

Estas aldeias eram organizadas de um modo familiar (clãs) e à frente delas encontrava-se o Uji, o governante local ou chefe da aldeia. As diferentes aldeias estavam constantemente em luta pelas terras e recursos próximos das aldeias. Surgem então os primeiros yamajiro²⁵⁴, fortificações de madeira em zonas montanhosas.

250__ Estes territórios são descritos como pertencentes à Princesa Himiko, rainha xamã do reino Yamatai.

ROCHA, Joanes da Silva; *Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII* Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 29

251__ WASAKI, Shoichi; *“Japanese”* edição: Londres, John Benjamins Publishing Company, 2013, p. 6

252__ HALL, John Whitney, ed. lit.; BROWN, Delmer, ed. lit.; *“Cambridge History of Japan vol. 1 - Ancient Japan”* edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 2

253__ HALL, John Whitney, ed. lit.; BROWN, Delmer, ed. lit.; *“Cambridge History of Japan vol. 1 - Ancient Japan”* edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 82

254__ 山城 Yamajiro surge da junção das palavras 山 - Yama (montanha) e 城 - Shiro (Castelo). São portanto “Castelos da montanha”, apesar de serem originalmente fortificações bastante simples, que se pensa serem de origem coreana, muito diferentes dos castelos do Japão feudal.



figura 140
Reconstrução de Yoshinogari
Torre de Vigia e habitações



figura 141
Haniwa, séc. VI
Museu Nacional de Tóquio



figura 142
Vista aérea de Kofun em Nara



figura 143
Reconstrução de Portão do Castelo Ki, 2004

É neste período também que surge o poder imperial que inicia o processo lento e difícil de consolidação do Japão como uma nação, o que só se veio a verificar muito mais tarde.

Os sucessivos imperadores importaram ao longo de séculos vários aspectos da cultura e conhecimentos continentais, sendo os mais notórios o sistema de escrita chinês, a religião (Budismo), a ideologia filosófica (Confucianismo) e artes e artesanato.²⁵⁵

255__Nippon Steel Corporation, ed. lit.; *Nippon: the Land and its People*, edição Tokyo: Japan Technical Information Service Co., 2006, p. 41

C. Japão - Do Império ao Feudalismo

Com a mudança de dinastia, no século VII, o Imperador Kōtoku mudou a capital para a cidade de Naniwa (actual Osaka) e iniciaram-se as expedições diplomáticas à corte da dinastia T'ang na China.²⁵⁶

É fruto destas expedições o Ritsuryō, um modelo de constituição que foi aplicado na reforma Taika.²⁵⁷ Este documento veio afirmar o poder imperial, retirando as terras e as pessoas do controlo de clãs poderosos, passando a estar todos sob domínio directo do estado. Cada agricultor passou a ter direito a 2300m² de terra e em contrapartida passou a pagar uma taxa imposta pelo Estado e a ter de cumprir serviço militar durante um determinado tempo. Ao fim de cada geração, as terras eram redistribuídas.²⁵⁸

No período de Nara, para facilitar a cobrança de taxas, organizaram-se Shōens que são estados territoriais, com um carácter bastante complexo, já que são propriedades privadas com um aspecto público, como unidade dominante de administração local de território. Mantêm-se em existência até ao período de Sengoku, quando se iniciou um processo de transformação a nível nacional que levou à reunificação do Japão.²⁵⁹

Apesar das melhorias nos laços diplomáticos com a China e do forte poder central, o Japão ainda não se encontrava unificado, demonstrando dificuldades na conquista de Hokkaidō e do sul de Kyūshū.

Com as fortes mudanças político-económicas em meados do período Heian, as famílias aristocráticas que domi-

256__MORRIS, A.E.J.; "Historia de la forma urbana - Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial" 2ª edição: Barcelona, 1985, p.443

257__大化の改新 - Taika no Kaishin - "Taika era reforms." Encyclopædia Britannica. Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc., 2013 <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/580685/Taika-era-reforms>>

258__ROCHA, Joanes da Silva; "Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII" Brasília, 2011, p. 35

259__HALL, John Whitney; "Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation" in: "Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1" 1ª edição: Seattle, 1983. p. 29

navam o Japão recomeçaram a obter mais poder, fazendo com que os Shōens passassem para o seu domínio. Estes territórios passaram então a ser geralmente propriedades de lordes ausentes (normalmente encontravam-se na capital), mas outros direitos locais eram simultaneamente cedidos a vários níveis, o que fazia com que nenhuma entidade singular pudesse reclamar a posse de um Shōen num sentido completamente privado.²⁶⁰

Neste período deu-se um declínio das necessidades militares, e subsequentemente uma redução nos custos nesse mesmo sector, já que ficava dispendioso contratar e treinar um exército próprio. Como tal iniciou-se um processo de contratação de guerreiros, que formaram uma classe social, para controlarem as regiões mais remotas do país.²⁶¹

O declínio na produção então observada, combinado com o aumento da população e a competição entre as mais importantes famílias (clãs) levaram a um gradual declínio dos poderes do clã Fujiwara - o mais influente dentro da corte Heian - e ao crescimento de distúrbios militares em meados do século X e XI.²⁶²

Os três principais clãs, Fujiwara, Taira e Minamoto, todos descendentes directos da Família Imperial, iniciam uma guerra entre si pelo controlo de largas áreas de território, criando regimes rivais e submergindo o país numa guerra civil.

Com a ascensão ao poder do Imperador Go-Sanjō, primeiro desde o século IX a não nascer de uma mãe Fujiwara, é retirado o controlo da corte imperial deste clã que foi transferido para os Minamoto. Com isto começam a surgir facções dentro do clã Fujiwara e dá-se um aumento



figura 144
Retrato de Fujiwara no Michinaga (séc. XVII)
Michinaga dos Fujiwara foi uma das mais importantes figuras políticas do período Heian

260__ COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao; "Cultural Atlas Of Japan" edição: Londres, Phaidon Press, 1988,

261__ HALL, John Whitney; "Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation" in: "Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1" 1ª edição: Seattle, 1983. p. 29

262__ HALL, John Whitney, ed. lit.; SHIVLEY, Donald, ed. lit.; McCULLOUGH, William H., ed. lit.; "Cambridge History of Japan vol. 2 - Heian Japan" edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 645

do poder militar.²⁶³



figura 145
Parte de rolo manuscrito que ilustra a Rebelião Heiji (séc. XIII)



figura 146
Yukio-e representando a batalha de Dan-no-ura, uma das maiores batalhas marítimas da Guerra Genpei (período de Edo)



figura 147
Alegado retrato de Minamoto no Yoritomo (cópia de original do séc. XII)

Todos estes factores culminaram, no século XII, numa guerra pela sucessão do trono imperial, conhecida como Rebelião Hōgen, na qual se defrontaram os Fujiwara, aliados a um imperador reformado, e o herdeiro legítimo, aliado dos clãs Taira e Minamoto.

Desta Rebelião os Fujiwara saíram derrotados, deixando os outros dois clãs lutando entre si, na Rebelião Heiji. A vitória dos Taira colocou-os à frente da corte durante vinte anos, durante os quais descuidaram as necessidades e problemas nas províncias mais remotas, levando a uma nova guerra civil, a Guerra Genpei, liderada pelo Minamoto no Yoritomo (tradução literal: Yoritomo dos Minamoto), que culmina na derrota dos Taira e do Imperador Antoku e leva à ascensão do Imperador Go-Toba, ainda adolescente, que, ao ser pressionado, prontamente nomeia Yoritomo como Xogun - Defensor do Imperador.²⁶⁴

Foi então estabelecido o Xogunato, governo do Xogun, de nome oficial Bakufu, em Kamakura, terra da família Minamoto, e assim se iniciou o período Kamakura.

Apesar do forte início do regime, não foi ainda com Yoritomo que se consolidou o Japão, continuando o país em guerra com os Fujiwara a norte e não estando tanto a totalidade do norte e do oeste sob o domínio do Bakufu.²⁶⁵

Quando o filho de Yoritomo, Yoriie, assumiu o papel de Xogun, o Bakufu perdeu o controlo de várias famílias guerreiras orientais, o que levou ao estabelecimento de um regente do Xogun, por parte da Família Hōjō, descendentes dos Taira.

Com esta perda de poder do Xogun, iniciou-se um conflito entre Quioto e Kamakura que culminou na Guerra Jōkyū (1221), da qual os Hōjō saíram vencedores, o que

263__HALL, John Whitney, ed. lit.; SHIVLEY, Donald, ed. lit.; McCULLOUGH, William H., ed. lit.; "Cambridge History of Japan vol. 2 - Heian Japan" edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 583

264__Ibidem, p. 706

265__HALL, John Whitney, ed. lit.; YAMAMURA, Kozo, ed. lit.; "Cambridge History of Japan vol. 3 - Medieval Japan" edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 66

resultou numa perda de poder político da corte. Contudo esta manteve sob sua influência vários Shōens.²⁶⁶

Para manter o controlo do país o clã Hōjō deu mais poder a várias famílias para que estas controlassem cada região e permitiu a existência de duas linhagens imperiais, que iam alternando no trono. Este método funcionou durante várias sucessões, até que um imperador, sob o nome de Go-Daigo, da nova linhagem, ascendeu ao poder, e tentou, abertamente, derrubar o Bakufu de Kamakura.

Isto resultou no seu exílio, o que levou à revolta das forças leais ao Império e à derrota do Xogunato.

O Imperador Go-Daigo assumiu então poder do país e tentou restaurar o poder do império e dos princípios imperiais do século X. Inicia-se então o período da Restauração Kemmu.

Apesar da vitória do imperador Go-Daigo, as forças que lhe haviam mostrado lealdade, apenas o fizeram por quererem terminar com o poder dos Hōjō e, pouco tempo após o início do período da Restauração Kemmu, começou uma guerra entre as duas linhagens imperiais, da qual o novo imperador saiu derrotado.²⁶⁷

Com um novo Xogun, Ashikaga Takuji, o Bakufu Muromachi, que deu o nome a este novo período (aproximadamente de 1337-1573), foi estabelecido dois anos após o fim da regência imperial.²⁶⁸

Os anos iniciais desta era, de aproximadamente 1337-1392, são conhecidos como Nanboku-chō, que quer dizer Período das Cortes do Norte e do Sul, e foram profundamente marcados pela continuação da resistência pelos apoiantes do Imperador Go-Daigo.²⁶⁹



figura 148
Retrato do imperador Go-Daigo (séc. XVI)

266__HALL, John Whitney, ed. lit.; YAMAMURA, Kozo, ed. lit.; “*Cambridge History of Japan vol. 3 - Medieval Japan*” edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 70

267__Ibidem, p. 174

268__Ibidem, p. 175

269__Department of Asian Art, The Metropolitan Museum of Art.; “*Kamakura and Nanbokucho Periods (1185–1392)*” < http://www.metmuseum.org/toah/hd/kana/hd_kana.htm>



figura 149
Retrato de Ashikaga Takuji

A partir de aproximadamente 1465, iniciou-se uma nova fase nesta era do Xogunato Muromachi, designada por Sengoku, caracterizada pela instabilidade política e social e conflito militar quase constante.²⁷⁰

O Bakufu Muromachi não conseguiu ganhar a lealdade dos daimiō mais afastados de Quioto. Outro factor importante foi o forte desejo dos daimiō de obterem autonomia local, alimentado pelo crescimento económico, fomentado pelo aumento das relações comerciais com a China, o desenvolvimento dos mercados e a evolução da agricultura e do comércio a pequena escala. Outro factor que contribuiu para esta vontade de regionalização foi a revolta dos agricultores contra as suas dívidas e os impostos, exponenciada pelo sofrimento provocado pelos terremotos e fomes que assolavam então o país.²⁷¹

Toda esta situação culminou na Guerra Ōnin, que durou de 1467 a 1477, iniciada pela falta de um herdeiro para o Xogunato, com a morte do Xogun Ashikaga Yoshimasa. Conhecida como a marca do Período Sengoku, a guerra, entre o exército da parte oriental do país, da família Hosokawa, e o exército do oeste, da família Yamana, iniciou-se em torno de Quioto, destruindo quase completamente a cidade, e espalhando-se para as províncias vizinhas. Isto fez com que o poder central se perdesse ainda mais e, conseqüentemente, aumentou a importância dos daimiō, para preencher o lugar deixado vazio.²⁷²

Neste período, os daimiō de algumas famílias aproveitaram para aumentar a sua esfera de influência.



figura 150
Guerra Ōnin representada por Kamonnosuke Hisakuni

Ashikaga Yoshiyaki era pretendente ao título de Xogun. Para tal, tomou Quioto, cumprindo este objectivo em 1568. Contudo este poder era na realidade exercido por Oda Nobunaga, que acabou por expulsar Yoshiyaki do poder, uma vez que este se aliara ao clã Takeda, inimigo

270__HALL, John Whitney, ed. lit.; YAMAMURA, Kozo, ed. lit.; "Cambridge History of Japan vol. 3 - Medieval Japan" edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 225

271__Ibidem, p. 357

272__Ibidem, p. 377

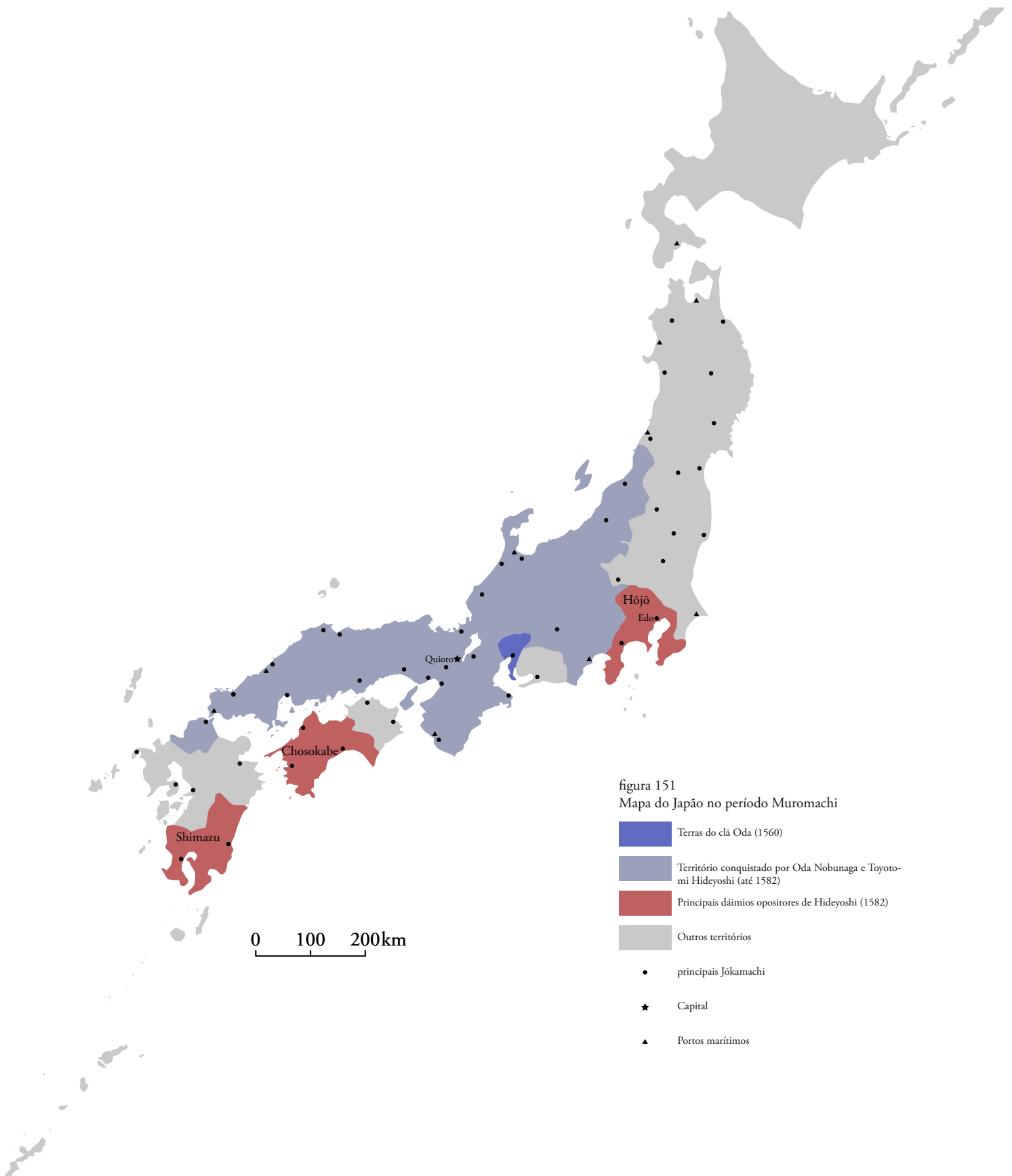


figura 151
Mapa do Japão no período Muromachi

- Terras do clã Oda (1560)
- Território conquistado por Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi (até 1582)
- Principais daimios opositores de Hideyoshi (1582)
- Outros territórios
- principais Jōkamachi
- ★ Capital
- ▲ Portos marítimos

do clã Oda. Foi também Nobunaga quem introduziu as armas de fogo no campo de batalha, após o contacto com os portugueses.²⁷³

A própria estrutura social mudou de paradigma, podendo então haver uma mudança de estatuto repentina, conforme os seus feitos em guerra. Alguns daimyō, ou considerados mais incapazes, ou por morrerem em batalha ou assassinados, foram substituídos pelos seus vassallos (samurai). Esta meritocracia é conhecida no Japão como Gekokujō, literalmente, vassallo conquista o seu senhor.

Com a morte de Nobunaga em 1582, Toyotomi Hideyoshi sucedeu-o, apesar de ser filho de um camponês sem nome de família.²⁷⁴ Ocupa o seu lugar ao vingar a sua morte. Hideyoshi é considerado o número dois na unificação do Japão, ao lado da figura principal, Tokugawa Ieasu.²⁷⁵



figura 152
Retrato de Toyotomi Hideyoshi

273__Nobunaga nunca obteve o título de Xogun, nem outro título que elevasse a sua posição hierárquica, apesar de ser ele o real detentor do poder político.

SANTOS, André Nunes; “A Presença Portuguesa no Japão - A Forma como os Portugueses transformaram o Japão”: Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p.5

274__Tal como o seu mestre, Hideyoshi não procurava o título, deixando o filho de Nobunaga ocupar o cargo, obtendo ele o poder verdadeiro.

Idem

275__HALL, John Whitney, ed. lit.; YAMAMURA, Kozo, ed. lit.; “Cambridge History of Japan vol. 3 - Medieval Japan” edição: Londres, Cambridge University Press, 2006, p. 491

D. As Outras Cidades Feudais do Japão



figura 153
Shukubamachi de Ōuchi-juku em Fukushima



figura 154
Estátua de Buda do templo Tōdai-ji, em Nara



figura 155
Templo Todaiji em Nara

As Shukubamachi eram cidades desenvolvidas em pontos estratégicos ao longo das cinco estradas principais do Xogunato, as Gokaidō, que saíam da capital Edo. A sua principal função era servirem os viajantes com estas vias e todas tinham pousadas especiais, para os dáimios e os seus guerreiros e servos descansarem aquando da deslocação para o cumprimento do Sankin Kōtai.²⁷⁶

Monzenmachi, literalmente cidade dos portões, foram cidades desenvolvidas nas proximidades de templos budistas ou xintoístas populares, de modo a prestar serviços aos seus peregrinos, com pousadas e equipamentos relacionados. Apesar disto, os templos não se encontravam numa posição central relativa às cidades, mas sim nas suas periferias. Os templos desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da economia das cidades, influenciando o seu crescimento e morfologia.²⁷⁷

Durante os séculos de instabilidade, os comerciantes e camponeses reuniram-se nas proximidades dos templos, procurando asilo, o que levou ao crescimento e prosperidade destas cidades.

Nara, apesar da sua génese imperial, era considerada a maior monzenmachi feudal, e apenas prosperou durante todo o período feudal devido à abundância de templos que ainda hoje tem.

Os centros comerciais que se foram desenvolvendo ao longo de portos marítimos são conhecidos como Minato-

276_ 参勤交代

“Sistema criado em 1635 no Japão pelo Xogun Iemitsu dos Tokugawa pelo qual os grandes senhores feudais tinham de viver vários meses cada ano na capital dos Tokugawa em Edo. Quando os lordes regressavam às suas terras, eles eram obrigados a deixar as suas esposas e famílias em Edo.”

“System inaugurated in 1635 in Japan by the Tokugawa shogun Iemitsu by which the great feudal lords had to reside several months each year in the Tokugawa capital at Edo. When the lords returned to their fiefs, they were required to leave their wives and families in Edo.”

Encyclopædia Britannica; “sankin kōtai” Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc., 2013 <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/522543/sankin-kotai>>, tradução própria

277_KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; “The Japanese City” edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.18



figura 156
Gokaidō
Ōshū Kaidō (vermelho), Nikkō Kaidō (amarelo),
Kōshū Kaidō (azul), Nakasendō (rosa), Tōkaidō
(verde)



figura 157
Minatomachi de Shukunegi em Sado, Niigata

machi, literalmente cidades porto. Muitas destas cidades cresceram economicamente através do comércio marítimo, mesmo após o país ser fechado ao comércio externo, durante o isolamento imposto por Tokugawa, graças ao comércio interno. Muitos destes portos eram regidos pelos comerciantes que os habitavam. Estas formas urbanas surgiam de uma forma espontânea e sem planeamento, em locais em que eram vantajosas as condições geográficas para a criação de portos marítimos.²⁷⁸

Outra forma urbana do feudalismo japonês era as Ichiba machi, ou cidades mercado. Estas estabeleciam uma ligação entre a vida urbana dos comerciantes e um número de aldeias próximas, e serviam de posto de trocas comerciais destas populações. A maioria destas cidades surgiram onde havia oportunidades de comércio excepcionais, como no cruzamento de duas estradas importantes. Aqui havia feiras de um dia ou mercados ao ar livre e o seu nome era definido pelo o dia do mês lunar em que abriam.²⁷⁹



figura 158
Termas de Tsurunoyu que datam do período de Edo

As Onsenmachi, ou cidades das termas, são uma das maiores atracções turísticas no Japão desde os tempos antigos, tendo, muitas destas, eventualmente evoluído, até aos dias de hoje, para enormes complexos turísticos. Estas cidades surgiram nas proximidades de fontes termais, tentando tirar o maior proveito do seu potencial turístico, ao serem construídas pousadas, hotéis, etc. Exemplos destas cidades incluem Tamayu, Beppu e Matsuyama que, para além de ser onsenmachi é também uma jōkamachi, já que é, ainda hoje, o centro administrativo regional e possui um castelo.

278__Ibidem, p. 19

279__KAREN, P. P. ed. lit.; STAPLETON, Kristin ed. lit.; *"The Japanese City"* edição, Lexington: University Press Of Kentucky, 1997, p.19

E. Cartografias de Cidades Asiáticas

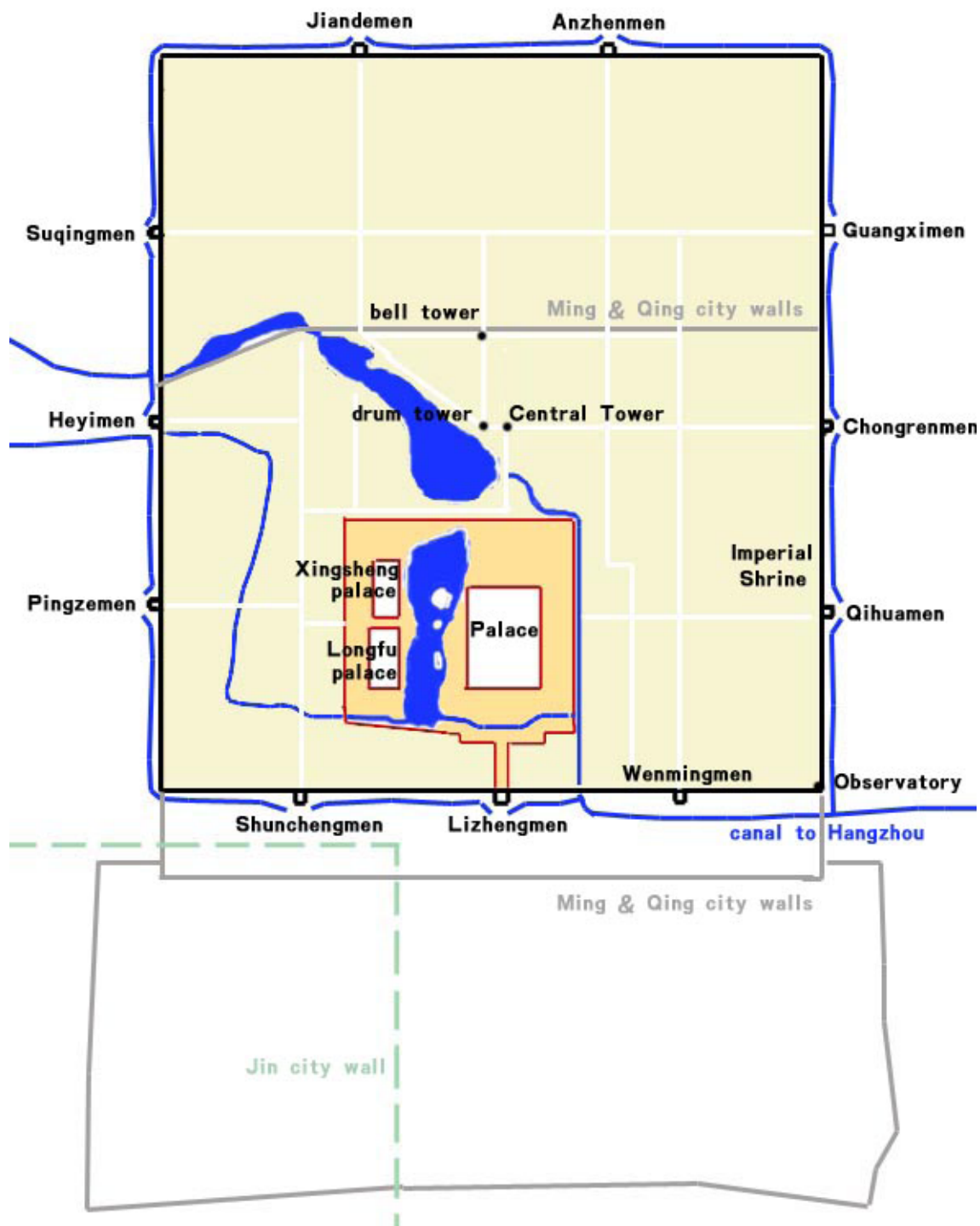


figura 159
Planta de Khanbaliq, actualmente Pequim

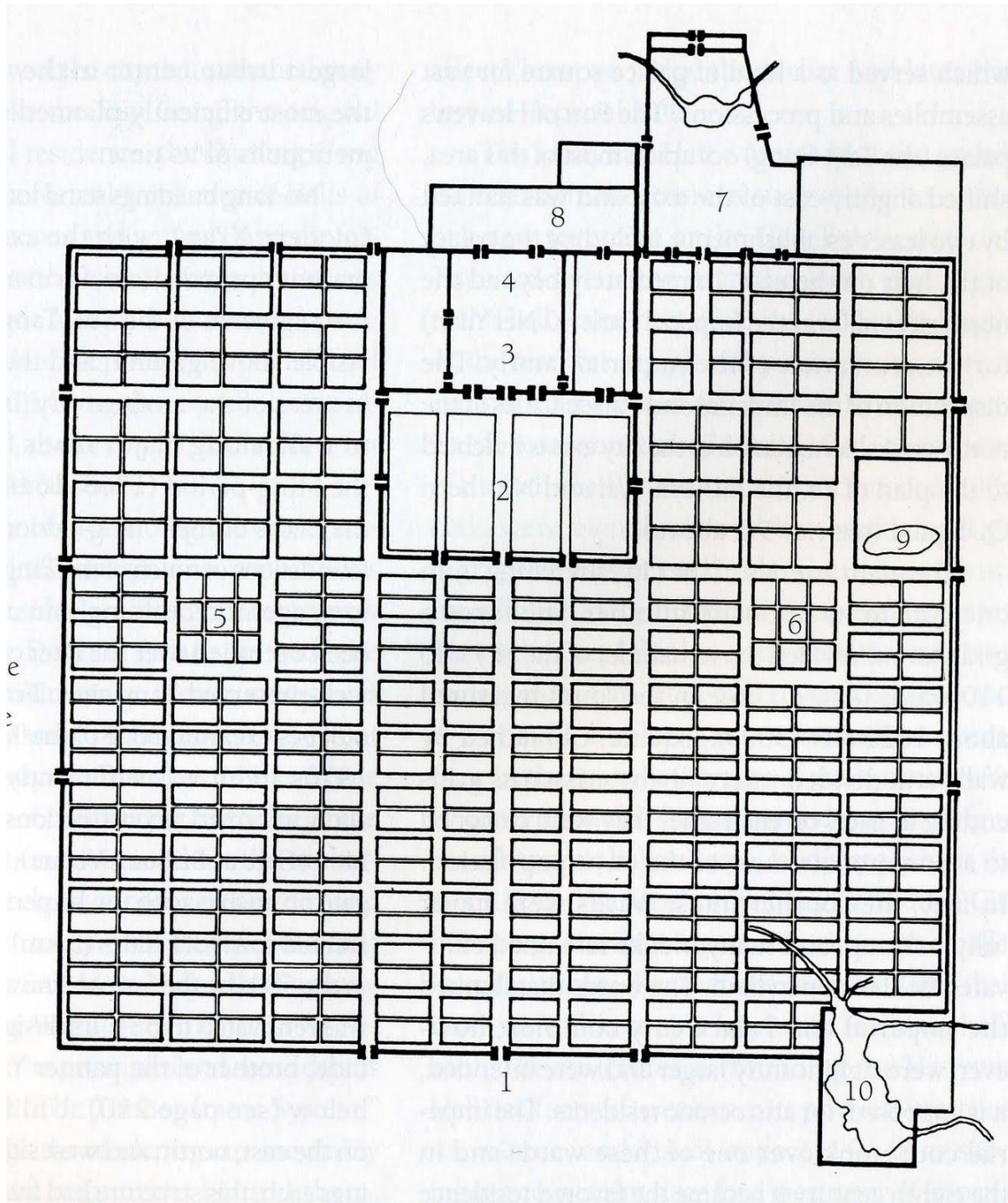


figura 160
Planta de Chang'an

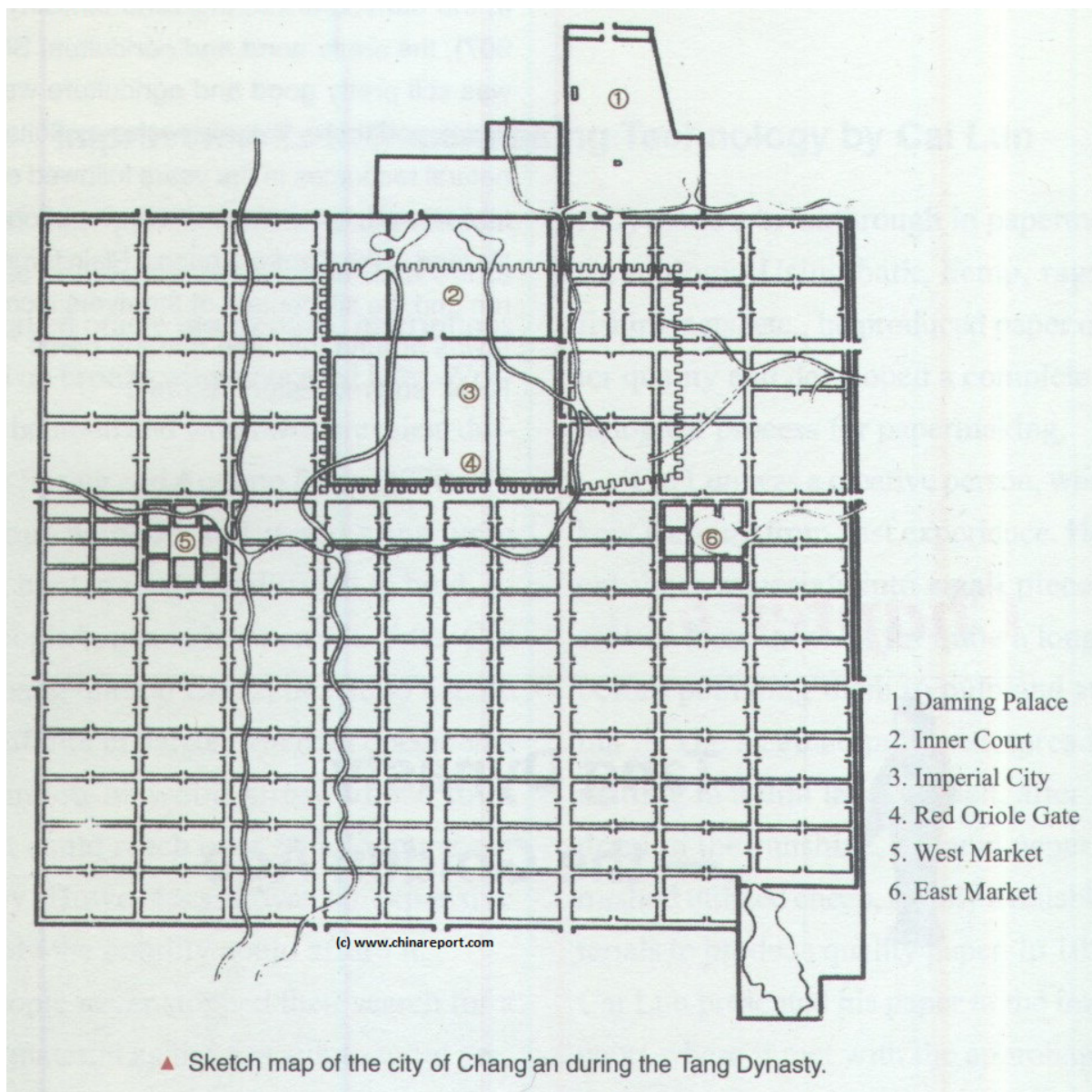


figura 161
Planta de Chang'an

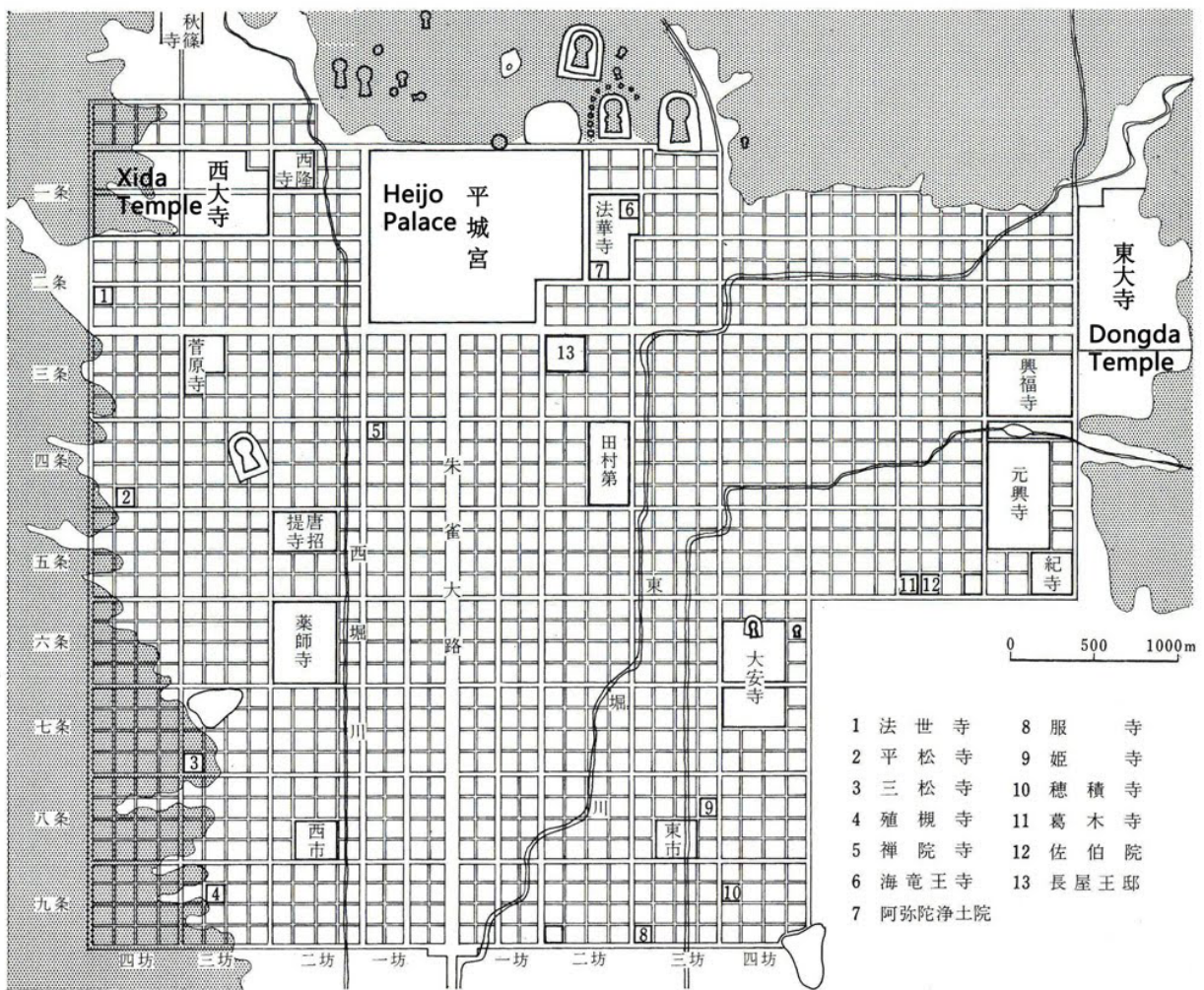


figura 162
Planta de Heijokyo

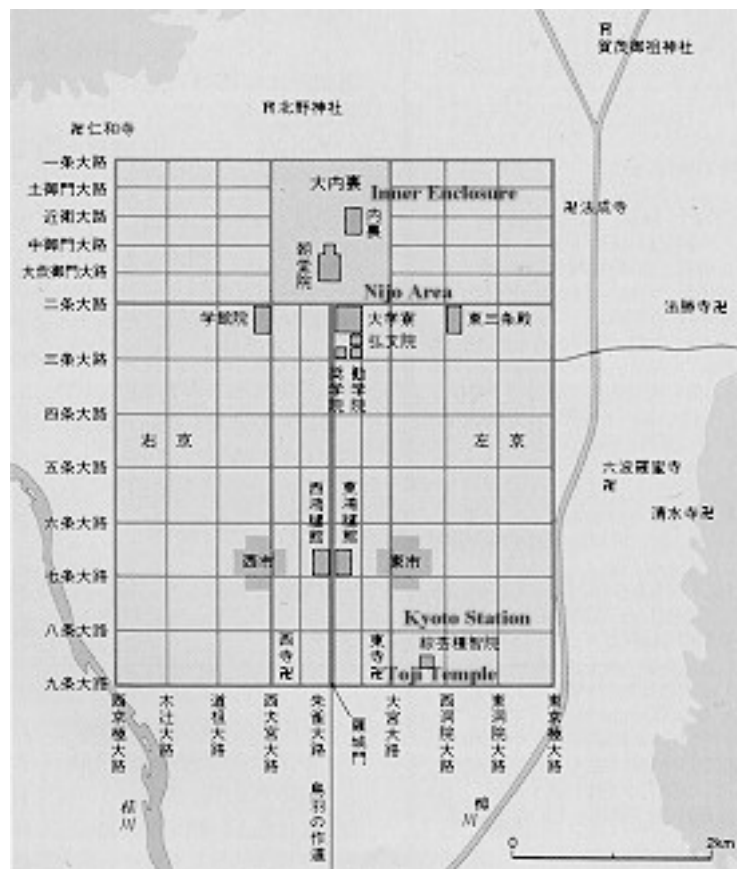
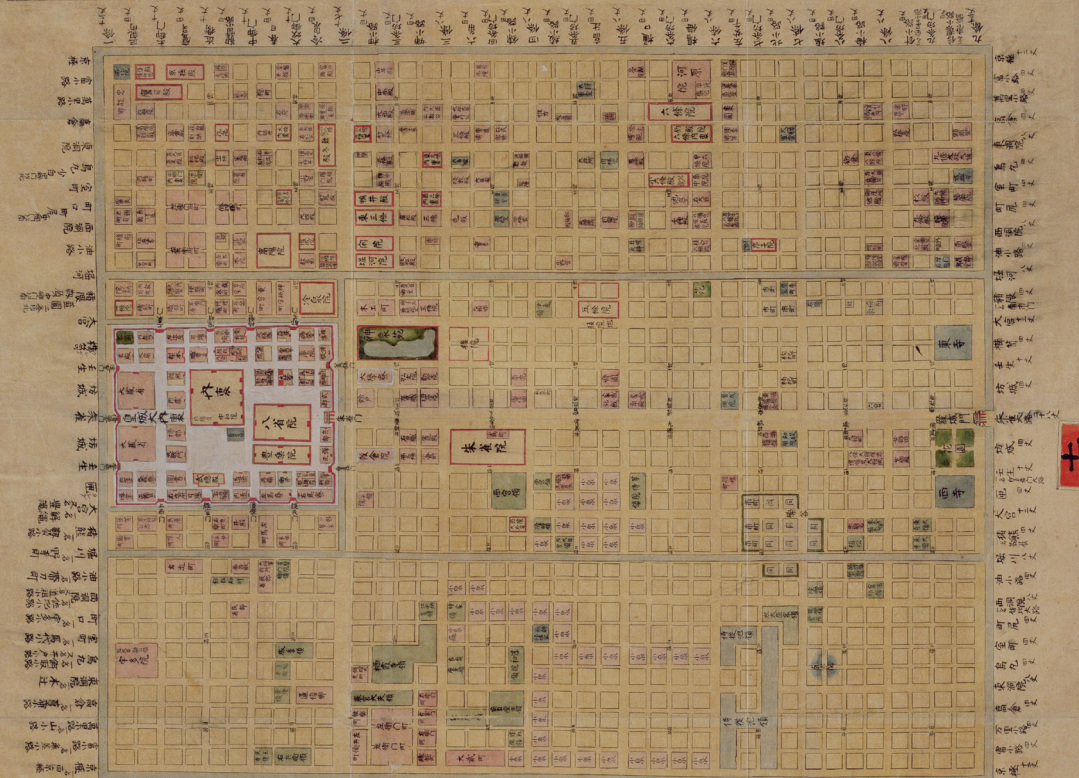


figura 163
Planta de Heiankyō

皇州緒 餘撰部 平安城東西兩京地圖

皇城一宮 殿亭 己上城地覽錄



平安城記 延三年庚午卯月中旬 攝州四天王寺相坂東 書生森幸安圖并識

figura 164
Mapa de Heiankyō, copiado por Kouan Mori
1750

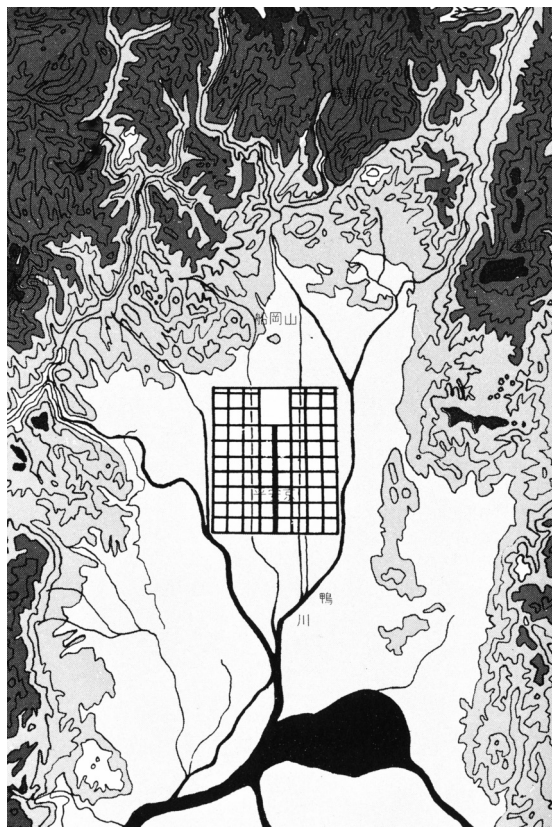


figura 165
Mapa de Heiankyō e sua inserção no território

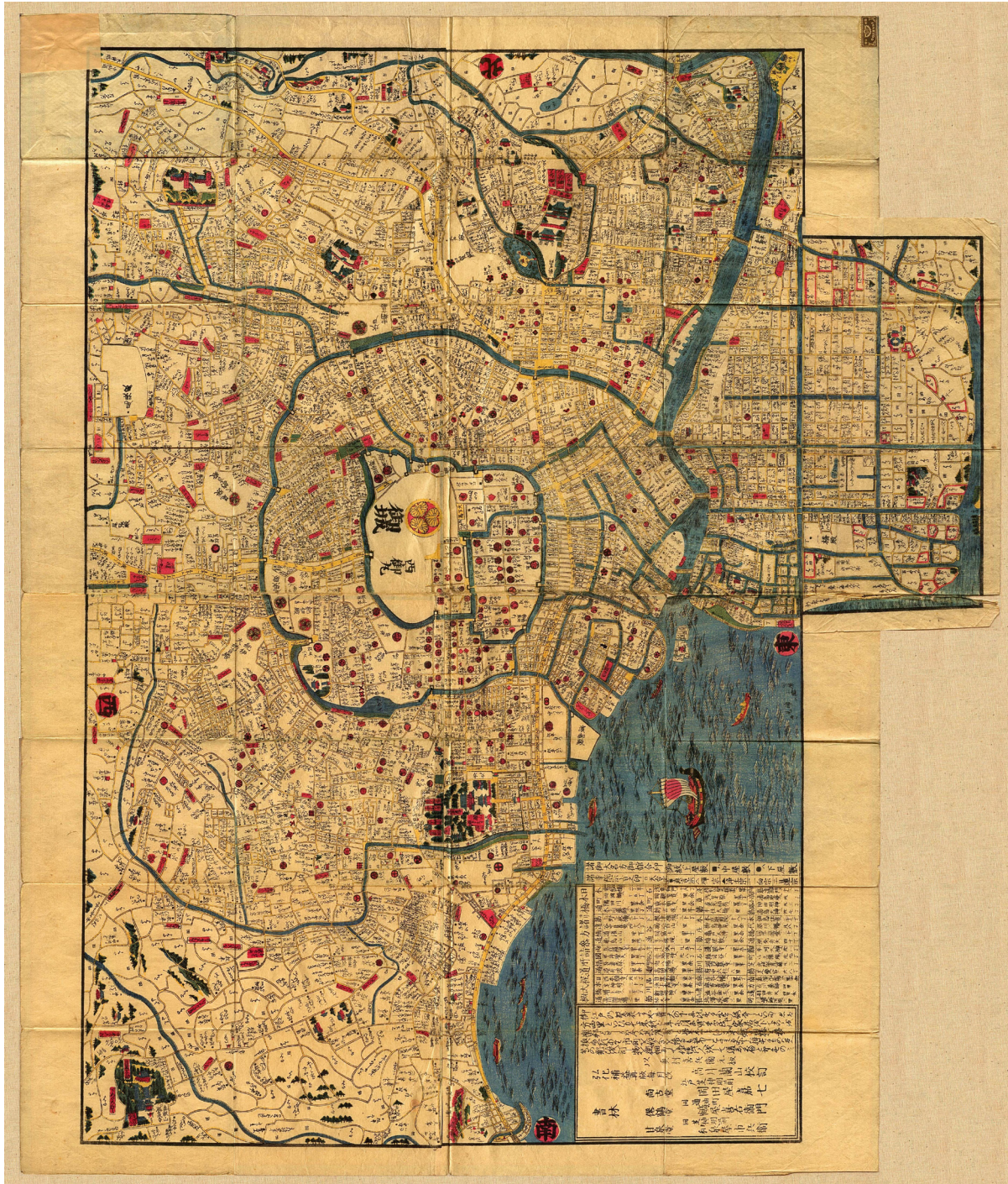


figura 166
Mapa de Edo - Raizan Takai
Shouko dou, 1844-1848

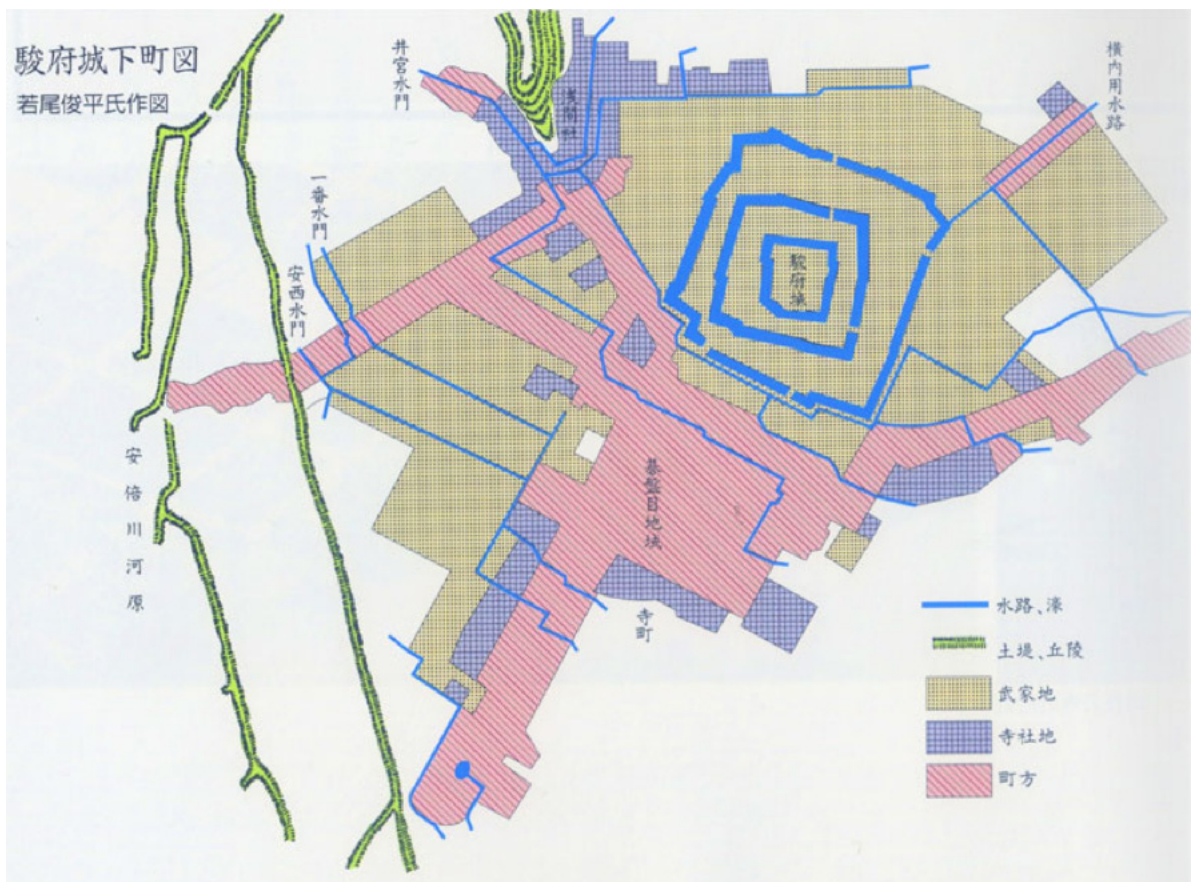


figura 167
Esquema de Zonamentos de Sunpu, actual Shizuoka

F. Japão e Portugal - O Século Namban

Em 1542 ou 1543, durante o Reinado de D. João III, uma embarcação comerciante portuguesa chegou ao Japão. Este foi o primeiro contacto de europeus com o território japonês.²⁸⁰

Apesar da chegada dos portugueses se ter dado só nessa data, a existência do Japão já era do conhecimento das autoridades lusas, e este país já havia sido mencionado no livro do boticário Tomé Pires, em 1516, “*Suma Oriental*”. A especulação em torno da demora da ida dos portugueses ao Japão assenta principalmente sobre 3 factores: as más relações de então entre a China e o Japão; a força da rotina e questões de segurança; falta de notícias e informações suficientes que atraíssem o comércio português. Outro factor que é também considerado é o facto da exploração de prata a larga escala no Japão datar precisamente de 1542.

Em 1546, Jorge Álvares escreveu o primeiro relatório sobre o Japão onde descreve a fauna, a flora, a geografia e hábitos culturais. Este encontra, no ano seguinte, Francisco Xavier em Malaca, a quem apresenta Yajiro. Este encontro tornou-se decisivo na ida de Francisco Xavier para o Japão.²⁸¹

Francisco Xavier, acompanhado de dois jesuítas espanhóis, chegou a terras nipónicas, em 1549, como primeiro missionário a Kagoshima (em Kyūshū). Pouco depois da sua chegada, escreveu uma carta a um amigo em Goa, onde dizia maravilhas do povo japonês.²⁸²

280__A embarcação, que viajava entre o Sião e o litoral chinês, foi desviada da sua rota por um violento tufão. Após navegar sem destino durante duas semanas, encontrou um porto seguro na ilha de Tanegashima. Existem várias versões deste acontecimento, sendo considerada a data mais fidedigna a apresentada por Dairiuiji Bunji no “*O Livro das Espingardas*” escrito no início do século XVII, que aponta a chegada dos Portugueses para Setembro de 1543

LOUREIRO, Rui Manuel, ed. lit.; FROIS, Luís; “*Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão*” 1ª edição: Lisboa, Instituto Português do Oriente, 2001, p. 20

281__CARVALHO, Daniela de; “*Nambanjin: Sobre os Portugueses no Japão*” in “*ANTROPOLógicas*” nº4: Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2000, p. 133

282__MATSUDA, Kiichi; “*The Relations Between Portugal and Japan*” 1ª edição: Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, p. 5

Já com o estatuto de emissário do Vice-Rei da Índia, entrou em contacto com o dáimio Ōuchi Yashita, levando consigo presentes de Portugal e um pedido para prégar a doutrina cristã. Apesar da oposição budista, foi concedida a permissão e o dáimio converteu-se.

A acção dos missionários desenvolveu-se principalmente em Kyūshū, já que as guerras constantes do período Sengoku dificultavam as deslocações pelo território nipónico.

Era este também o motivo pelo qual as relações entre o Japão e a China haviam sido cortadas, uma vez que os mercenários de guerra, quando não eram necessários, dedicavam-se à pirataria, atormentando a costa chinesa.

O povo japonês apreciava muito as mercadorias chinesas, pelas quais estavam dispostos a pagar em prata, que por sua vez era mais valiosa que o ouro na China. Isto criou a possibilidade de os portugueses assumirem o papel de intermediários, já que o armamento superior dos portugueses dissuadia eventuais ataques piratas.²⁸³

Isto deu origem a um lucrativo triângulo de comércio entre os portos chineses, o Japão e Malaca.

Francisco Xavier estabeleceu então a base da missão em Yamaguchi, em Honshū, onde o cristianismo não foi bem aceite e as poucas conversões não foram propriamente inspiradas pela fé. Contudo o comércio foi bem recebido e os missionários exploraram isto para evangelizar os Japoneses, criando uma relação simbiótica entre o comércio e a religião.

Após a expulsão dos Portugueses de Yamaguchi, a missão foi transferida para Funai, na província de Bungo, uma vez que o dáimio Ōtomo Yoshishige já tinha relações com mercadores portugueses e, em busca de melhores relações comerciais, autorizou a presença jesuíta nos seus domínios, já que sabia que os barcos portugueses eram mais propensos a parar onde havia cristãos.

283 _CARVALHO, Daniela de; *Nambanjin: Sobre os Portugueses no Japão* in *ANTROPOLÓGICAS* n.º4: Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2000, p. 135

*“Infelizmente, Bungo não ofereceu as mesmas vantagens que os outros portos, tal como Hirado, no lado ocidental de Kyushu, que melhor serviam os Portugueses.”*²⁸⁴ Tendo isto em conta os jesuítas moveram a sua base de operações para Hirado, para manterem a sua relação com o comércio, e facilitarem a evangelização. Contudo as relações entre os portugueses e os Japoneses não tardaram a azedar, culminando na morte de catorze portugueses, devido a um mal entendido linguístico.²⁸⁵

Em 1561, um missionário e um piloto português, em busca de um porto seguro que substituisse Hirado, entraram em Yokoseura, terra do dáimio Ômura Sumitada, que acolheu os portugueses, permitindo a construção de uma igreja nos seus domínios e isentando os comerciantes de impostos durante 10 anos. Mais tarde, Sumitada converteu-se ao cristianismo, baptizando-se D. Bartolomeu. Yokoseura tornou-se o novo entreposto português no Japão.²⁸⁶

Contudo, novamente o ambiente tornou-se pouco amigável, uma vez que o cristianismo não era aplamente aceite pelos japoneses de Yokoseura e pressionados também pelos dáimios vizinhos, os portugueses partem de novo em busca de um novo porto, encontrando refúgio em Nagasáqui, outra terra oferecida por D. Bartolomeu. A partir de 1571, este torna-se o novo porto oficial. Ficou acordado que o poder régio deveria pagar as despesas de manutenção da nova cidade, uma vez que o Rei era o protector das missões jesuítas no Japão. Isto raramente aconteceu e a Igreja dependia do negócio dos barcos portugueses.²⁸⁷

Em 1580, data a partir da qual Portugal ficou sob domínio espanhol, D. Bartolomeu cedeu Nagasáqui à Sociedade

284__ *“Unfortunately, Bungo did not offer the same advantages as other ports, such as Hirado, on the western side of Kyushu, which suited the Portuguese better.”*

MATSUDA, Kiichi; *“The Relations Between Portugal and Japan”* 1ª edição: Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, p. 15, tradução própria

285__Ibidem, p. 16

286__Ibidem, p.17

287__Ibidem, p.19

de Jesus através de um contrato. A cidade torna-se território jesuíta e foi considerada a cidade dos cristãos e um refúgio para os japoneses católicos. Contudo, apenas sete anos depois, Toyotomi Hideyoshi anexa Nagasáqui, que apesar disto continua o centro da missão jesuíta até 1614, sendo ainda hoje associada à Igreja Católica.²⁸⁸

Apesar de tudo, a divulgação do cristianismo é muito difícil, sendo até comparada pelo padre jesuíta Luis Fróis com a construção de uma mesquita muçulmana em Lisboa.²⁸⁹ Fróis, contra as expectativas, conseguiu construir uma igreja em Quioto, o que aumentou drasticamente o número de convertidos, cujo número se estimava em 150.000 cristãos no Japão, aquando da cedência de Nagasáqui, que chega até 350.00, numa população total de 27.000.000 de japoneses, 10 anos mais tarde.

A intolerância de alguns jesuítas, apesar de a maioria respeitar as diferenças culturais e adoptarem os costumes nativos, era recíproca e, ao passar o fascínio inicial, os japoneses começaram a rejeitar a imposição dos hábitos portugueses que consideravam peculiares.

Isto, aliado ao facto de Hideyoshi temer as redes de solidariedade criadas pelo cristianismo, que em certas situações já se haviam imposto em relação ao Bushidō, veio a culminar na promulgação de um édito anti-cristão, em 1587.

O Vaticano, alheio a este édito e pensando no elevado número de conversões no país do sol nascente, funda a diocese de Funai um ano depois, elegendo o primeiro bispo do Japão.²⁹⁰

A perseguição dos cristãos por parte de Hideyoshi culminou na morte por enforcamento de 9 missionários e de

288__MATSUDA, Kiichi; *"The Relations Between Portugal and Japan"* 1ª edição: Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, p. 20

289__Ibidem, p. 21

290__COSTA, João Paulo Oliveira e; *"Em Torno da Criação do Bispado do Japão"* 1ª edição, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1993, p.10

17 cristãos japoneses.

As autoridades japonesas apenas retomaram as boas relações com a Companhia de Jesus em 1591, após a negociação entre o padre Alessandro Valegnani, que tinha chegado ao Japão em 1590, e Hideyoshi, que reconsiderou ao ser informado que expulsando os missionários, os comerciantes também deixariam o país. O comércio com os portugueses era de interesse para os nipónicos.

Todavia, a chegada de padres de outras ordens religiosas com os espanhóis, em 1592, gerou desavenças entre estes e os jesuítas. Em conjunto com a conquista das Filipinas, precedida de difusão do cristianismo, levou a que os Japoneses recuassem na sua postura em relação à presença estrangeira no seu território. Em Outubro de 1596, um galeão espanhol foi destruído e a sua carga confiscada por Hideyoshi. No verão de 1596, são presos frades franciscanos e, em 1597, 26 mártires cristãos, portugueses e espanhóis, são mortos em Nagasáqui.

A 1595, chegada de barcos neerlandeses da Vereenigde Oost-Indische Compagnie (VOC - Companhia Holandesa das Índias Orientais) aos mares orientais surgiu como uma forte ameaça ao Estado Português da Índia. Uma vez que os espanhóis se encontravam envolvidos em disputas nos países baixos, os domínios ultramarinos portugueses foram envolvidos nesse conflito.

Em 1603, Tokugawa Ieyasu torna-se Xogun, dando início ao período de Edo. Empenhado na continuação da unificação do Japão, criou um novo governo central com base em Edo, actual Tóquio. Tokugawa, que inicialmente era amigável com os portugueses, de modo a fomentar as relações comerciais, mudou prontamente a sua postura em relação aos jesuítas, decretando, em 1606, éditos anti-cristãos.

Em 1608, deu-se um incidente entre portugueses e ja-

poneses, em Macau, que em muito contribuiu para o aumento da tensão entre o Bakufu e a presença portuguesa. As autoridades portuguesas começaram a preocupar-se com a possibilidade do comércio com o Japão acabar, uma vez que Macau estava dependente dele.²⁹¹

O vice-rei da Índia enviou D. Nuno de Sotto Mayor como seu embaixador ao Japão, em 1611. Este ofereceu ao Xogun vários presentes, com o objectivo de negociar as relações comerciais entre Macau e o Japão e de obter uma indemnização pelo sucedido em 1608. Os resultados foram muito aquém das expectativas, apenas conseguindo licença para continuar o comércio.²⁹²

Apesar disso, a chegada dos holandeses, e pouco tempo depois seguidos dos ingleses, a terras nipónicas veio destabilizar a posição dos comerciantes portugueses, uma vez que a promessa de comércio, sem envolver religiões era extremamente aliciante para o Xogun.²⁹³

A proliferação de campanhas anti-católicas e a problemática religiosa no Japão levaram Tokugawa, em 1633, a decretar o primeiro de muitos éditos anti-cristãos, onde declarava tanto os portugueses como os espanhóis como indesejáveis no país, uma vez que o seu verdadeiro objectivo era não o comércio, mas sim a evangelização e a conquista do Japão. Nesses éditos foi ditada a sentença de morte a qualquer japonês que saísse do país e retornasse, foram oferecidas recompensas a quem denunciasse padres católicos. Além disso, exigia-se que os descendentes dos povos ibéricos saíssem do país.

Para deteriorar ainda mais esta situação, em 1637, deu-se a Rebelião de Shimabara, liderada por camponeses, maioritariamente cristãos, com fome e fartos das perseguições religiosas. Esta revolta serviu de pretexto para as autoridades massacrarem 20.000 camponeses. Para além destes

291__MATSUDA, Kiichi; *"The Relations Between Portugal and Japan"* 1ª edição: Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, p. 27

292__Ibidem, p. 29

293__Ibidem, p. 30

exitiram milhares de japoneses que resistiram à tortura, não renunciando a sua fé e dos 300 mártires reconhecidos no Japão pela Igreja, dos quais apenas 70 eram portugueses.

A desconfiança e o mau ambiente levaram os portugueses a ficarem confinados à ilha de Dejima, em 1636, o que levou a que o comércio com o Japão terminasse definitivamente, em 1638.

Numa tentativa de recuperar as relações comerciais, em 1640, Macau enviou uma embaixada ao Japão, que foi toda assassinada. Este acontecimento marcou o fim do relacionamento de Portugal com o Japão.



figura 169
Projecto do engenheiro holandês M. Hool para a
construção de um forte no seio da cidade de Co-
chim após a sua conquista, 1663



figura 170
Diu por Pedro Barreto de Resende, 1635

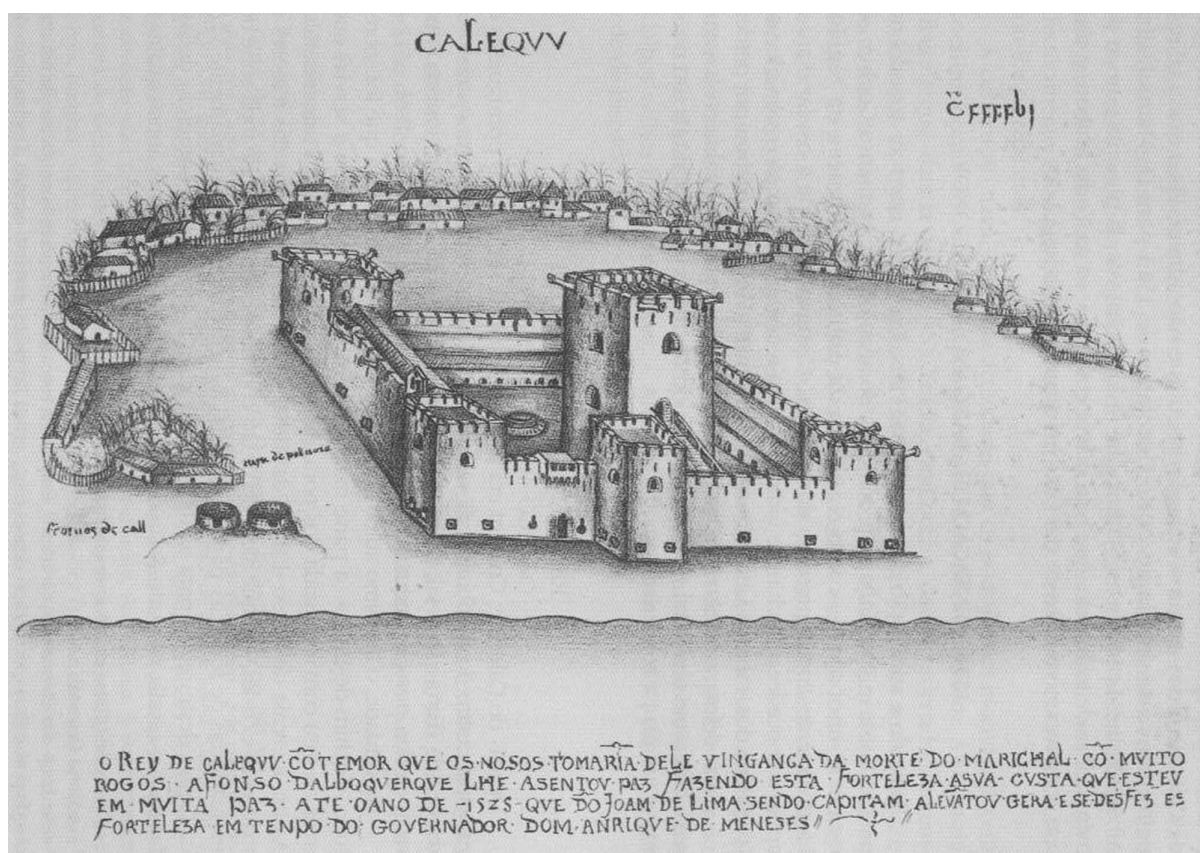


figura 171
 Fortaleza de Calecute, segundo Gaspar Correia,
 1550

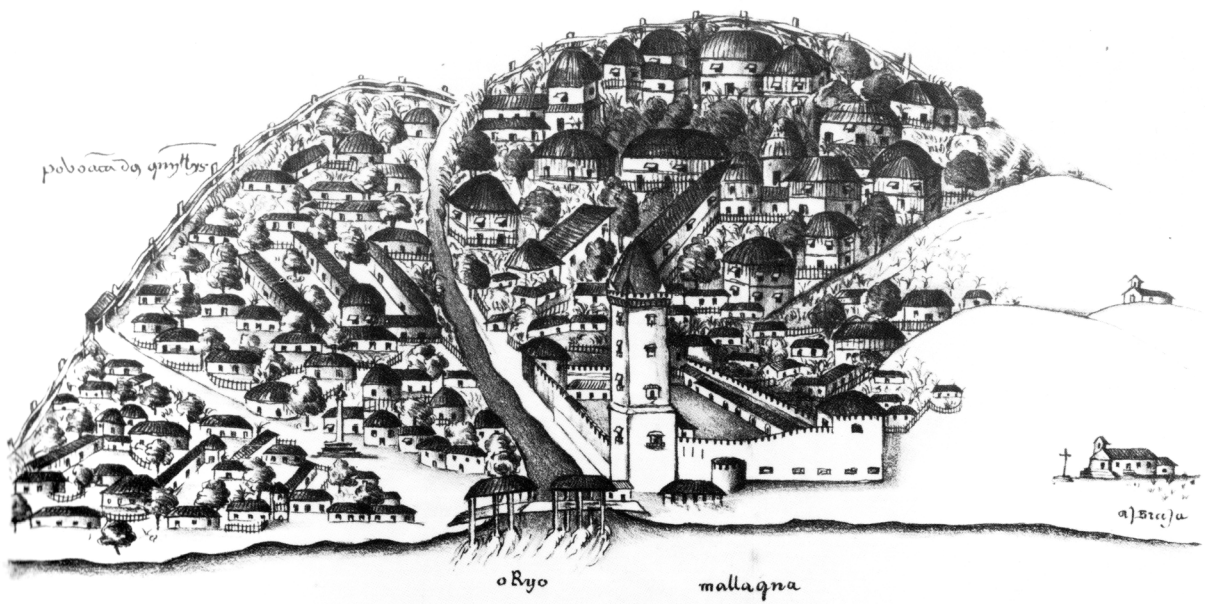


figura 172
Ilustração de Malaca
Gaspar Correia, 1540

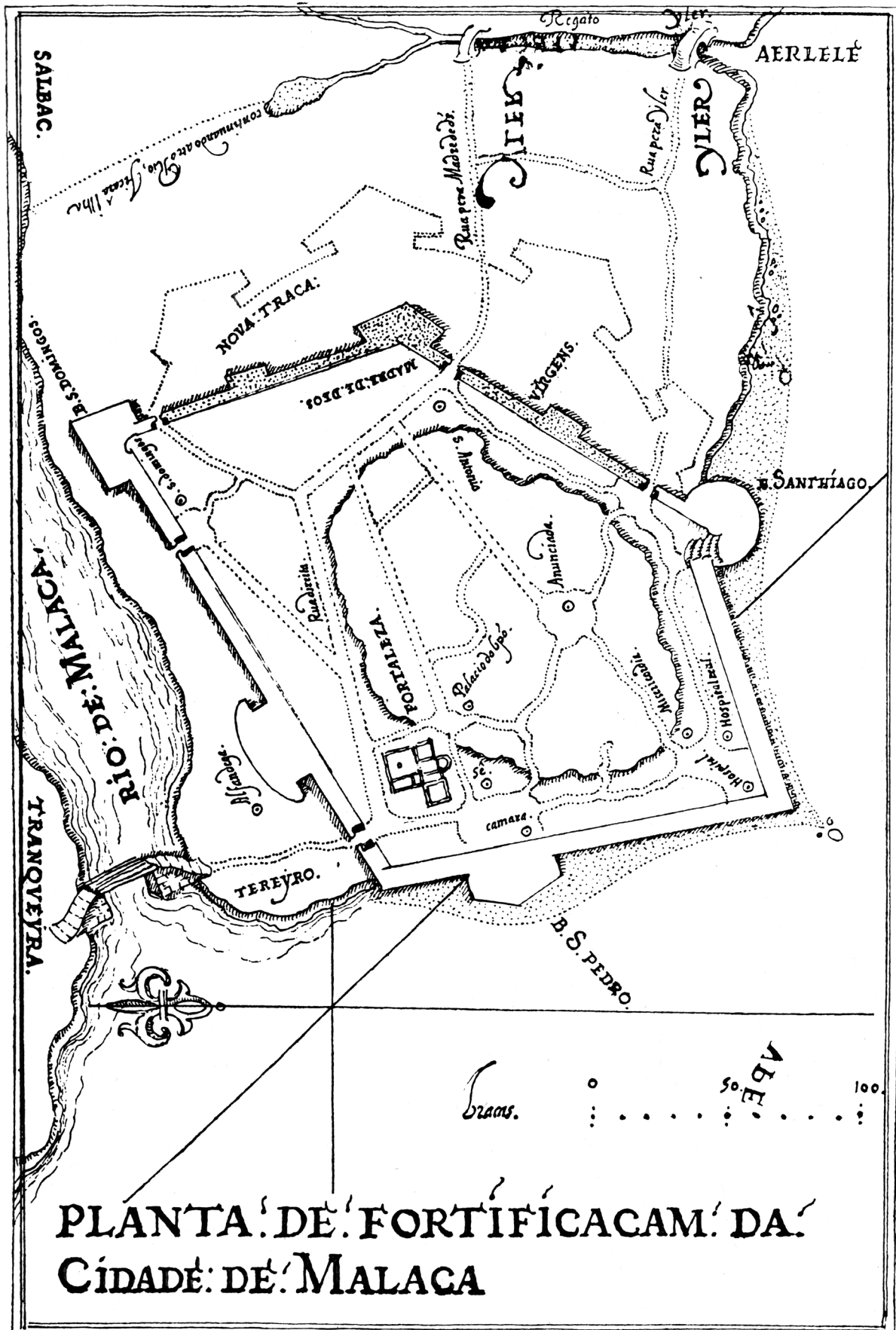
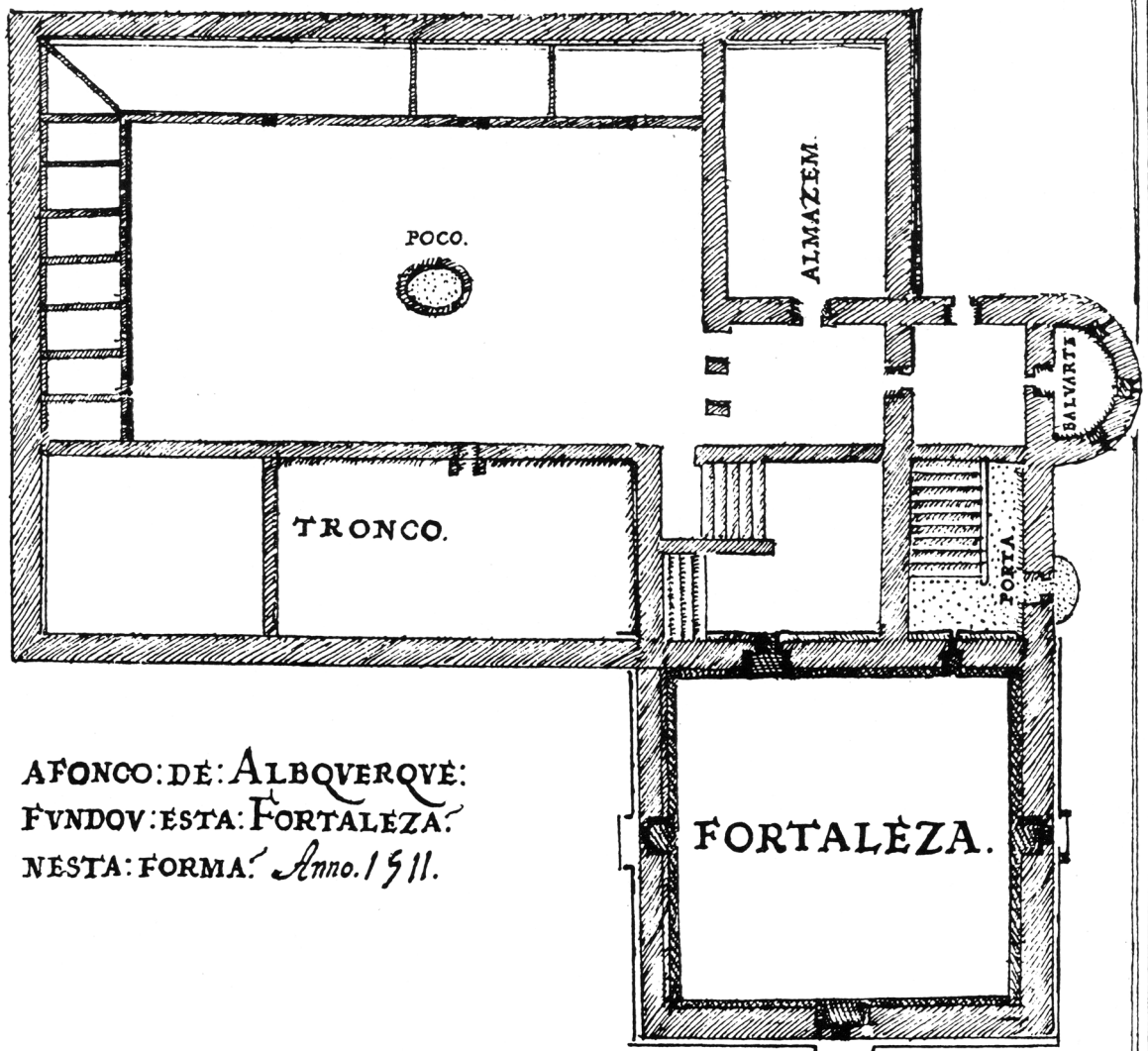


figura 173
Planta da Fortificação de Malaca
Manuel Godinho de Erédia, 1604

PLANTA DA FORTALEZA DE MALACA



AFONCO DE ALBOVERQUE:
FVNDV ESTA FORTALEZA
NESTA FORMA. Anno. 1511.

Bracas azuis de 10. Palmos cada braca.

0 5 10

figura 176
Planta da Fortaleza de Malaca
Manuel Godinho de Erédia, 1604

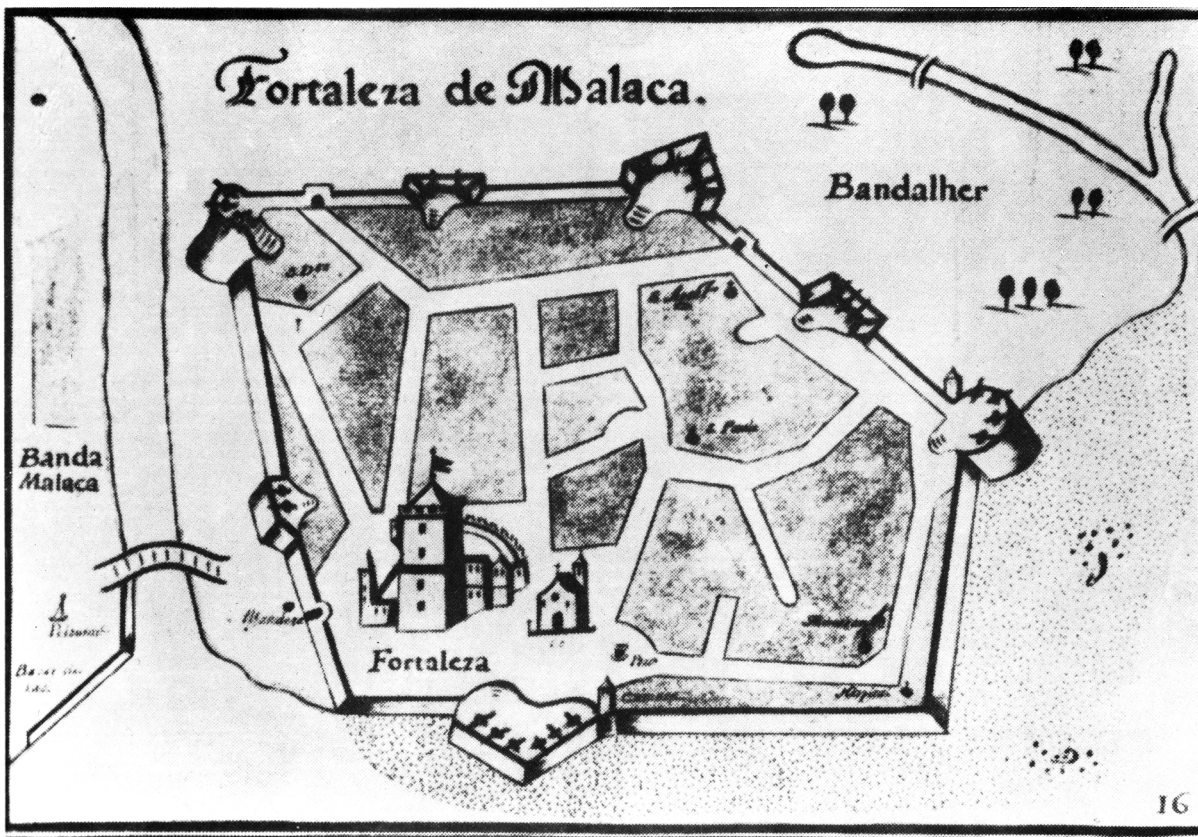


figura 177
Fortaleza de Malaca
Atlas de Viena, 1622



figura 178
Planta da Fortificação de Malaca
António Bocarro, 1635



figura 179
Gravura de Malaca tardia
Faria e Sousa, 1666

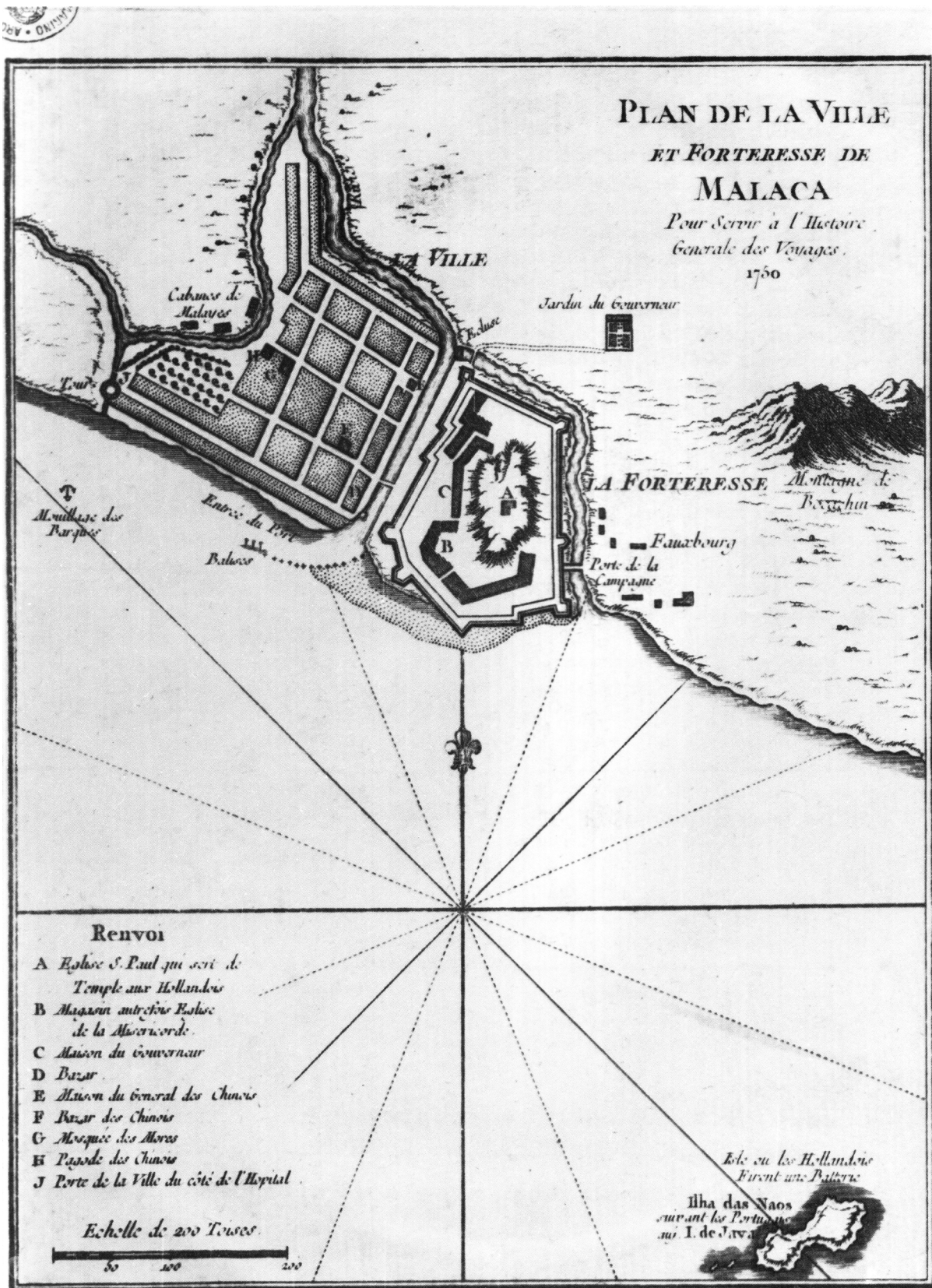


figura 180
Plan de la Ville et Forteresse de Malaca
1750

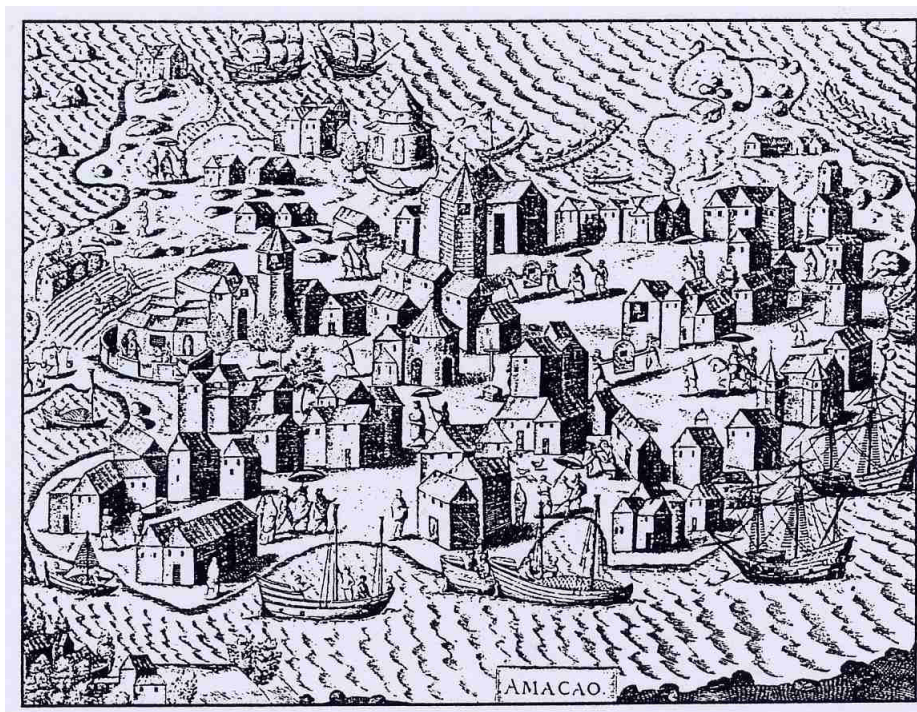


figura 181
Ilustração de Macau
Theodoro De Bry, aprox. 1606-1607



figura 182
Mapa de Macau
Manuel Godinho de Erédia, aprox. 1615-1622



figura 183
Planta de Macau
Barrero de Resende, 1635

H. Cartografias e Representações de Nagasáqui e Dejima

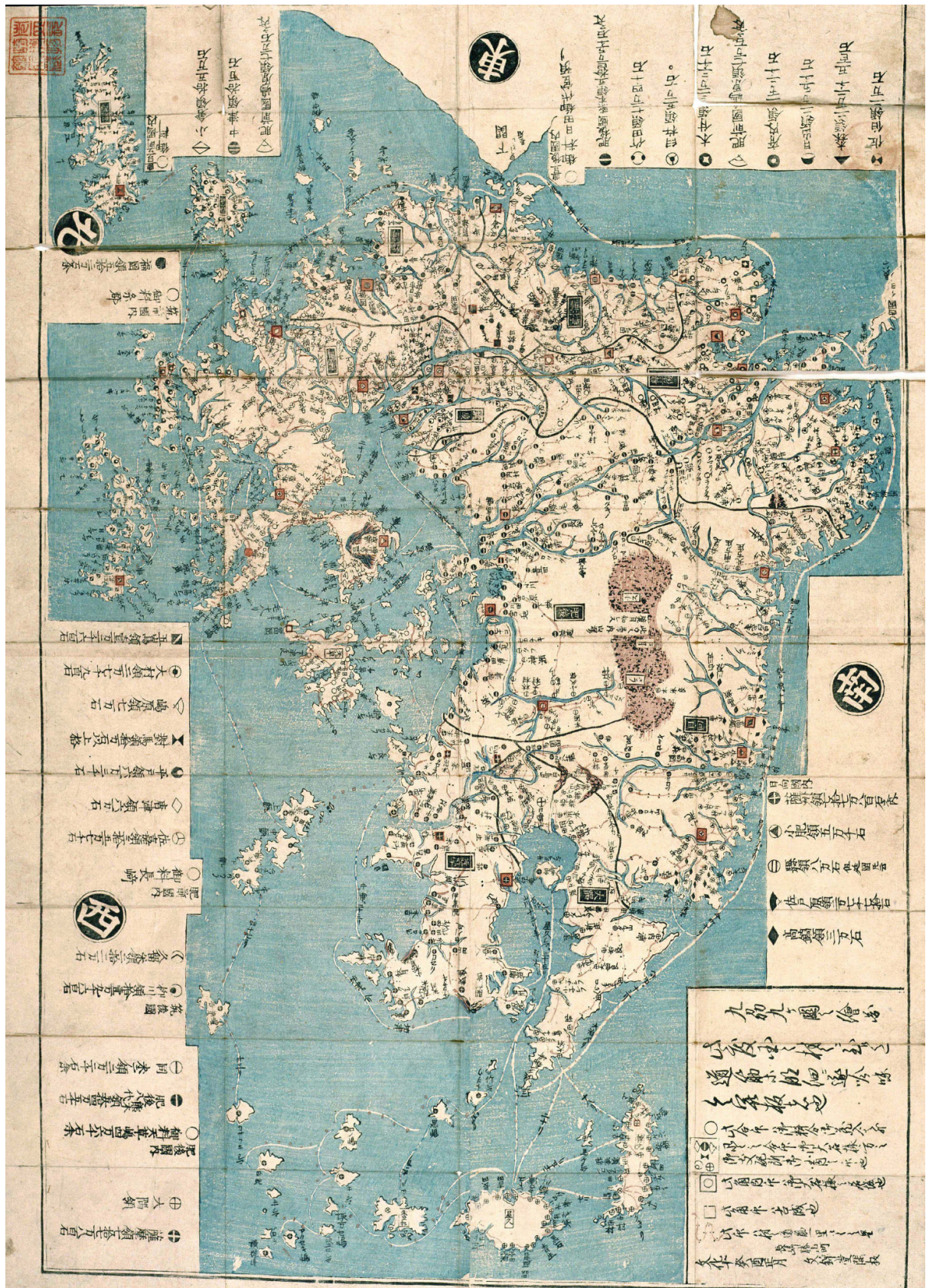


figura 185
Cartografia de Kyushū
1813



figura 186
Cartografia do período de Kan'ei (1624-1643)
Reprodução de 1884



figura 187
Cartografia de Nagasáqui
1801



figura 188
Cartografia de Nagasaki
1802



figura 189
Cartografia de Nagasáqui
1821



figura 190
Nagasaki Soutyo Ezu



figura 191
Biombo Nanban
Igreja do Cabo

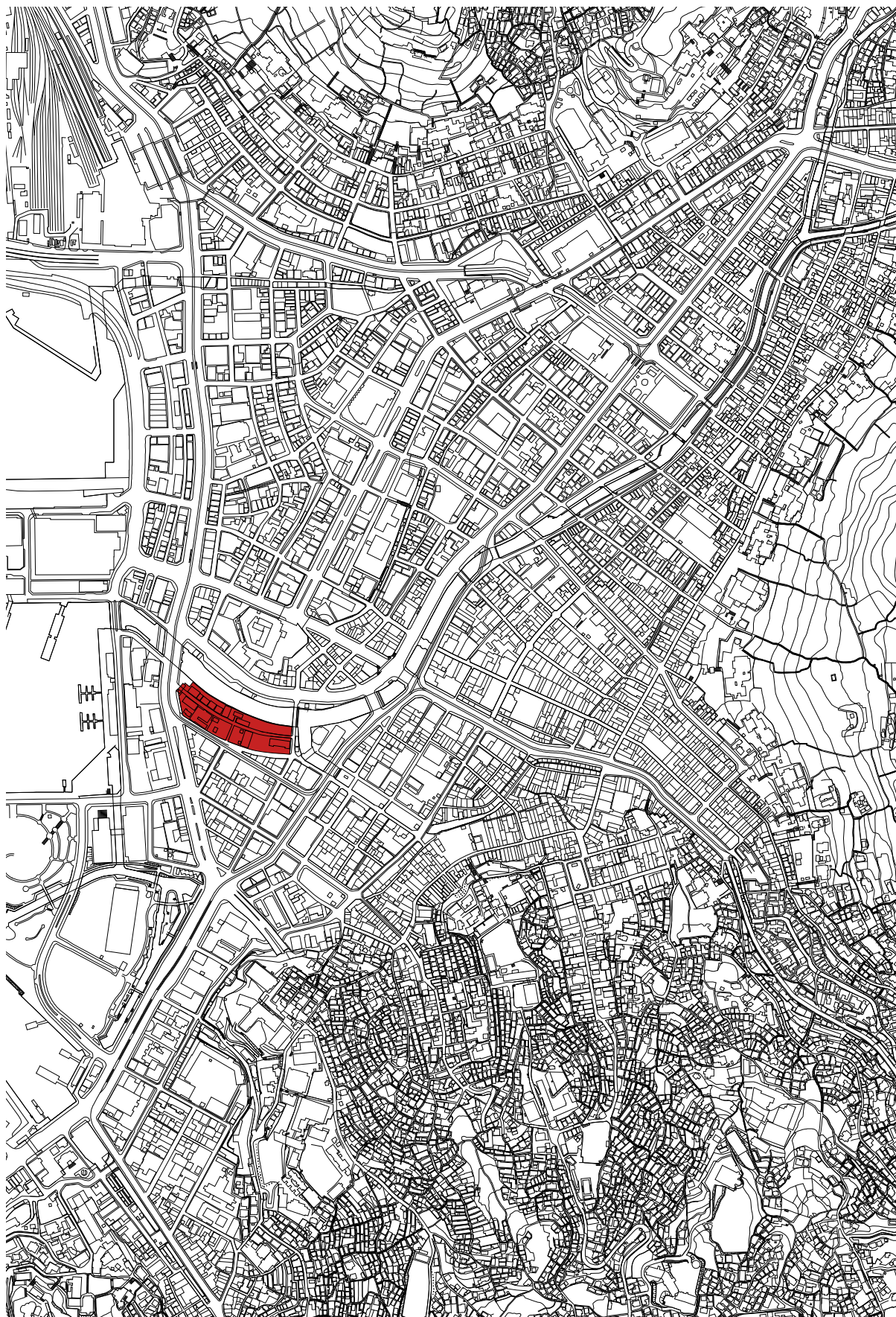


figura 192
Planta actual de Nagasáqui e Dejima (vermelho)
escala 1:10 000

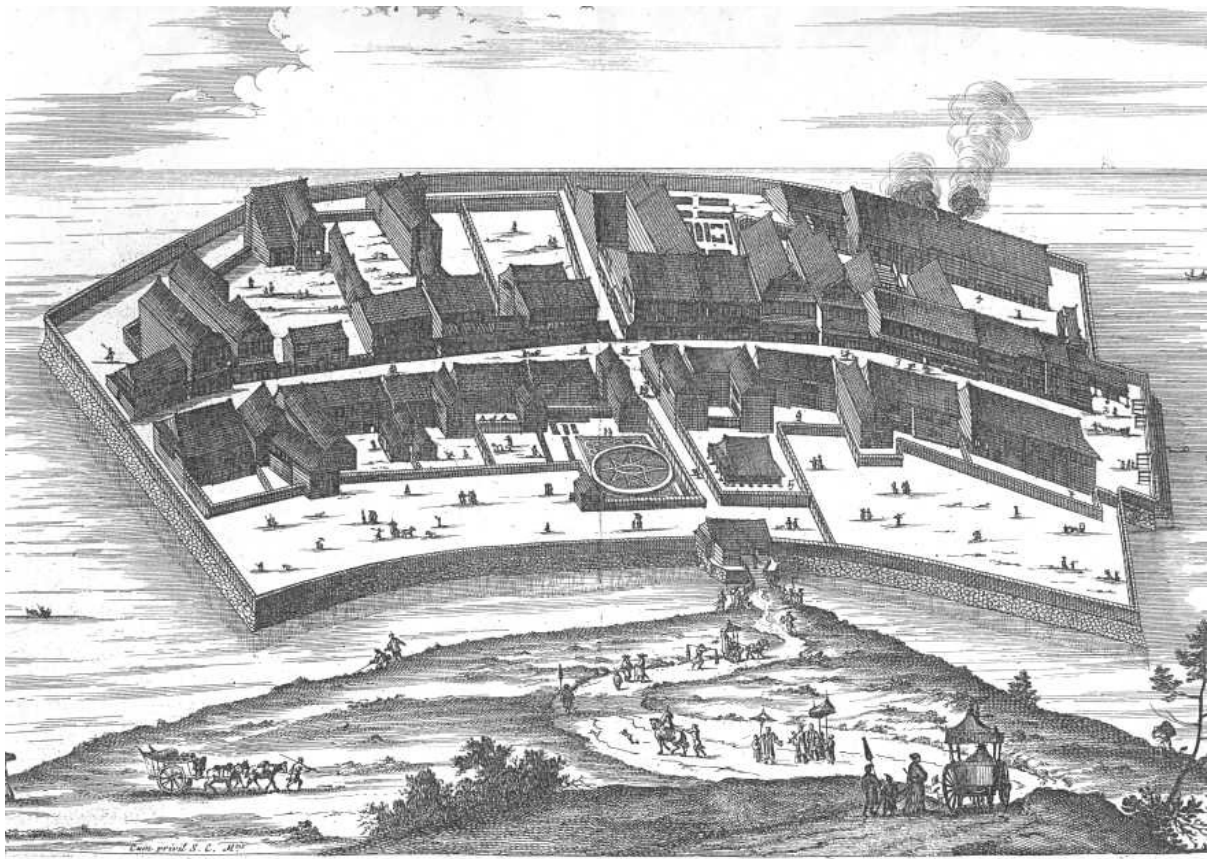
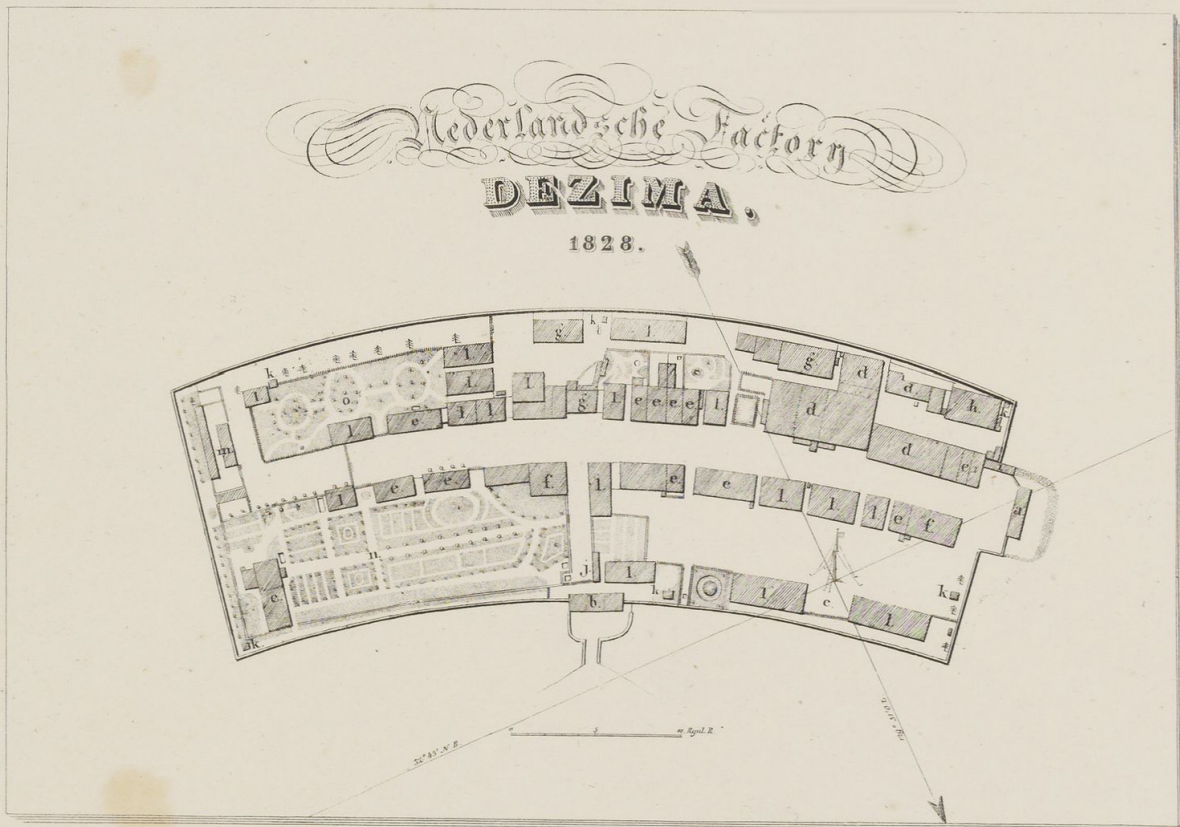


figura 193
Gravura de Dejima de 1669, por Arnold Montanus



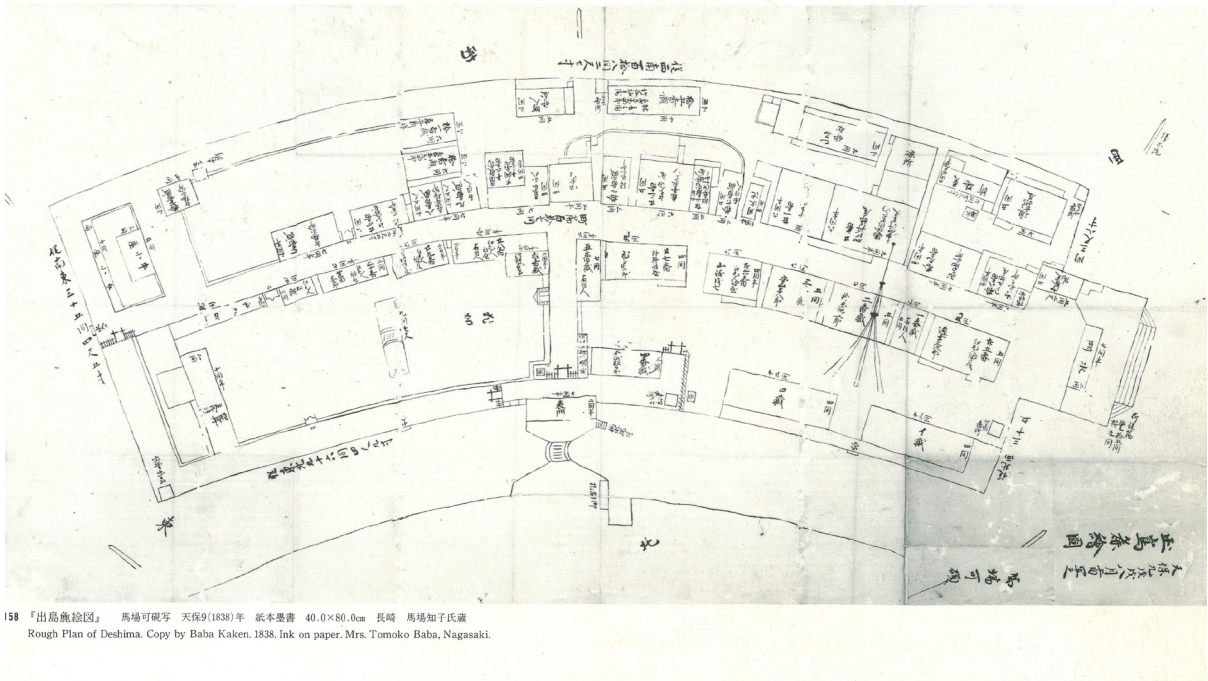
Niederländische Factorij Dezima.

- a Waterpoort en wachthuis
- b Landpoort en wachthuis
- c Flaggenstok
- d Wachtloos en bygebouwen van het Opperhoofd van den
- e Verleensassen van de Japan
- f Woonhuizen der Nederlandsche ambtenaren
- g Woonhuizen voor de Bezagvoorders der Nederl. schepen
- h Woonhuizen van Japanische ambtenaren
- i De vergaderplaats der Jap. telken
- j De verblyfplaats voor Jap. hooge ambtenaren
- k Bruidgescapen
- l Wachthuisjes der Japannees
- m Pakhuizen
- n Stallen
- o De plantentuin



- a. Wasserthor u. Wachthaus
- b. Landthor u. Wachthaus
- c. Flaggenstok
- d. Wohnhaus u. Nebengebäude des Oberhauptes des Niederländischen Handels auf Japan
- e. Wohnhäuser der Niederl. Beamten
- f. Wohnhäuser für die Obersten der Niederl. Schiffe
- g. Wohnhäuser Japanischer Beamten
- h. Der Zusammenkunftsort der Jap. Dolmetscher
- i. Aufenthaltsort für Japanische hohe Beamten
- j. Löschgeräthe
- k. Japanische Wachen
- l. Packhäuser
- m. Ställe
- n. Der botanische Garten
- o. Der Gemüsegarten

figura 194
Planta holandesa de Dejima de 1828



158 『出島繪図』 馬場可碩写 天保9(1838)年 紙本墨書 40.0×80.0cm 長崎 馬場知子氏藏
Rough Plan of Deshima. Copy by Baba Kaken. 1838. Ink on paper. Mrs. Tomoko Baba, Nagasaki.

figura 195
Planta de Dejima
Copia de Baba Kaken, 1838

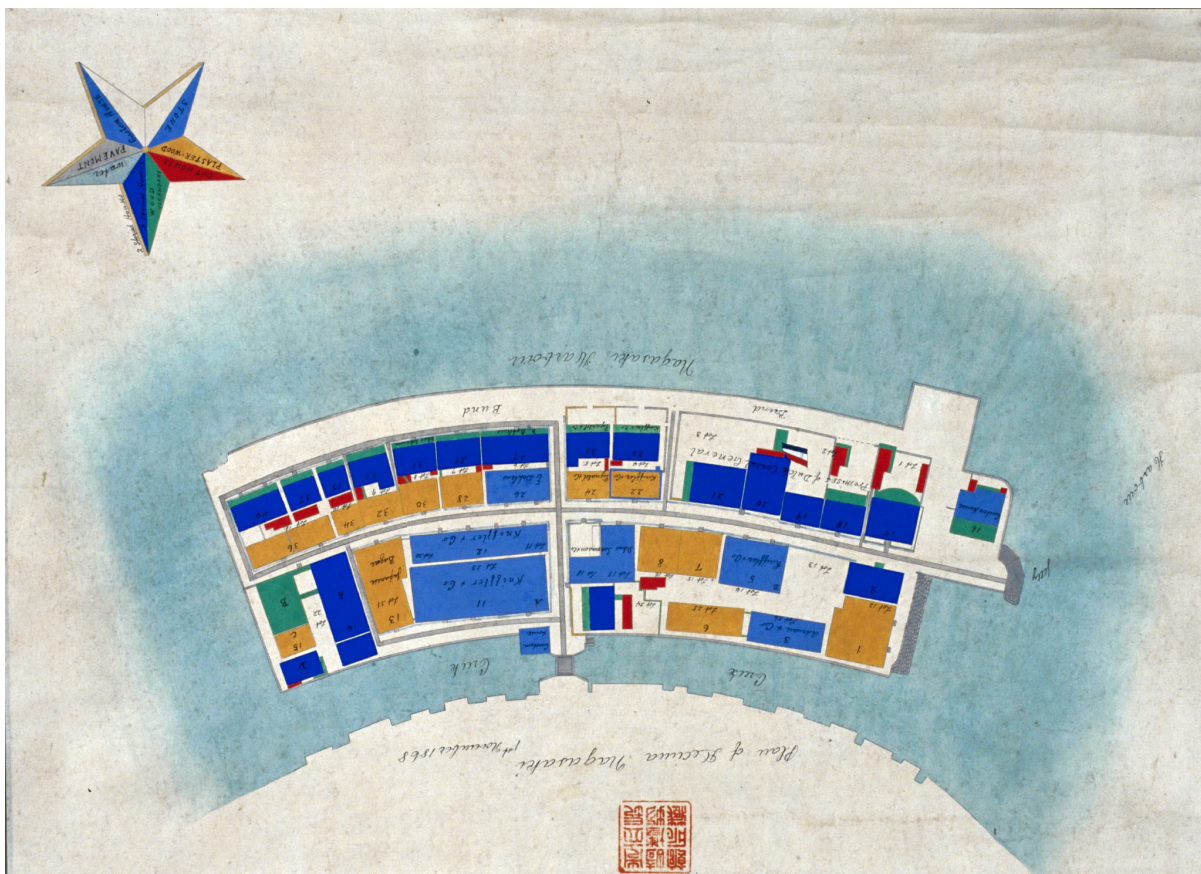


figura 196
Planta de Dejima, 1868

I. Glossário de Termos Japoneses

大名 daimyō

*“Lorde regional militar. Durante o período Sengoku, este nome era muitas vezes aplicado aos ‘shugo’, e depois às famílias que o suplantavam. Após o estabelecimento do xogunato Tokugawa, o termo era aplicado aos lordes cujos domínios eram avaliados em 10.000 koku ou mais.”*²⁴⁷

下克上 gekokujō

*“destronar ou superar o seu superior”*²⁴⁸

平城 hirajiro

*“Lit. castelo de planície. Um castelo construído numa planície com os principais elementos defensivos sendo rios, pântanos e fossos feitos pelo homem.”*²⁴⁹

平山城 hirayamajiro

*“Castelo de montanha plana. Um castelo construído numa montanha baixa, definida como de 20 a 100 metros de altura, que cresce de uma planície e se estende para baixo até à planície ou terrenos planos no sopé da montanha.”*²⁵⁰

南蛮 namban

“Barbaros do Sul’, comerciantes e missionários da Europa

247__ *“Regional military lord. During the Sengoku period, this name was often applied to ‘shugo’, and then to the families who supplanted them. After the establishment of the Tokugawa shogunate, the term was applied to those lords whose domains were assessed at 10.000 koku or more.”*

HALL, John Whitney; *“Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation”* in: *Journal of Japanese Studies*. Vol. 9. No.1” 1ª edição: Seattle, 1983. p. 24, tradução própria

248__ *“overthrowing or surpassing one’s superiors”*

WIKIPEDIA; *“Gekokujō”*, 2013 < <http://en.wikipedia.org/wiki/Gekokujō> >, tradução própria

249__ *“Lit. flatland castle. A castle built on a plain with the main defensive elements being rivers, swamps, and man-made moats.”*

JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; *“Hirajiro”*, 2001 <<http://www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/h/hirajiro.htm>>, tradução própria

250__ *“Flatland mountain castle. A castle built on a low mountain, defined as 20 to 100-meters high, that rises up from a plain and extends down to the plain or flatlands at the foot of the mountain.”*

JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; *“Hirayamajiro”*, 2001 <<http://www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/h/hirayamajiro.htm>>, tradução própria

e especificamente de Portugal.”²⁵¹

鎖国 sakoku

“Política de relações internacionais do Japão sob a qual nenhum estrangeiro podia entrar nem nenhum japonês sair do país, sob pena de morte. Esta política foi decretada pelo Xogunato Tokugawa, sob o poder de Tokugawa Iemitsu, através de um número de éditos e políticas desde 1633-39 e manteve-se activa até 1853, com a chegada dos Barcos Negros do Comandante Matthew Perry e a abertura do Japão à força. Continuou a ser ilegal sair do Japão até à Restauração Meiji.”²⁵²

侍 samurai

“Um guerreiro. Originalmente uma figura militar subordinada de um ‘kenmon’, o termo era usado a partir do período Heian tardio para designar um estatuto particular. Mais tarde tornou-se num termo geral para membros de estatuto guerreiro.”²⁵³

参勤交代 sankin kotai

“Sistema criado em 1635 no Japão pelo Xogun Iemitsu dos Tokugawa pelo qual os grandes senhores feudais tinham de viver vários meses cada ano na capital dos Tokugawa em Edo. Quando os lordes regressavam às suas terras, eles eram obriga-

251__“Southern barbarians’, traders and missionaries from Europe and specifically from Portugal.”

WIKIPEDIA; “Nanban art”, 2013 <http://en.wikipedia.org/wiki/Nanban_art>, tradução própria

252__“foreign relations policy of Japan under which no foreigner could enter nor could any Japanese leave the country on penalty of death. The policy was enacted by the Tokugawa shogunate under Tokugawa Iemitsu through a number of edicts and policies from 1633–39 and remained in effect until 1853 with the arrival of the Black Ships of Commodore Matthew Perry and the forcible opening of Japan to Western trade. It was still illegal to leave Japan until the Meiji Restoration (1868).”

WIKIPEDIA; “Sakoku”, 2013 <<http://en.wikipedia.org/wiki/Sakoku>>, tradução própria

253__“A warrior. Originally a military figure subordinate to a ‘kenmon’, the term was used from the late Heian period to designate a particular status. It later became a general term for members of the warrior state”

HALL, John Whitney; “Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation” in: “Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1” 1ª edição: Seattle, 1983. p. 28, tradução própria

*dos a deixar as suas esposas e famílias em Edo.*²⁵⁴

莊園 shōen

*“Estado com terras. (...) Detido por privados, os shōen tinham um aspecto público como unidade dominante da administração local, desde o período Heian tardio até ao início do período Muromachi. Shōen eram propriedade de lordes, centrais, ausentes, mas outros direitos locais eram simultaneamente detidos a diversos níveis. Nenhum indivíduo podia reclamar a posse total de um shōen num sentido privado.”*²⁵⁵

大化の改新 taika no kaishin

*“(...) reformas estenderam o domínio directo da família do imperador, sobre todo o Japão com um sistema governamental organizado e justo, modelado a partir do utilizado pelos T’ang na China”*²⁵⁶

山城 yamajiro

*“Lit. castelo de montanha. Um castelo construído numa montanha para tirar vantagem da sua topografia.”*²⁵⁷

254_ “System inaugurated in 1635 in Japan by the Tokugawa shogun Iemitsu by which the great feudal lords had to reside several months each year in the Tokugawa capital at Edo. When the lords returned to their fiefs, they were required to leave their wives and families in Edo.”

Encyclopædia Britannica; “*sankin kōtai*” Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc., 2013. Web. 20 Aug. 2013. <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/522543/sankin-kotai>>, tradução própria

255_ “A landed estate.(...) Privately held, the shōen had a public aspect as the dominant unit of local land administration from the late Heian through early Muromachi periods. Shōen were held in proprietorship by a central, absentee overlord, but other local rights were simultaneously held at several levels. No single person could claim full possession of a shōen in a private sense.”

HALL, John Whitney; “Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation” in: “*Journal of Japanese Studies*. Vol. 9. No.1” 1ª edição: Seattle, 1983. p. 29, tradução própria

256_ “(.) reforms extended the direct dominion of the emperor’s family over the whole of Japan with an orderly and fair system of government modeled on that of T’ang China.”

Encyclopædia Britannica; “大化の改新 - Taika no Kaishin - “Taika era reforms.” Encyclopædia Britannica Online. Encyclopædia Britannica Inc., 2013 <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/580685/Taika-era-reforms>>

257_ “Lit. mountain castle. A castle built on a mountain to take advantage of the mountain’s topography.”

JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; “*Hirayamajiro*” , 2001 <<http://www.aist.or.jp/~jaanus/deta/y/yamajiro.htm>>, tradução própria

7. BIBLIOGRAFIA

参考文献

7.1. Livros

- ANNO, Masaki; “*Sekaishi no naka no Nagasaki kaikō : kōeki to sekai shūkyō kara Nihon shi o minaosu*” 1ª edição, Tóquio: Genshisha, 2011
- BACON, Edmund N.; “*Design of Cities*” 1ª edição, Londres: Thames and Hudson, 1992
- BENEVOLO, Leonardo; “*A História da Cidade*” São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999
- BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; “*A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos*” Prova Final de Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- COLLCUTT, Martin; JANSEN, Marius; KUMAKURA, Isao; “*Cultural Atlas Of Japan*” Londres: Phaidon Press, 1988

7. BIBLIOGRAFIA

- CORREIA, Jorge; *“Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI”* 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008
- COSTA, João Paulo Oliveira e; *“Em Torno da Criação do Bispado do Japão”* 1ª edição, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1993
- COUTINHO, Andreia Neiva; *“Reinaldo Oudinot e a intervenção na Barra do Douro - Um projecto urbano pombalino numa frente ribeirinha”* Prova Final de Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, 2006
- DINIZ, Sofia; *“A Arquitectura da Companhia de Jesus no Japão. A criação de um espaço religioso cristão no Japão dos séculos XVI e XVII”* Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007
- FRÓIS, Luis; LOUREIRO, Rui Manuel, ed.; *“Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes Entre a Europa e o Japão”* 1ª edição, Lisboa: Instituto Português do Oriente
- GRANDE, Nuno; *“O verdadeiro mapa do universo: uma leitura diacrónica da cidade portuguesa”* 1ª edição, Coimbra: Ed. Darq, 2002
- GUIMARÃES, João Pedro de Campos; FERREIRA, José Maria Cabral; *“O Bairro Português de Malaca”* 1ª edição, Porto: Edições Afrontamento, 1996
- HALL, John Whitney, ed. lit.; BROWN, Delmer, ec. lit.; *“Cambridge History of Japan vol. 1 - Ancient Japan”* 1ª edição Londres: Cambridge University Press, 2006
- HALL, John Whitney, ed. lit.; SHIVLEY, Donald, ed.

- lit.; McCULLOUGH, William H., ed. lit.; “*Cambridge History of Japan vol. 2 - Heian Japan*” 1ª edição, Londres: Cambridge University Press, 2006
- HALL, John Whitney, ed. lit.; YAMAMURA, Kozo, ed. lit.; “*Cambridge History of Japan vol. 3 - Medieval Japan*” 1ª edição, Londres: Cambridge University Press, 2006
- HARADA, Hiroji; “*Zusetsu Nagasaki rekishi sanpo: daikōkai jidai ni hirakareta kokusai toshi*” 1ª edição, Tóquio: Kawade Shobō Shinsha, 1999
- IWASAKI, Shoichi; “*Japanese*” 1ª edição, Londres: John Benjamins Publishing Company, 2013
- JIMUSHO, Kōmei; “*Kasutera tokuhon : castella fukko sōshin Fukusaya*”, Nagasáqui: Kabushiki Kaisha Kasutera Honke Fukusaya, 2005
- KARAN, P.P., ed. lit.; STAMPLETON, Kristin, ed. lit.; “*The Japanese City*” 1ª edição, Lexington: University Press of Kentucky, 1997
- KODAMA, Kōta; SENO, Seiichirō; et al; “*Nagasaki-ken no rekishi*” 1ª edição, Tóquio: Yamakawa Shuppansha, 1998
- LIMA, Alfredo Viana de; “*Reviver Malaca - Malaca a Revival*” 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988
- MATSUDA, Kiichi; “*The Relations Between Portugal and Japan*” 1ª edição: Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965
- MIRANDA, Marta; “*Vila do Conde*” 1ª edição, Barcarena: Editorial Presença, 1998
- MORRIS, A.E.J.; “*Historia de la forma urbana - Desde sus*

7. BIBLIOGRAFIA

- origenes hasta la Revolución Industrial*” 2ª edição: Barcelona, Gustavo Gili, 1985
- MOURA, Carlos Francisco; *“Nagasaki, Cidade Portuguesa no Japão”* 1ª Edição, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969
- MUMFORD, Lewis; *“The City in history : its origins, its transformations, and its prospects”* New York: MJF Books, 1989
- Nippon Steel Corporation, ed. lit.; *“Nippon: the Land and its People”*, 8ª edição Tokyo: Japan Technical Information Service Co., 2006
- PACHECO, Diego S. J.; *“A Fundação do Porto de Nagasaki e a sua cedência à Sociedade de Jesus”* 1ª edição, Macau: Centro de Estudos Marítimos, 1989
- “Património arquitectónico de Macau”* Catálogo de exposição, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988
- ROCHA, Joanes da Silva; *“Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII”* Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011
- ROSSA, Walter (Coord); *“Ásia. Oceania”* in MATTOSO, José (Direc.); *“Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo”* 1ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010
- ROSSA, Walter; *“A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português”* 1ª edição Coimbra: Alameda, 2002
- ROSSA, Walter; *“Cidades Indo-Portuguesas: contribuições para o estudo do urbanismo português no Hindustão*

Ocidental” 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997

–SANTOS, André Nunes; *“A Presença Portuguesa no Japão - A Forma como os Portugueses transformaram o Japão”* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010

–SIONG, Ho Chin; *“An Introduction to Japanese City Planning”* 1ª edição, Skudai: Pernebit Universiti Teknologi Malasya, 2003

–SPIRO, Kostof; *“The City Shaped - Urban Patterns and Meanings Through History”* 1ª edição, Londres: Thames and Hudson, 1991

–TEIXEIRA, Manuel C.; VALLA, Margarida; *“O Urbanismo Português: Séculos XIII-XVIII: Portugal-Brasil”* 1ª edição Lisboa: Livros Horizonte, 1999

–VALIGNANO, Alessandro; *“Historia del principio y progreso de la Compania de Jesús en las Indias Orientales (1542-64)”* Roma, 1944

–WASAKI, Shoichi; *“Japanese”* 1ª edição, Londres: John Benjamins Publishing Company, 2013

7.2. Artigos

- ANNO, Masaki; “Nagasaki no Tōjin Yashiki” in “Chūkintō bunka sentā kenkyū kai vol. 11”, Tóquio: Chūkintō bunka sentā, 1994
- BOXER, Charles R.; *“Relação da gloriosa morte de quatro embaixadores portugueses da cidade de Macao, com cincoenta e sete Christãos de sua companhia, degolados todos pela fé de Christo em Nangasachi cidade de Iappão, a tres de agosto de 1640”* in “*Separata dos Anais do Club Militar Naval*”, tomo LXII, nºs 9 e 10” 1ª edição, Lisboa: Imprensa da Armada, 1933
- CARVALHO, Daniela de; *“Nambanjin: Sobre os Portugueses no Japão”* in “*ANTROPOLógicas*” nº4: Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2000
- COSTA, João Paulo Oliveira e; *“Nagasaki, um porto cristão no país do Sol Nascente”* in “*Os Espaços de Um Império: Estudos*” 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999
- CURVELO, Alexandra; *“Nagasaki. An european artistic city in early modern Japan”* in “*Bulletin of Portuguese/ Japanese Studies - vol. 2*” Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2001
- DIAS, Pedro; *“Malaca: a evolução urbana ao tempo do domínio português”* in ROSSA, Walter (coord.); ARAÚJO, Renata (coord.); CARITA, Helder (coord.); *“Colóquio Internacional Universo urbanístico português 1415-1822: Actas”* 1ª edição, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001
- ELISONAS, J.S.A.; *“Nagasaki: the early years of an early japanese city”* in: BROCKEY, Liam M., ed. lit.; *“Portuguese Colonial Cities in the Early Modern World”* Londres:

Ashgate, 2008

–HALL, John Whitney; “*Terms and Concepts in Japanese Medieval History: An Inquiry into the Problems of Translation*” in: “*Journal of Japanese Studies. Vol. 9. No.1*” 1ª edição: Seattle, 1983

–KYOTO CITY: “*Landscape of Kyoto*”

–ZHONGSHU, Wang; “*Why Did The Eastern Half City (Left Capital) of Tang Chang’an City and Japanese Heijokyo and Heiankyo Capitals Become More Prosperous?*” in “*Chinese Archaeology Volume 3*” Pequim: Institute of Archaeology of the Chinese Academy of Social Sciences, 2003

7.3. Paginas Web

- Department of Asian Art, The Metropolitan Museum of Art.; “*Kamakura and Nanbokuchō Periods (1185–1392)*” <http://www.metmuseum.org/toah/hd/kana/hd_kana.htm>, 2013
- Encyclopædia Britannica Online; “*Taika no Kaishin - Taika era reforms.*” Encyclopædia Britannica Inc. <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/580685/Taika-era-reforms>>, 2013
- Encyclopædia Britannica Online; “*sankin kōtai*” Encyclopædia Britannica Inc. <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/522543/sankin-kotai>>, 2013
- JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; “*Hirajiro*” <<http://www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/h/hirajiro.htm>>, 2001
- JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; “*Hirayamajiro*” <<http://www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/h/hirayamajiro.htm>>, 2001
- JAANUS - Japanese Architecture and Art Net Users System; “*Yamajiro*” <<http://www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/y/yamajiro.htm>>, 2001
- Nagasaki City; “*Dejima Comes Back to Life | The Birth of a New Dejima*” <http://www.city.nagasaki.lg.jp/dejima/en/new_dejima/>, 2002
- Nagasaki tabi netto; “*Kyōkai meguri*” <http://www.nagasaki-tabinet.com/junrei/type_area/junrei_area_%E9%95%B7%E5%B4%8E/d.html>, 2013
- Suwa jinja to ‘nagasaki kun chi’: nagasaki ~ kotoba katara ~ ba <<http://nagasaki-r.seesaa.net/category/5587151-2>>

html>, 2013

–WIKIPEDIA; “*Gekokujō*” < <http://en.wikipedia.org/wiki/Gekokuj%C5%8D>>, 2013

–WIKIPEDIA; “*Nanban art*” <http://en.wikipedia.org/wiki/Nanban_art>, 2013

–WIKIPEDIA; “*Sakoku*” <<http://en.wikipedia.org/wiki/Sakoku>>, 2013

–WIKIPEDIA; “*Wakae Island*” <http://en.wikipedia.org/wiki/Wakae_Island>, 2013

7.4. Iconografia

- figura 1** Pintura de Buda da dinastia de T'ang (701-750), p.11
Fonte: The British Museum; “*Collection Online*” <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?assetId=232&objectId=6551&partId=1>, 1919 © Trustees of the British Museum
- figura 2** Mapa do Império T'ang e localização da sua capital, p. 12
- figura 3** Esquema urbano de Chang'an, p. 12
- figura 4** Chang'an - Local do Palácio e eixo central norte-sul, p. 13
- figura 5** Muralha de Chang'an, p. 13
Fonte: Maros M r a z ; “*Xi'an - City wall - 014*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Xi%27an_-_City_wall_-_014.jpg>, 2007
- figura 6** Chang'an - Quarteirão Kaihuafang, quarteirão Jingshanfan, quarteirão Chongyefan e via Zhuque Daije, p. 14
- figura 7** Chang'an - Palácio Dammingong e portões Tonghuamen e Chummingmen, p. 14
- figura 8** Reconstrução do Portão Dafengmen do palácio Dammingong, p. 14
Fonte: Zhang zhicheng; “*Reconstructed Danfeng Men*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Reconstructed_Danfeng_Men.jpg>, 2013
- figura 9** Chang'an - Palácio Xingqingong, muralhas leste, Jardins Furongyuan e Lago Quijiangchi, p. 15
- figura 10** Planta de Fujiwarakyō (sem escala), p. 15
Fonte: <<http://www9.plala.or.jp/kinomuku/fujiwara/fujiwarakyo.html>>, 2013
- figura 11** Retrato de Awata no Mahito (1903), p. 15
Fonte: Kikuchi Yōsai in “*Zenken-Kojitsu*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Awata_no_Mahito.jpg>, 1903
- figura 12** Esquema urbano de Heijokyō, p. 16
- figura 13** 1. Portão Suzakumon; 2. Daigokuden; 3. Maquete do Daigokuden, p. 16
Fonte: 1. OhMyDeer; “*Suzakumon of Heijo Palace, Nara (reconstruction)*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Suzakumon_nara.jpg>, 2007; 2. “*Front Courtyard of the Former Imperial Audience Hall*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:%E7%AC%AC%E4%B8%80%E6%AC%A1%E5%A4%A7%E6%A5%B5%E6%AE%BF%E3%83%BB%E5%89%8D%E5%BA%AD%28Front_Courtyard%29.JPG>, 2010; 3. “*Miniature Model of Heijo Palace Daigokuden*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Miniature_Model_of_Heijo_Palace_Daigokuden.jpg>
- figura 14** Heijokyō - Daidairi, p. 17
- figura 15** Heijokyō - Daidairi, arruamentos principais norte-sul, arruamentos principais este-oeste, novos quarteirões nordeste e novos quarteirões parciais noroeste, p. 17
- figura 16** Heijokyō - Daidairi, Suzaku e vias principais, p. 17
- figura 17** Mapa de localização da zona de Yamato, p. 18
- figura 18** Mapa da zona de Yamato no período Heian, p. 18

—**figura 19** Heijokyō - Lago Echidachi e templos Kofukuji, Ganguji, Todaiji e Capital Externa, p. 19

—**figura 20** Templo Kōfukuji, p. 19

Fonte: “*Kofukuji Buddhist temple Nara Japan*” <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kofukuji0411.jpg>>

—**figura 21** Esquema urbano de Heiankyō, p. 20

—**figura 22** Retrato do imperador Kammu (séc. XVI), p. 21

Fonte: Unknown; “*Portrait of the Emperor Kammu*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Emperor_Kammu_large.jpg>, séc. XVI

—**figura 23** Heiankyō - Daidairi, Tōji e Saiji, p. 21

—**figura 24** Daidairi de Heiankyō - Portões, Suzakumon, Dairi, Daigokuden e Shinsen-en, p. 21

—**figura 25** Heiankyō - Sakyō, Ukyō e Suzaku, p. 22

—**figura 26** Jardim Shinsen-en, p. 22

Fonte: Anna <<http://seishirou2candy.wordpress.com/kyoto/shinsen-en/>>, 2013

—**figura 27** Tōji, p. 22

Fonte: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Toji0116.jpg>>, 2005

—**figura 28** Mapa dos Territórios Japoneses no período Heian, p. 23

—**figura 29** Maqueta do forte de Tōhoku, na fronteira de Taga, com estrutura regular, p. 25

Fonte: ROCHA, Joanes da Silva; “*Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII*” Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 37

—**figura 30** Yamajiro de Arato, p. 25

Fonte: <<http://www.lang-8.com/585428/journals/120419647548427636708392080272026896037/1-went-to-called-%2522ARATO%2522-castle-near-my-local-area>>, 2013

—**figura 31** Muralha do castelo Nakijin, p. 26

Fonte: Nakijin-jo [World Heritage Site] <<http://okininjakitty.wordpress.com/2013/01/23/nakijin-jo-world-heritage-site/>>, 2013

—**figura 32** Vista do yamajiro de Takane para o vale que protegia, p. 26

Fonte: ROCHA, Joanes da Silva; “*Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII*” Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 47

—**figura 33** Retrato de Oda Nobunaga pelo pintor Jesuíta Giovanni Nicolao, 1583, p. 26

Fonte: <<http://www.shouzou.com/mag/p2.html>>, 2013

—**figura 34** Hirayamajiro em Hemije, Hyogo, p. 27

Fonte: Globe Images <<http://www.globeimages.net/img-himeji-castle--hyogo---japan-4143.htm>>, 2011

—**figura 35** Castelo de Edo, palácios residenciais e fossos envolventes - detalhe de biombo do séc. XVII, p. 27

Fonte: “*View of Edo*” (Edo zu) pair of six-panel folding screens (17th century) <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edo_P_detail.jpg>, 2013

7. BIBLIOGRAFIA

- figura 36** Tipos de Fosso: 1. yagenbori (em “U”); 2. kakobori (em caixa), p. 28
Fonte: ROCHA, Joanes da Silva; *“Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII”* Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 66
- figura 37** Construção de talude de um fosso, p. 28
Fonte: ROCHA, Joanes da Silva; *“Arquitetura e tática militar: Fortalezas japonesas dos séculos XVI-XVII”* Dissertação de Mestrado, Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2011, p. 75
- figura 38** Mapa do crescimento de Edo, p. 29
Fonte: MORRIS, A.E.J.; *“Historia de la forma urbana - Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial”* 2ª edição: Barcelona, Gustavo Gili, 1985, p.445
- figura 39** Esquema de Jōkamachi (com base em esquema de Yazaki), p. 30
Baseado em: MORRIS, A.E.J.; *“Historia de la forma urbana - Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial”* 2ª edição: Barcelona, Gustavo Gili, 1985, p.446
- figura 40** Jōkamachi de Sunpu, actual Shizuoka: 1. Esquema de Zonamento de Sunpu; 2. Imagem satélite de Shizuoka, p. 30
Fonte: 1. feito com base na figura 164; 2. Google Maps <<http://maps.google.com/>>, 2013
- figura 41** Esquema organizacional das jōkamachi, p. 31
- figura 42** Vista aérea de Sasayama, uma jōkamachi que ainda hoje mantém a sua estrutura urbana original, p. 31
Fonte: Sasayama City <<http://www.city.sasayama.hyogo.jp/pc/group/shakaikyoiiku/city-planning/243.html>>
- figura 43** Mapa do Japão no período Muromachi, p. 32
- figura 44** Rua de Hagi, uma jōkamachi que ainda hoje mantém grande parte da sua forma e edifícios originais, p. 33
Fonte: KBB; *“Hagi castle town”* <<http://www.panoramio.com/photo/77637609>>, 2012
- figura 45** Termas de Matsuyama, p. 33
Fonte: Arquivo Pessoal de Chika Kitachi
- figura 46** Castelo de Matsuyama, p. 33
Fonte: Arquivo Pessoal de Chika Kitachi
- figura 47** Viagem de Vasco da Gama até à Índia, p. 37
- figura 48** Vasco da Gama por Gregório Lopes, 1524, p. 38
Fonte: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vasco-da-gama-2.jpg>>
- figura 49** Detalhe do mapa *‘Taboas geraes de toda a navegação, divididas e emendadas por Dom Ieronimo de Attayde com todos os portos principaes das conquistas de Portugal delineadas por Ioão Teixeira cosmographo de Sua Magestade, anno de 1630’*, p. 39
Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portugues_map_of_India,_1630.jpg>
- figura 50** Reconstituição da cidade portuguesa de Safim, segundo Jorge Correia, com muralha baluartada (azul), p. 38
Fonte: CORREIA, Jorge; *“Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI”* 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 283

—**figura 51** Reconstituição da vila-fortaleza de Marzagão, segundo Jorge Correia, p. 39

Fonte: CORREIA, Jorge; *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI* 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 406

—**figura 52** Projecto do engenheiro holandês M. Hool para a construção de um forte no seio da cidade de Cochim após a sua conquista, 1663, p. 40

Fonte: ROSSA, Walter; *Cidades Indo-Portuguesas: contribuições para o estudo do urbanismo português no Hindustão Ocidental* 1ª edição, Lisboa: C.N.C.D.P., 1997, p. 37

—**figura 53** Diu por Pedro Barreto de Resende, 1635, p. 40

Fonte: Desenho, a cores. RESENDE, Pedro Barreto de. In: BOCARRO, António. "Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental". Goa, 1635. Manuscrito na Biblioteca Pública de Évora, Portugal < http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&cid_fortaleza=748>, 2013

—**figura 54** Fortaleza de Calecute, segundo Gaspar Correia, 1550, p. 40

Fonte: <http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&cid_fortaleza=712>

—**figura 55** Reconstituição da cidade portuguesa de Alcácer Cerger, segundo Jorge Correia, com Rua Direita, p. 42

Fonte: CORREIA, Jorge; *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI* 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 164

—**figura 56** Reconstituição da cidade portuguesa de Safim, segundo Jorge Correia, com Rua Direita, p. 43

Fonte: CORREIA, Jorge; *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: Da tomada de Ceuta a meados do século XVI* 1ª edição, Porto: FAUP Publicações, 2008, p. 283

—**figura 57** Ilustração de Malaca, Gaspar Correia, 1540, p. 45

Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *Reviver Malaca - Malaca a Revival* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, IV

—**figura 58** Planta da Fortaleza de Malaca, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 46

Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *Reviver Malaca - Malaca a Revival* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, VIII

—**figura 59** Perspectiva Aérea da Fortificação de Malaca, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 46

Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *Reviver Malaca - Malaca a Revival* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, VII

—**figura 60** Planta da Fortificação de Malaca, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 47

Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *Reviver Malaca - Malaca a Revival* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, VI

—**figura 61** Fortificação de Malaca, p. 48

—**figura 62** Planta de Malaca e suas Povoações, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 50

Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *Reviver Malaca - Malaca a Revival* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, V

—**figura 63** Macau - Aldeias Chinesas pré-existentes e seus templos p. 53

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

7. BIBLIOGRAFIA

- figura 64** Primeiro aglomerado português, p. 54
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 65** Igreja de Santo António e Rua Direita, p. 54
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 66** Cescimento do núcleo português. Igreja de Santo António controlava os mares navegados por ocidentais. Igreja de São Lourenço controlava os mares navegados pelos piratas japoneses, p. 55
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 67** Relações entre Igrejas e crescimento do aglomerado português de Macau, p. 56
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 68** Igreja e Hospital de S. Lazaro, p. 57
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 69** Triângulo Visual, Crescimento do núcleo urbano e Igreja Matriz, p. 57
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 70** Prolongamento da Rua Direita até ao novo núcleo urbano, p. 58
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 71** A residência da Companhia de Jesus, p. 58
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 72** Hospital Público, p. 59
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 73** Novo centro urbano e zonamento: predominantemente comercial e área habitacional e comercial, p. 59
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 74** Cescimento de Macau e os novos sistemas defensivos, p. 60
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005
- figura 75** Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Anjos e eixos visuais entre as igrejas defensivas, p. 61
Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 76** Sé de Macau, p. 61

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 77** Baía da Praia Grande, p. 61

Fonte: *“Património arquitectónico de Macau”* Catálogo de exposição, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988

—**figura 78** Igreja e Convento de Nossa Senhora do Rosário (verde) e Igreja e Convento de S. Domingos, p. 62

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 79** Nova igreja e complexo jesuíta, p. 62

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 80** Ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Assunção ou S.Paulo, p. 63

Fonte: Victor Wong; *“Ruínas da Antiga Catedral de São Paulo, Macau”* <<http://www.flickr.com/photos/magicketchup/6687860999/>>, 2011

—**figura 81** Fortificação de Macau e os novos percursos, p. 64

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 82** Bastião de S. Francisco, Bastião de Nossa Senhora do Bomporto, Bastião de S. Tiago e zona assoreada, p. 65

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 83** Fortes e fortins e Forte de S. Paulo do Monte, p. 65

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 84** Novo sistema defensivo da cidade, p. 66

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 85** Percursos até à Porta do Cerco, p. 67

Feito com base nos esquemas presentes em: BOTELHO, Ana Mafalda Vilaça; *“A Cidade de Macau: Os 2 Primeiros Séculos”* Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005

—**figura 86** Porta do Cerco, p. 67

Fonte: *“Património arquitectónico de Macau”* Catálogo de exposição, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988

—**figura 87** Localização de Nagasáqui, p. 71

—**figura 88** Planta de Nagasáqui durante a ocupação Portuguesa, p. 72

—**figura 89** Igreja de Todos os Santos, Possível Jōkamachi original, Igreja de S. Paulo e Via da Religião, p. 73

—**figura 90** Seis Quarteirões Iniciais, p. 73

7. BIBLIOGRAFIA

–**figura 91** Cartografia do período de Kan'ei (1624-1643), Reprodução de 1884, p. 74

Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>

–**figura 92** Biombo Nanban - Igreja do Cabo, p. 74

Fonte: JIMUSHO, Kōmei; “Kasutera tokuhon : castella fukko sōshin Fukusaya”, Nagasáqui: Kabushiki Kaisha Kasutera Honke Fukusaya, 2005

–**figura 93** Registos gráficos do edificado, p. 75

–**figura 94** Detalhe do mapa “Nagasaki Soutyou Ezo”, p. 75

Fonte: Cedido pelo Departamento de Restauro de Dejima da Câmara Municipal de Nagasáqui

–**figura 95** Edificado, p. 75

–**figura 96** Planta de Nagasáqui indicação de Zonamento, principais vias e portos, p. 76

–**figura 97** Talude, p. 77

–**figura 98** Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo, onde está representada a linha costeira oeste, p. 77

–**figura 99** Via Económica, p. 77

–**figura 100** Zonamento, p. 78

–**figura 101** Detalhe de Cartografia de 1801, p. 78

Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>

–**figura 102** Pintura do Século XIX de Nagasáqui, p. 78

Fonte: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:NagasakiNavalTrainingCenter.jpg>>

–**figura 103** Portos, p. 78

–**figura 104** Fossos, p. 79

–**figura 105** Fosso de Diu, p. 79

–**figura 106** Fossos, zonamento e via religiosa, p. 79

–**figura 107** A Igreja de Todos os Santos encontrava-se num ponto de vigia dos acessos à cidade privilegiado, p. 81

–**figura 108** Igrejas de Todos os Santos e São Paulo e a sua posição no território, p. 82

–**figura 109** Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo (1) e do Templo Todajji (2), p. 83

Fonte: (2) Pet_r; “*The Great Bell at Todai-ji Temple, Nara, Japan*” <http://www.flickr.com/photos/pet_r/2573274601/>, 2008

–**figura 110** Detalhe do Biombo da Igreja do Cabo, p. 83

–**figura 111** Cúpula da Ermida de S. Miguel o Anjo, p. 83

Fonte: JotaCartas <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:S%C3%A3o_Miguel-O-Anjo_Lighthouse_02.JPG>, 2009

–**figura 112** Capela de Nossa Senhora do Socorro, p. 83

Fonte: Josecolon <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Capela_Socorro.JPG>

- figura 113** Detalhe de biombo do séc. XVII de Edo e detalhe do Biombo da Igreja do Cabo, p. 84
- figura 114** Complexo Jesuíta, p. 84
- figura 115** Vista aérea de Nagasáqui Câmara Municipal, p. 85
Fonte: Google Maps <<http://maps.google.com>>
- figura 116** Localização da Misericórdia de Nagasáqui, p. 85
- figura 117** Eixo Visual entre a Capela de Santa Maria do Monte e a Igreja de S. Paulo sobreposta à via religiosa, p. 85
Fonte: Nichibunken Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 118** As Igrejas como sistema defensivo de Nagasáqui, p. 86
- figura 119** Relações Visuais entre as 3 igrejas S. Pedro, S. Paulo e Santa Maria do Monte, p. 87
- figura 120** Eixo Visual entre S. Francisco e S. Domingos, p. 87
- figura 121** Igrejas e Edifícios com funções sociais, p. 88
- figura 122** Eixo Visual entre a Capela de Santa Maria do Monte e a Igreja de S. Paulo e eixo visual entre Santa Clara e S. Paulo, p. 89
- figura 123** Triângulo visual entre Igreja e Hospital de S. Lazaro, Igreja e Hospital de S. Tiago e Misericórdia, p. 89
- figura 124** Localização de Dejima, p. 91
- figura 125** Fundações de Wakaejima, visíveis quando a maré está baixa, p. 91
Fonte: <<http://en.wikipedia.org/wiki/File:Wakae-island.jpg>>, 2008
- figura 126** As Igrejas como sistema defensivo de Nagasáqui, p. 92
- figura 127** Dejima (rosa) e o novo centro administrativo do poder central, p. 93
- figura 128** Detalhe de Cartografia de 1801 com Dejima e o Bairro Chinês, p. 93
- figura 129** Gravura de Dejima de 1669, por Arnold Montanus, p. 93
Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Dejima_arnoldus_montanus_1669.jpg>, 2009
- figura 130** Planta de Dejima durante a ocupação holandesa, p. 94
- figura 131** Planta holandesa de Dejima de 1828, p. 94
Fonte: Nichibunken Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 132** Tōnkazu emaki (pintura em rolo) de Dejima Yūshi Ishizaki, p. 94
Fonte: JIMUSHO, Kōmei; “Kasutera tokuhon : castella fukko sōshin Fukusaya”, Nagasáqui: Kabushiki Kaisha Kasutera Honke Fukusaya, 2005
- figura 133** Detalhe de Tōnkazu emaki (pintura em rolo) de Dejima, p. 95
- figura 134** Pintura de Dejima possivelmente posterior a 1780, p. 95
Fonte: Nichibunken Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 135** Imagem satélite de Dejima actual, p. 96
Fonte: Google Maps <<http://maps.google.com/>>

7. BIBLIOGRAFIA

- figura 136** Dejima nos dias de hoje, p. 97
Fonte: Jonathan Mills; “*Dejima is no longer an island*” <<http://jpamills.wordpress.com/2013/01/31/japan-part-3-whistlestop-tour-of-the-land-of-the-rising-sun/>>, 2013
- figura 137** Mapa do Japão, p. 107
- figura 138** Interior de Casa do período Jōmon, p. 107
Fonte: Heritage of Japan; “*Jomon architecture*” <<http://heritageofjapan.wordpress.com/just-what-was-so-amazing-about-jomon-japan/ways-of-the-jomon-world-2/jomon-architecture/>>, 2013
- figura 139** Sannai Maruyama, p. 108
Fonte: Wonderland Japan WAttention; “*Jomon Period, the roots of Japan*” <<http://www.wattention.com/archives/jomon-period-the-roots-of-japan/>>
- figura 140** Reconstrução de Yoshinogari - Torre de Vigia e habitações, p. 108
Fonte: STA3816 <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yoshinogari.jpg>>
- figura 141** Haniwa, séc. VI, Museu de Tóquio, p. 108
Fonte: sailko <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Periodo_kofun,_haniwa,_guerriero_con_armadura_keiko,_VI_sec,_01.JPG>
- figura 142** Vista aérea de Kofun em Nara, p. 109
Fonte: Ministry of Land, Infrastructure, Transport and Tourism of Japan; “*National Land Image Information (Color Aerial Photographs)*” <<http://w3land.mlit.go.jp/WebGIS/>> © Ministry of Land, Infrastructure, Transport and Tourism, 2013
- figura 143** Reconstrução de Portão do Castelo Ki, 2004, p. 109
Fonte: Reggaeman; “*Kinojō Nishi mon*” <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Kinojo_Nishimon.JPG>, 2005
- figura 144** Retrato de Fujiwara no Michinaga (séc. XVII), p. 112
Fonte: Kikuchi Yōsai; “*Wise Personages Past and Present*” <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Fujiwara_Michinaga.jpg>, 2013
- figura 145** Parte de rolo manuscrito que ilustra a Rebelião Heiji (séc. XIII), p. 113
Fonte: Google Art Project; “*Illustrated Tale of the Heiji Civil War: Scroll of the Imperial Visit to Rokuhara*”, Tokio National Museum <<http://www.google.com/culturalinstitute/asset-viewer/illustrated-tale-of-the-heiji-civil-war-%EF%BC%9A-scroll-of-the-imperial-visit-to-rokuhara/vQHjIQ9Rd11v-Q?projectId=art-project>>, 2013
- figura 146** Yukio-e representando a batalha de Dan-no-ura, uma das maiores batalhas marítimas da Guerra Genpei (período de Edo), p. 113
Fonte: The British Museum; “*Dan-no-ura o-kassen do zu*” <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3278824&partId=1>, 2008, © Trustees of the British Museum
- figura 147** Alegado retrato de Minamoto no Yorimoto (cópia de original do séc. XII), p. 113
Fonte: Jingo-ji temple in Kyoto; “*Alleged Portrait of Yoritomo*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Minamoto_no_Yoritomo.jpg>, 2013
- figura 148** Retrato do imperador Go-Daigo (séc. XVI), p. 114
Fonte: Asahi Shinbun-sha; “*Miru Yomu Wakaru Nihon No Rekishi 2 Chusei*” <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Emperor_Godaigo.jpg>, 1993
- figura 149** Retrato de Ashikaga Takauji, p. 115
Fonte: “*Portrait of Ashikaga Takauji or Kō no Moronao*” <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Ashikaga_Takauji.JPG>, 2008

- figura 150** Guerra Ōnin representada por Kamonnosuke Hisakuni, p. 115
 Fonte: The Samurai Archives; “*Ouinin no ran*” <<http://wiki.samurai-archives.com/index.php?title=File:Ouininnoran.jpg>>, 2013
- figura 151** Mapa do Japão no período Muromachi, p. 116
- figura 152** Retrato de Toyotomi Hideyoshi, p. 117
 Fonte: “*Toyotomi Hideyoshi*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Toyotomi_Hideyoshi.jpg>, 2013
- figura 153** Shukubamachi de Ōuchi-juku em Fukushima, p. 127
 Fonte: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ja-fukushima-ohuchijuku-4.jpg>>, 2013
- figura 154** Estátua de Buda do templo Tōdai-ji, em Nara, p. 127
 Fonte: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:NaraTodaijiDaibutsu0212.jpg>>, 2013
- figura 155** Templo Todaiji em Nara, p. 127
 Fonte: 663highland; “*Todaiji in Nara, Nara prefecture, Japan*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Daibutsu-den_in_Todaiji_Nara02bs3200.jpg>, 2013
- figura 156** Gokaidō, p. 128
- figura 157** Minatomachi de Shukunegi em Sado, Niigata, p. 129
 Fonte: JH0WJF; <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sado_Shukunegi.jpg>, 2010
- figura 158** Termas de Tsurunoyu que datam do período de Edo, p. 129
 Fonte: Markmark28; “*The Outdoor bath at Tsurunoyu Onsen, Akita Prefecture*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tsurunoyu_onsen_rotenburo2.JPG>, 2013
- figura 159** Planta de Khanbaliq, actualmente Pequim, p. 139
 Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_of_Cambaluk.jpg>, 2013
- figura 160** Planta de Chang’an, p. 140
 Fonte: <<http://classconnection.s3.amazonaws.com/1867/flashcards/872572/jpg/changan.jpg>>, 2013
- figura 161** Planta de Chang’an, p. 141
 Fonte: <http://www.drben.net/files/China/City/Xian-Shaanxi-iFiles-All/Xian_Maps/Historic/Map-Chang_An-Tang_Dynasty_Capital01B.jpg>, 2013
- figura 162** Planta de Heijokyō, p. 142
 Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/_kkebluwVS_o/TInbtnEcell/AAAAAAAAAJs/VNxQxv4hpAs/s1600/slide0022_image106.jpg>, 2013
- figura 163** Planta de Heiankyō, p. 143
 Fonte: Nichibunken Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 164** Mapa de Heiankyō, copiado por Kouan Mori, 1750, p. 144
 Fonte: Mori Koan; “*Plan of Heiankyo*” <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan_of_Heiankyo.jpg>, 2009
- figura 165** Mapa de Heiankyō e sua inserção no território, p. 145
 Fonte: <http://25.media.tumblr.com/tumblr_lu5p6mCjO11qe0nlvo1_1280.jpg>, 2013
- figura 166** Mapa de Edo - Raizan Takai, Shouko dou, 1844-1848, p. 146
 Fonte: University of Texas Library; Perry-Castañeda Library Map Collection <<http://www.lib.utexas.edu/maps/historical/edo.html>>, 2013

7. BIBLIOGRAFIA

- figura 167** Esquema de Zonamentos de Sunpu, actual Shizuoka, p. 147
Fonte: <http://www.shizuoka-cvb.or.jp/oogoshoh400/study/04_07.htm>, 2013
- figura 168** Detalhe do mapa *‘Taboas geraes de toda a navegação, divididas e emendadas por Dom Ieronimo de Attayde com todos os portos principaes das conquistas de Portugal delineadas por Ioão Teixeira cosmographo de Sua Magestade, anno de 1630’*, p. 149
- figura 169** Projecto do engenheiro holandês M. Hool para a construção de um forte no seio da cidade de Cochim após a sua conquista, 1663, p. 150
- figura 170** Diu por Pedro Barreto de Resende, 1635, p. 151
- figura 171** Fortaleza de Calecute, segundo Gaspar Correia, 1550, p. 152
- figura 172** Ilustração de Malaca, Gaspar Correia, 1540, p. 153
- figura 173** Planta da Fortificação de Malaca, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 154
- figura 174** Perspectiva Aérea da Fortificação de Malaca, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 155
- figura 175** Perspectiva Aérea da Fortificação de Malaca, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 156
Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *“Reviver Malaca - Malaca a Revival”* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, IX
- figura 176** Planta da Fortaleza de Malaca, Manuel Godinho de Erédia, 1604, p. 157
- figura 177** Fortaleza de Malaca, Atlas de Viena, 1622, p. 158
Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *“Reviver Malaca - Malaca a Revival”* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, X
- figura 178** Planta da Fortificação de Malaca, António Bocarro, 1635, p. 159
Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *“Reviver Malaca - Malaca a Revival”* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, XI
- figura 179** Gravura de Malaca tardia, Faria e Sousa, 1666, p. 160
Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *“Reviver Malaca - Malaca a Revival”* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, XII
- figura 180** Plan de la Ville et Fortresse de Malaca, 1750, p. 161
Fonte: LIMA, Alfredo Viana de; *“Reviver Malaca - Malaca a Revival”* 1ª edição, Porto: Figueirinhas, 1988, XIII
- figura 181** Ilustração de Macau, Theodoro De Bry, aprox. 1606-1607, p. 162
Fonte: *“Scripta Nova: REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES”* Vol. X, nº 218, Barcelona: Universidad de Barcelona, <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-53.htm>>, 2006
- figura 182** Mapa de Macau, Manuel Godinho de Erédia, aprox. 1615-1622, p. 163
Fonte: *“Scripta Nova: REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES”* Vol. X, nº 218, Barcelona: Universidad de Barcelona, <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-53.htm>>, 2006
- figura 183** Planta de Macau, Barrero de Resende, 1635, p. 164
Fonte: *“Scripta Nova: REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES”* Vol. X, nº 218, Barcelona: Universidad de Barcelona, <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-53.htm>>, 2006

- figura 184** Planta de Macau incluída no Atlas manuscrito de Johannes Vingboons, 1665, p. 165
 Fonte: “*Scripta Nova: REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES*” Vol. X, nº 218, Barcelona: Universidad de Barcelona, <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-53.htm>>, 2006
- figura 185** Cartografia de Kyūshū, 1813, p. 167
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 186** Cartografia do período de Kan’ei (1624-1643), Reprodução de 1884, p. 168
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 187** Cartografia de Nagasáqui, 1801, p. 169
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 188** Cartografia de Nagasáqui, 1802, p. 170
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 189** Cartografia de Nagasáqui, 1821, p. 171
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 190** Nagasaki Soutyo Ezu, p. 172
 Fonte: Cedida pelo Departamento de Restauo de Dejima da Câmara Municipal de Nagasáqui
- figura 191** Biombo Nanban - Igreja do Cabo, p. 173
 Fonte: JIMUSHO, Kōmei; “Kasutera tokuhon : castella fukko sōshin Fukusaya”, Nagasáqui: Kabushiki Kaisha Kasutera Honke Fukusaya, 2005
- figura 192** Planta actual de Nagasáqui e Dejima, escala 1:10 000, p. 174
 Fonte: Cedida pelo Departamento de Planeamento Urbano da Câmara Municipal de Nagasáqui
- figura 193** Gravura de Dejima de 1669, por Arnold Montanus, p. 175
 Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Dejima_arnoldus_montanus_1669.jpg>, 2009
- figura 194** Planta holandesa de Dejima de 1828, p. 176
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 195** Planta de Dejima, Cópia de Baba Kaken, 1838, p. 177
 Fonte: Cedida pelo Departamento de Restauo de Dejima da Câmara Municipal de Nagasáqui
- figura 196** Planta de Dejima, 1868, p. 178
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>
- figura 197** Planta de Dejima, 1887-1889, p. 179
 Fonte: Nichibun Database <<http://www.nichibun.ac.jp>>

